



**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo
Mestrado Profissional em Jornalismo**

**O Mito, a Mulher, a Ciranda:
Lia de Itamaracá em livro-reportagem**

Marcelo Henrique Andrade

João Pessoa/PB
Agosto de 2018



**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo
Mestrado Profissional em Jornalismo**

**O Mito, a Mulher, a Ciranda:
Lia de Itamaracá em Livro-reportagem**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial ao exame de defesa de dissertação. Área de concentração: Produção Jornalística; Linha de Pesquisa: Processos, Práticas e Produtos.

**Marcelo Henrique Andrade
Orientador: Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva**

João Pessoa/PB
Agosto de 2017



**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo
Mestrado Profissional em Jornalismo**

O exame de defesa de dissertação de mestrado de Marcelo Henrique Andrade, intitulado “O Mito, a Mulher, a Ciranda: Lia de Itamaracá em livro-reportagem” foi _____ pela banca examinadora.

Orientador - Professor Dr. Luiz Custódio da Silva (UFPB)

Examinadora - Professora Dra. Zulmira Nóbrega (UFPB)

Examinador – Professor Dr. Roberto Faustino (UEPB)

João Pessoa, _____ de setembro de 2018.

Às Rosas, minha mãe e minha avó, pelo amor incondicional e pela contribuição na construção do caráter do homem que me tornei.

AGRADECIMENTOS



À Lia de Itamaracá, o motivo maior para que essa história real pudesse ser narrada. Pelas horas de paciência e pela incansável vontade em contribuir para a construção deste relato.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de elaborar um perfil jornalístico sobre a cirandeira Lia de Itamaracá, artista da cultura popular pernambucana. A proposta é narrar a história da cirandeira seguindo os conceitos do Jornalismo Literário, elaborando fragmentos importantes da vida de Lia de Itamaracá em relatos aprofundados e reunidos em um Livro-Reportagem. Este trabalho produzido como requisito para o título de mestre do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, está dividido em duas partes: um material teórico e a obra propriamente dita, ou seja, o livro-reportagem, como resultado de um trabalho de pesquisa empírica e documental. Dentro do contexto teórico, faz-se uma abordagem acerca da subjetividade, jornalismo literário, livro-reportagem, perfis, história de vida, cultura popular e ciranda. Já o livro-reportagem está construído dentro de uma narrativa jornalística, relatando a história de vida e a carreira artística de Lia, que é considerada a Rainha da Ciranda e a maior cirandeira em vida do país. Aqui estão reunidos retratos narrativos, depoimentos acerca do personagem investigado, dados históricos, análise de coberturas jornalísticas e a própria visão da artista sobre si mesma. Numa visão teórica, o objetivo deste trabalho é compreender as nuances do perfil jornalístico em livro-reportagem, como aprofundamento e desdobramento da reportagem, traçando relatos reais de uma personagem viva. A ideia se justifica na necessidade de traçar essa história de vida muito além de algumas páginas de jornal ou revista, em um produto de maior abrangência e espaço para a elaboração de um perfil.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Livro-reportagem; Cultura Popular; Lia de Itamaracá.

ABSTRACT

The present work has the objective of elaborating a journalistic profile about the female singer Lia de Itamaracá, an artist of popular culture in Pernambuco. The proposal is to narrate the story of the cirandeira following the concepts of Literary Journalism, elaborating important fragments of the life of Lia de Itamaracá in deep reports and gathered in a Book-Reportage. This work produced as a requirement for the title of master of the Graduate Program in Journalism, is divided into two parts: a theoretical material and the work itself, ie the book-report, as a result of an empirical research work and documentary. Within the theoretical context, one approaches the subjectivity, literary journalism, book-article, profiles, life history, popular culture and ciranda. Already the book is built within a journalistic narrative, telling the life story and artistic career of Lia, who is considered the Queen of the Ciranda and the greatest dancer in the country's life. Here are gathered narrative portraits, testimonies about the investigated character, historical data, analysis of journalistic coverage and the artist's own view of herself. In a theoretical view, the objective of this work is to understand the nuances of the journalistic profile in book-reporting, as a deepening and unfolding of the report, drawing real accounts of a living character. The idea is justified in the need to trace this life story well beyond some pages of newspaper or magazine, in a product of greater scope and space for the elaboration of a profile.

Keywords: Literary Journalism; Book-report; Popular culture; Lia of Itamaracá.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Unhas pintadas de Lia de Itamaracá.

Figura 2 – Moldura com fotografia de Dona Matilde na parede da exposição a Ilha e a Ciranda.

Figura 3 – Casa da Família Monteiro de Barros.

Figura 4 – Fotografia de Antônio Baracho em reportagem do Diário de Pernambuco em 1975.

Figura 5 – Lia em foto histórica com Janaína Albuquerque nos braços.

Figura 6 – Fotografia histórica de Lia no balcão do Bar Sargaço.

Figura 7 – Capa do LP Rainha da Ciranda, de 1977.

Figura 8 – Lia e o marido Toinho.

Figura 9 – Jornal do Comércio de maio de 2001. Reportagem sobre Lia e a filha adotiva Chica.

Figura 10 – Lia na cadeira de balanço no terraço de sua casa.

Figura 11 – A cirandeira em foto do Diário de Pernambuco, durante depoimento sobre a morte de Reginaldo Rossi.

Figura 12 – A cantora caminhando sobre as areias da Praia de Jaguaribe, em Itamaracá.

Figura 13 – Lia durante o preparo da merenda dos estudantes da Escola de Jaguaribe.

Figura 14 – A ex-merendeira tratando peixe para o almoço dos alunos.

Figura 15 – A Escola Estadual de Jaguaribe, que já foi denominada Escola Reunidas de Jaguaribe, em Itamaracá.

Figura 16 – Crianças em uma roda de ciranda na praia de Itamaracá.

Figura 17 – A cirandeira em palestra para estudantes da Escola Estadual Pradines, na Ilha.

Figura 18 – Lia caminhando na beira do mar em Itamaracá.

Figura 19 – Foto histórica de Lia em um barco na Praia do Sossego.

Figura 20 – Reportagem da Folha de Pernambuco sobre o Abril Pro Rock de 1998.

Figura 21 – Reportagem do Jornal do Comércio sobre o Abril Pro Rock de 1998.

Figura 22 – Reportagem do Jornal do Comércio sobre o lançamento do primeiro CD, o Eu Sou Lia.

Figura 23 – Capa do CD Eu Sou Lia.

Figura 24 – Lia em foto na Torre Eiffel, em Paris.

Figura 25 – Capa do CD Eu Sou Lia, da gravadora francesa Arion.

Figura 26 – Banner sobre o show de Lia, em Paris.

Figura 27 – Folha de Pernambuco sobre retorno de Lia à Ilha após turnê na Europa.

Figura 28 – Jornal El Faro, de Cartagena, na Espanha.

Figura 29 – Dona Marlene e Lia na “Calçada da Fama”.

Figura 30 – Caixa dos Correios da residência da artista.

Figura 31 – Lia e camiseta com imagem do ex-presidente Lula.

Figura 32 – Lia na solenidade de entrega da Medalha do Mérito Cultural, em Brasília.

Figura 33 – Lia e o produtor cultural Roger de Renor em evento no Recife Antigo.

Figura 34 – Lia e a cantora Marisa Monte antes de show no Teatro Guararapes, em Olinda.

Figura 35 – Lia e o músico Carlos Zens.

Figura 36 – Lia e a percussionista Ganga Barreto.

Figura 37 – O percussionista em oficina de percussão para crianças e adolescentes do bairro de Jaguaribe, em Itamaracá.

Figura 38 – Gravação de reportagem para a TV Globo no Centro Cultural Estrela de Lia.

Figura 39 – Noite de ciranda no Centro Cultural.

Figura 40 – Situação atual de abandono do Centro Cultural.

Figura 41 – Capa do CD Ciranda de Ritmos.

Figura 42 – Rincon Sapiência e Lia de Itamaracá dividindo o palco do Festival Coquetel Molotov, no Caxangá Golf Clube, em 2017.

Figura 43 – Reportagem da Folha Online sobre o encontro do rapper Rincon Sapiência no Festival Coquetel Molotov.

Figura 44 – Boneca gigante de Lia de Itamaracá na exposição dos Correios, em Recife.

Figura 45 – Figurino de Lia exposto na mostra.

Figura 46 – Público conferindo a exposição.

Figura 47 – Lia na gravação de um documentário na Praia de Jaguaribe.

Figura 48 – Cena do filme Recife Frio, de Kléber Mendonça Filho.

Figura 49 – Lia ao lado dos músicos em show em São Paulo.

Figura 50 – Saxofonista Tom Jaime.

SUMÁRIO

Introdução	11
Cap.1 – Lia de Itamaracá	16
Cap.2 – Cultura popular e ciranda	19
Cap.3 – Lia em livro-reportagem. Por quê?	23
Cap.4 – Procedimentos metodológicos	33
Cap.5 – O produto: roteirização	39
Cap. 6- Os entrevistados no universo de Lia	41
Resultados	43
Bem-vindos à ciranda de Lia	43
Quem é essa negra?	47
O Reino de Lia	74
Um recomeço	97
Uma ilustre popular	118
O apogeu e o declínio de um sonho	145
Por onde anda Lia	159
Considerações finais	183
Referências	186

INTRODUÇÃO

O avião estava para decolar. Era um voo entre Petrolina, no sertão pernambucano, e Salvador, capital baiana. Antes da decolagem, vivenciei uma cena comum. Uma passageira ao lado iniciou uma conversa habitual. Reclamou da companhia aérea, falou sobre o calor comum de Petrolina e explicou o que faria no destino do voo. Fiz o mesmo. Apresentações concluídas, continuamos a conversa. Disse que era natural da Ilha de Itamaracá, mas que vivia em Petrolina. O ano era 2010, meses após a conclusão do curso de jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Estava em Petrolina já no exercício da profissão de jornalista, como repórter da TV Grande Rio, afiliada da Rede Globo no sertão de Pernambuco. Após afirmar a cidade natal, a companheira de voo se surpreendeu por um fato curioso. Disse ela que tinha um grande desenho: conhecer a Ilha de Itamaracá, já que deu à primeira filha o nome de uma lenda existente na minha cidade: Lia. “Lenda, como assim?”, questionei. Ela explicou. Ratifiquei e contei parte da real história sobre Lia de Itamaracá. Os versos “Estava na beira da praia ouvindo as pancadas das ondas do mar, essa ciranda quem me deu foi Lia, que mora na Ilha de Itamaracá”, escritos pela compositora Teca Calazans na década de 1960 fizeram muitas pessoas creem que Lia de Itamaracá fosse um mito, uma lenda da cidade do litoral de Pernambuco. Apesar da fama que possui, o que vamos abordar mais a frente, Lia ainda é “desconhecida” no próprio reino e talvez por esse fato, ainda seja acreditada como uma lenda. O voo chegou ao destino e a passageira desceu da aeronave tendo a certeza que precisava conhecer Lia de Itamaracá.

Diante deste relato, surgiu-se a necessidade de traçar a história de Lia de Itamaracá em um produto maior, mais abrangente e que não fosse somente uma reportagem de meia página em um jornal ou em algumas laudas de revista. Há histórias que não cabem em uma edição de jornal, mas cabem em um livro. Lia, como um personagem vivo, não carece da construção de sua imagem ficcional, mas real. É uma história de vida, um perfil bibliográfico. Sua história cabe, sobretudo, em um livro-reportagem, que vai muito além da

narrativa de um fato isolado, ou de uma notícia sem aprofundamento ou desdobramentos. Um livro-reportagem é, segundo Lima (2004):

[...] O veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Por grau de amplitude superior, se entende maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo.

Diante da conceituação que Lima (2004) faz acerca do produto Livro-reportagem, fica evidente, portanto, que este é o melhor caminho para narrar a história de uma mulher e uma artista, viva, em pleno gozo de suas faculdades mentais e no exercício do ofício que se destinou seguir ainda criança, aos 12 anos. Com um livro-reportagem, pode-se oferecer à Lia a abrangência de sua história, não como uma biografia, que tem suas particularidades, mas como um grande perfil, um relato que seleciona e narra pontos importantes da trajetória de um personagem, com uma linguagem simples, pouco técnica e não-factual. Utiliza-se dos padrões da literatura e do jornalismo literário para fugir das narrativas-fórmula comuns e encontradas diariamente no fazer jornalístico da imprensa, seja na televisão, no rádio ou na internet. O livro-reportagem surge como um horizonte no universo das narrativas, diante de um cenário de crise no jornalismo, campo que sofre impactos dos conglomerados empresariais, pondo em risco sua origem e desdobramentos.

Para construir esse relato, este trabalho desembarca no universo do jornalismo literário e de autores que discutem o gênero, como norte para não fugir das regras e padronização encontrados por essas fontes. Este não é um trabalho autoral livre, mas institucional, já que parte da elaboração de um produto final para obtenção do título de mestre no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa também busca demonstrar-se como original, tendo aspectos ainda não abordados em outros relatos sobre a artista Lia de Itamaracá, uma vez que em nenhum outro momento qualquer pesquisador se debruçou em sua história e a expôs em um Livro-reportagem. A afirmação é de Lia, objeto central dessa pesquisa. A subjetividade, discussão ampla do jornalismo, entrará em cena durante toda a construção da narrativa, já que a utilização da primeira pessoa é primordial para transformar esse produto em um material diferenciado. O autor, que

também tem o papel de narrador-observador, acompanha os passos da artista, analisa o seu entorno, e interfere em suas falas, como parte do senso curioso, oferecendo mais percursos para um texto original e interessante. A elaboração deste trabalho justifica-se na necessidade de contar a história de Lia de Itamaracá de maneira não-ficcional, como é o jornalismo, dedicado a contar histórias reais.

O objetivo geral do livro-reportagem é narrar a história de Lia, respeitando os conceitos de livro-reportagem, jornalismo literário, grande reportagem, novo jornalismo e subjetividade. Entre os objetivos específicos, tem-se a necessidade de identificar sua história, sua origem, o começo da vida artística, a família, as dificuldades vividas, a fama, as honrarias, os projetos sociais, o trabalho como merendeira, a fé e religião, a composição das canções e a relação com a ciranda, etc. Ainda nos objetivos específicos, levanta-se a discussão do livro-reportagem como caminhos para o jornalismo contemporâneo e como espaço para as grandes coberturas, grandes relatos e reportagens especiais. Aborda-se o jornalismo literário, seu movimento e disseminação como produto do mercado da literatura.

Porém, para chegar às perguntas estabelecidas para o caminho desta pesquisa, os procedimentos e instrumentos metodológicos têm característica documental, pois utilizam-se da coleta de dados, como matérias em jornais, revistas, material de exposição, discos, *cd's*, documentários, pôsteres de apresentações, etc; os procedimentos também têm característica bibliográfica, uma vez que possuem amparo na consulta bibliográfica de livros e artigos científicos sobre o gênero jornalismo literário e o produto livro-reportagem. Foram analisados e discutidos os pensamentos de autores como Edvaldo Pereira Lima, Simão Farias Almeida, Eduardo Belo, entre outros pesquisadores que abordaram as características de livro-reportagem. Como exemplo de narrativas do gênero, analisamos obras de autores como Caco Barcellos, Truman Capote, Euclides da Cunha, John Hersey e Daniela Arbex.

A reportagem, ou melhor, a reportagem aprofundada é o primeiro passo para a construção de livros-reportagem, produzidos com as mesmas ferramentas e preparações de uma grande matéria: investigação, análise de dados, entrevistas, confrontações e abordagens práticas dentro do universo do objeto que está sendo estudado. Neste campo de compreensão e debate,

adentramos os apontamentos de autores e pesquisadores na área do jornalismo e do gênero reportagem como José Salvador Faro, Leandro Fortes e Ricardo Kotscho. Além de Nilson Lage e Dimas Kunsch. São especialistas na área da comunicação que se aproximaram da definição do gênero reportagem, suas nuances e como esse perfil se apresenta. A cultura popular e a ciranda, absolutamente relacionados ao cenário da personagem que propomos retratar neste trabalho também estão apresentados sob a ótica teórica de autores como Leônidas Ferreira, Renato Ortiz e Roque de Barros Laraia. O universo de Lia de Itamaracá está rodeado de elementos naturais e antropológicos, como o povo, o mar, a areia da praia, as belezas naturais, os pescadores, a poesia e a música. E tudo isso está reunido no lugar onde vive, sobretudo. No entanto, a Ilha de Itamaracá, esse cenário maior, é pouco explorado na literatura, mas está abordado nas páginas de autores como Josete Cavalcante e José Lopes.

No entanto, o maior princípio dos resultados que aparecem no fim deste material, foi o caminho exploratório da pesquisa de campo, como a observação-participante e as próprias entrevistas com Lia de Itamaracá e fontes do seu universo. É a partir e, sobretudo, desse método que o texto torna-se original. A entrevista, técnica absolutamente relacionada ao exercício do jornalismo e do papel do repórter, produziu o efeito da narrativa detalhada do livro-reportagem. Sem a entrevista em profundidade, inclusive, o objeto central dessa investigação não estaria tão bem construído na narrativa. Também discutimos com autores como Jorge Duarte, Millor Fernandes e Thaís Oyama o papel da entrevista e os resultados a partir dela em uma pesquisa empírica.

Assim, utilizando recursos metodológicos, propomos explicar quatro questões apontadas no título desta pesquisa: 1. Lia de Itamaracá; 2. O mito que Lia representa e se tornou enquanto referência no que faz. Sobre mito, inclusive, Oliveira (2002), faz uma descrição a respeito:

O mito faz parte das narrativas dos tempos fabulosos ou heroicos e, muitas vezes, envolve seres encarnadores das forças da natureza. Herança dos nossos colonizadores europeus, a ciranda também forjou o seu mito. E, de tal modo, o sedimentou e o cercou de fantasia, que, ao me despertar com a sua materialização, perguntei surpresa: Existe? Ela existe? (OLIVEIRA, 2018, p.1).

Em continuidade, também respondemos ao item 3 do título deste material: a mulher que é, sua vida pessoal, a mãe, a esposa, a merendeira e a moradora de um espaço; e 4. A ciranda: o trabalho que desenvolve como artista, a carreira que construiu e a trajetória que ainda trilha como uma artista de raiz da cultura popular.

CAPÍTULO 1 – LIA DE ITAMARACÁ

Foi a partir dos versos “*Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá*”, escritos pela compositora Teca Calazans na década de 1960, que Maria Madalena Correia do Nascimento, mais conhecida como Lia, se tornou a maior cirandeira do Brasil. A música fez muito sucesso, mas as pessoas de várias partes do Brasil ainda acreditam que Lia de Itamaracá é uma lenda. No entanto, Lia existe. Dornelas (2016), descreve:

A maior representante do gênero Ciranda é Maria Madalena Correia do Nascimento, conhecida nacionalmente por Lia de Itamaracá. Nascida em 12 de Janeiro de 1944, foi a única de 22 filhos a se dedicar a música. Ainda criança, com cerca de 12 anos, passou a frequentar rodas de ciranda. (DORNELAS, 2016, p. 21).

Andrade (2008), acrescenta:

A negra simples tem 1,80m de altura, tem uma garra de causar inveja e continua vivendo em sua terra natal: a Ilha de Itamaracá, distante 47km do Recife. Lia tem 73 anos de idade e começou a cantar aos 12. As primeiras apresentações aconteceram em bares da cidade, até gravar o primeiro LP, em 1977. (ANDRADE, 2008, p.63).

O primeiro LP, ao qual me refiro numa reportagem para a Revista Nordeste em 2008 é o “Rainha da Ciranda” (1977), pelo qual nunca recebeu qualquer centavo pela obra. A retribuição foi uma caixa com vinte e cinco cópias. Esta, como estará pontuada no livro-reportagem, é uma das fases mais conturbadas da vida de Lia. Ela foi lesada pelo primeiro produtor cultural que acompanhou os passos iniciais de sua carreira difícil. “Lia também ficou esquecida, apesar do sucesso dos primeiros anos”. (ANDRADE, 2008, p.63). Durante algum tempo, ela só fazia apresentações em festas dentro da cidade de Itamaracá e raramente era convidada para fazer shows fora da Ilha. No entanto, ela foi redescoberta em 1977, pelo atual produtor, Beto Hees. Lia deu uma guinada e não parou mais de realizar apresentações no Brasil e no exterior. Como partes desse reinício de trajetória, Andrade relembra:

Entrando com o pé direito e com aplausos calorosos, a cirandeira fez os roqueiros abrirem uma grande roda de ciranda no Festival Abril Pro Rock; em 200, com o lançamento do CD “Eu sou Lia”, ela fez uma turnê pelo Brasil e pela Europa, que lhe rendeu o título de ‘Diva da música Negra’, pelo jornal The New York Times. [...] Em 2005, recebeu a comenda de Patrimônio Vivo de Pernambuco, conferido pelo Governo do Estado. Com o reconhecimento, recebe uma bolsa vitalícia pela supervalorização cultural. (ANDRADE, 2008, p.63)

O título veio seguido de outro: Lia recebeu das mãos do presidente Luís Inácio Lula da Silva, a medalha da Honra e Mérito Cultural da Presidência da República. “Ela nunca imaginou que viraria uma estrela. Abraçou o Presidente e disse pra ele que não esquecesse de quem ela era, de onde vinha. Lembrou que também era merendeira” (ANDRADE, 2016.). Hoje Lia está aposentada, mas foi como merendeira de uma escola da rede estadual de ensino, no mesmo bairro onde mora, que Lia sustentou dois filhos adotivos e esperou o sucesso chegar, mesmo sem saber se ele viria um dia.

No mesmo ano em que recebeu as homenagens, Lia de Itamaracá também realizou um grande sonho. Ela conseguiu erguer e inaugurar o Centro Cultural Estrela de Lia, o Espaço Cultural que sempre sonhou em construir, mas hoje está abandonado, um fragmento de sua carreira também explorado no livro-reportagem. O espaço recebia visitantes e locais para rodas de ciranda e coco nos finais de semana e ofereceu cursos gratuitos de percussão, culinária, cerâmica, artesanato e malabarismo para a comunidade. Lia estava realizando um sonho e ajudando jovens na faixa de vulnerabilidade social a ter contato com a cultura e as artes. “Ela concretizei um sonho de ter um lugar pra cantar sua ciranda e deixar algo para a juventude do seu lugar”. (ANDRADE, 2016) No entanto, o sonho, que chegou a ser um ponto de cultura do Ministério da Cultura, ruiu. O declínio começou em 2010. Sem apoio, foi preciso fechar o espaço, cessar as cirandas dos sábados e encerrar as atividades educativas com os jovens. Em 2014, a situação piorou ainda mais. Com as fortes chuvas e a estrutura enfraquecida, tudo desmoronou e se transformou numa área vazia e com o resto do que sobrou do Centro Cultural. Lia está há dois anos em uma campanha para arrecadar fundos e reconstruir o Espaço. Conseguiu recursos através de uma emenda parlamentar, mas o dinheiro não foi suficiente e a campanha continua aberta para a reconstrução do Centro.

Lia de Itamaracá é, sem dúvida alguma, a filha mais ilustre da Ilha de Itamaracá. Dornelas (2016), pontua:

As cirandas de Lia de Itamaracá são cantadas por muitos, é referencial da cultura em Pernambuco. Lia até hoje vive em Itamaracá e descarta a possibilidade de deixar sua terra, pois é ali, que segundo ela, suas inspirações surgem para compor suas músicas, expandir sua arte. (DORNELAS, 2016, p.14).

A Ilha de Itamaracá é um dos principais balneários turísticos de Pernambuco, cartão-postal do turismo institucional do estado. Segundo o censo do IBGE de 2013, tem cerca de 24 mil habitantes, 67 km² e é reduto de artistas e visitantes. Mata atlântica, manguezais, engenhos velhos, gente comum, asfalto e a certa altura o mar. A passagem da Ilha de Itamaracá é uma incursão interiorana com sinais paradisíacos. O nome Itamaracá significa *Pedra que Canta*.

Lia vive no Bairro de Jaguaribe e mora em uma pequena casa colorida. No muro, a frase “cartas para Lia” entrega que ali é a residência da filha mais ilustre da cidade. Sempre tem alguém na porta tirando uma fotografia. O som está na maioria das vezes no volume alto, tocando a música de algum outro colega artista de Pernambuco, quando não a própria música. Se ao bater palmas, o curioso não encontra-la, não é preciso ir muito longe. Apesar de se uma das estrelas de Pernambuco, é fácil localizá-la. Quase todas as tardes, quando não tem compromisso com shows, a negra de cabelos de trança afro, está sentada na calçada de alguma amiga antiga. “E é ali que ela pausa a prosa pra tirar uma foto com os turistas que passam”. (ANDRADE, 2016, p.64).

O cenário do universo de Lia, tão bem narrado em suas canções ficará incompleto por aqui para ser explorado nos resultados deste trabalho. Por dois motivos: a fim de não se tornar repetitivo e também pelo fato de que está descrito em várias partes do trabalho jornalístico.

CAPÍTULO 2 – CULTURA POPULAR E CIRANDA

Definir cultura não é uma tarefa simples, já que no próprio percurso das discussões da civilização e do conhecimento, a palavra ganhou diversas definições. Afinal, muitas vezes, restringem a palavra às culturas populares, às manifestações, ao samba, ao maracatu, aos bois Garantido e Caprichoso do norte do país. Entendem, algumas vezes, que cultura é adjetivo, numa espécie de: “isso é cultura”, na idolatria do culto, do ser culto. Por isso, compreendem culturas os eventos, como o teatro, o cinema, a ida à exposição, à intervenção musical.

Há também que se lembrar que as culturas estão relacionadas aos vários grupos e categorias, como a cultura política, cultura econômica, cultura social, entre outras. De toda forma, a definição que mais se aproxima do contexto abordado neste trabalho, compreende o seguinte:

Tomando em seu amplo sentido etnográfico, cultura é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 2006, p.25).

Numa visão aproximada, entendendo cultura como parte intrínseca da sociedade, Chuche (2002, p.21) define que “a cultura é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história”. Marilena Chauí também chama a atenção para a necessidade de alargar o conceito de cultura, tomando-o no sentido de invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais” (CHAUÍ, 1995, p.81).

Diante dessas afirmações, pode-se considerar que cultura é tudo aquilo que se adquire e se desenvolve no meio social em que está. A cultura sempre está em constante mudança devido aos acontecimentos vividos pelo povo. Dornelas (2016, p. 15), diz que “a cultura brasileira, a exemplo, está marcada pela boa disposição e alegria, e isso se reflete também na música, no caso do samba, que também faz parte da cultura brasileira”. Se fôssemos ficar ao redor

do pensamento de Dornelas, que pesquisou cultura como manifestações populares, iríamos enxergar que a cultura é somente isso, a característica do povo, dos brasis dentro do Brasil, como algo colorido, lúdico, hilário. As culturas também se apresentam nos problemas, como a cultura da corrupção, a cultura do “jeitinho brasileiro”, da violência, entre tantas outras culturas que não só expressam essas características.

Mas essa alegria de jeitos, cores e felicidade, definida por Dornelas, que está presente nas manifestações culturais das tradições populares, pelo menos da maneira que ela se apresenta. Durante o processo de construção do trabalho parcial deste programa de mestrado, alcancei o equívoco de não narrar o que também há de dificuldades nas vidas que percorrem as manifestações populares, como o abandono das gestões públicas, o espaço reduzido na mídia, os cachês baixos para artistas ou grupos de raiz e a problemática que os antigos encontram para perpetuar o que produzem em seus povoados e comunidades, já que a modernidade e as criações atuais estão na moda. Nos resultados contidos no livro-reportagem, essa obscuridade estará melhor explicada, o que desconstrói que as manifestações populares de raiz são apenas belas, coloridas e folclóricas.

Entenda-se que cultura popular é aquela que se provém do povo. É o conjunto de características que se criam entre as pessoas que vivem em sociedade. De acordo com Cuche (1999, p. 149) “apesar de não ser suficientes para definí-las, as culturas populares possuem como características fundamentais a resistência à dominação, à provocação e à contestação, elas manipulam de forma irônica as imposições culturais”.

Nós caminhamos em um universo de resistência quando observamos e participamos da ciranda. Essa entidade está presente nas manifestações populares. A ciranda é uma dança de origem portuguesa, que chegando ao Brasil sofreu influências indígenas e negras. Absorveu característica destes povos resultando em uma dança de roda típica do povo nordestino brasileiro. Um gênero de dança e música bem democrático, a ciranda não tem preconceito com cor, raça, idade ou sexo. O objetivo principal é a felicidade de todos, juntos em uma grande roda, de mãos dadas, dançando e cantando. Lia, uma representante e brincante dessa tradição, compreende que a ciranda é um ambiente democrático, capaz de desconstruir preconceitos. Para Lia, a ciranda

também é troca de energia, toque de mãos. Para a cirandeira, a dança imita as ondas do mar. Entenderemos isso no livro-reportagem, onde esse fragmento está mais detalhado.

Teoricamente, para explicar ciranda, Oliveira (2007) complementa:

Ciranda é uma dança de roda de mãos dadas, o vai e vem no balanço do bombo e do zabumba, todos iguais democraticamente entram e saem da roda quando querem. Entram sem pedir licença e saem sem pedir permissão. Ciranda de roda de adultos no Nordeste é diferente da ciranda cirandinha da infância que é cantada no Brasil inteiro. (OLIVEIRA, 2007, p.7).

Etimologicamente, há várias interpretações para a origem da palavra ciranda, mas segundo o Padre Jaime Diniz (*apud* OLIVEIRA, 2007), um dos pioneiros a estudar o assunto, “ciranda vem do vocábulo espanhol *zaranda*”, que é um instrumento de peneirar farinha daquele país e que teria evoluído da palavra árabe *çarand*, como afirma Caldas Aulete no seu dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Entretanto Leite de Vasconcelos associou a palavra ao fato de as mulheres trabalharem juntas em “serões”, e por esta razão grafou-a seranda, e não ciranda (OLIVEIRA, 2007, p. 08). O século XIX foi o momento da invenção das nações e dos Estados contemporâneos e também das tradições que passaram a significar os povos que se reconheciam. Neste momento, o Brasil se definia como Estado, e seu povo criaram tradições que o tornaram reconhecíveis a si mesmo e às demais nações. Foi se reconhecendo nas múltiplas tradições e manifestações culturais que o compõem, tradições trazidas pelos portugueses que se encontraram e fecundaram com as tradições dos índios e com as tradições dos povos africanos.

Pernambuco, região da mais antiga ocupação europeia, foi o local do surgimento de muitas tradições, na dança, na música, incluindo a ciranda. É comum também a execução da ciranda à beira da praia, com a participação dos cirandeiros, de pés descalços, se harmonizando com o balanço das ondas do mar. Na elaboração do livro-reportagem, chamamos a atenção para a realização das cirandas de Lia na beira da praia, o que a artista considera ser seu palco principal, sobretudo com os pés na areia, rodeada de pessoas populares, conhecidos e visitantes. De maneira aprofundada, iremos

desenvolver e discorrer a ciranda de Lia, suas características, letras e o que suas composições significam.

CAPÍTULO 3 – LIA EM LIVRO-REPORTAGEM. POR QUÊ?

Qualquer leitor, por menor que seja seu olhar técnico sobre uma reportagem, já deve ter lido uma matéria no jornal, que despertou um questionamento: “essa história daria um livro, não”? Algumas notícias, pela profundidade de suas histórias, merecem ser desdobradas, melhor apuradas e contadas a partir de diversos ângulos e subjeções. As histórias de vida e os perfis, categorias que iremos abordar mais a frente, possuem essa capacidade de acentuar a curiosidade de quem a enxerga. Algumas reportagens merecem mais que meia página de um jornal, e essa sensação e desejo de subjetivar as histórias, se assim podemos dizer, tem um percurso que foi traçado nas mudanças do fazer jornalístico e de narrar os fatos. Sequeira compartilha desse mesmo pensamento, quando afirma que:

(...) muitas vezes, ao fazer uma reportagem aprofundada, investigativa ou interpretativa, o repórter vai colhendo, ao longo do processo de captação da informação, material documental precioso, que, pelas limitações de espaço impostas pelo jornalismo, seria impossível incluir na edição de um jornal. (SEQUEIRA, 2005, p.52).

Distante do interesse de tratar o surgimento do jornalismo ou da imprensa, mas com o objetivo maior de discutir as mudanças nas narrativas, nos prenderemos a partir daqui a esses fenômenos. Se para SODRÉ (1986), “a notícia é um fato de interesse jornalístico, a reportagem é a narrativa que aborda as origens, as implicações e desdobramentos dos fatos”, bem como apresenta os personagens envolvidos neles, humanizando-os. O que o autor aponta nessa reflexão é que diferentes das notícias, que tem simplesmente o papel de relatar um fato, as reportagens vão além do episódio isolado, ela aprofunda o acontecimento.

Fazendo uma reflexão do que é notícia, ALSINA (1989) entende que “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção do mundo possível”. Mais a frente, SOUSA (2000) atribui um outro pensamento e diz que “caracterizada pela atualidade, a notícia é um bem altamente perecível. Velocidade e renovação são signos fortes da notícia”. Já RODRIGUES (1993) pensa que “não sendo a realidade em si, mas a realidade construída, a notícia é um mega

acontecimento”. O que todos apontam em suas análises é que a estrutura da notícia tem uma forma objetiva, e essa objetividade advém do modelo norte-americano, no período do surgimento das agências de notícias, ainda no período de 1830. Esses mecanismos abasteciam os noticiários, sobretudo os impressos, de informações curtas, mas necessárias para o amplo conhecimento da sociedade da época. Informar-se sobre o fato era a necessidade, até então.

No entanto, as narrativas começaram a ganhar formatos diferentes em períodos mais a frente, justamente quando começam a surgir informações e narrativas que ganhariam o conceito de reportagem. Sobre reportagem, Sodré (1986, p.11) diz que “é uma extensão da notícia e, por excelência, a form-narrativa do veículo impresso”. Antes das reportagens surgirem, Lima (2004) acredita que “a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos”. Mas o que difere as reportagens das notícias meramente notícias? É que toda reportagem pressupõe investigação e interpretação, segundo aponta Lage (2001). Para ele e também na análise de Lima (2004) é a expressão do jornalismo interpretativo, que busca preencher os vazios informativos deixados pela notícia por meio de uma narrativa multiangular composta por ingredientes como contexto (a rede de forças que atuam sobre o fato), antecedentes, projeção de futuro e suportes especializados (quem possui conhecimento sobre o fato), e o perfil dos personagens relacionados ao fato. Para Pessa (2008), a reportagem vai atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido nos textos mais densos, que possibilitam um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia.

Obviamente que as reportagens do início de suas transformações não são como as da atualidade. Em todo o processo de mudança, as narrativas ganharam formatos e experimentações diferentes para serem feitas hoje com mais excelência. De maneira gradual, os primeiros indícios de transformações nos textos das notícias começaram a ser notados entre o início e o fim da

Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como relaciona Pessa (2008, p.01). O período era de crescente profissionalização da imprensa, testada no que se refere à capacidade de informar as pessoas sobre um evento de grandes proporções mundiais. O cenário era de eclosão das características da reportagem, no alvorecer do século XX, sobretudo nos Estados Unidos.

Do episódio da Grande Guerra, ficou a lição e reflexão de que um acontecimento de tal complexidade não pode ser entendido a partir de inúmeros fatos isolados. Era preciso ir ao encontro de crescente demanda de noticiário em profundidade. (KUNSCH apud PESSA, 2008. p. 01).

Depois da Guerra, as reportagens ganharam espaço nos jornais e chegaram às revistas semanais em 1920. O modelo da Revista Time, criada nos Estados Unidos em 1923, influenciou outros veículos em várias partes do mundo. No Brasil, temos o caso da Revista Veja, fundada em 1968. É, ainda, nesta mesma década que um movimento americano foi determinante para o rumo do jornalismo, das novas narrativas do jornalismo e para o surgimento do livro-reportagem, nosso foco de discussão nesse campo teórico, discussão que teremos adiante. O nome do movimento era o *New Journalism* ou Novo Jornalismo, “uma tendência que reviveu a tradição do jornalismo praticado com requintes literários, revigorando a reportagem norte-americana das décadas de 60 e 70”. (PESSA, p. 05). O autor também explica que o “novo” jornalismo buscava um mergulho de corpo e mente para sentir a realidade tanto no aspecto objetivo quanto no que tem nela de subjetivo, de imaterial. As reportagens influenciadas pelo movimento eram marcadas por traços referentes à vida dos personagens. Faro (2009), diz que os textos nascidos na época oferecem a sensação de esgotamento das formas convencionais das narrativas. “O impulso também atingiu a literatura e o jornalismo”. (FARO, 2009, online).

As influências foram inúmeras. No Brasil, um exemplo é o da Revista Realidade, com período de efervescência entre 1966 e 1968. O periódico possibilitava que seus repórteres vivessem integralmente, por dias e semanas, a vida dos personagens retratados. Abrindo parênteses, vale ressaltar que nos tempos atuais, de crise nos veículos de comunicação, poucos são os veículos que abrem espaço para trabalhos além do factual e do jornalismo diário, com

redações mais enxutas, demissões em massa e produtos especiais cada vez mais raros. Voltando à Revista Realidade, Faro (1999), relata que os jornalistas construíaam textos mais literários e discursos subjetivos. É partir de então, que se começa a discutir a relação entre literatura e jornalismo, ou então jornalismo literário. De acordo com a Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), o conceito é o seguinte:

Jornalismo literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo. (ABJL, online).

É interessante lembrar que nem todo jornalismo sobre literatura e nem todo jornalismo publicado em livro é jornalismo literário. Jornalismo com toques de ficção ou ficção com toques de jornalismo são formatos diferentes e não se encaixam neste modelo. (PESSA, 2008, p. 05). Para Amoroso Lima (1969) O jornalismo é uma espécie de literatura desprovida da ficção. Para outros autores, o jornalismo e a literatura têm uma relação próxima, apesar das divergências, como aponta Cosson (2002):

O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as ideias de força, domínio e amplidão de territórios, que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar flores da linguagem no jardim da imaginação. (COSSON, 2002, p.58).

Sobre essa relação, que para alguns autores não é nova, compreende-se que o jornalismo finca suas raízes originárias na literatura. A própria história do jornalismo se confunde com a literatura. *Literatura*, segundo Alex Galeno, advém do latim *literata*, que está relacionado a caracteres ou escritos impressos (GALENO, 2002, p. 102). Entre literatura e jornalismo, não há somente uma relação de proximidade em aspectos semânticos. Rossi compara o jornalismo a uma batalha pela conquista da atenção de seu público. (ROSSI, 2002, p.7). Na literatura e no jornalismo, a palavra escrita torna-se o principal recurso que caracteriza a ação para atrair um sujeito.

Antes de 1930, os jornais utilizavam a literatura apenas para entreter o leitor, através de suas histórias. No entanto, os veículos também passaram a vender boas histórias, histórias de verdade, desprovidas de ficção, mas tão densas e profundas quanto às da literatura de origem. Sendo assim:

O jornalismo absorve elementos do fazer literário, mas camaleão, transforma-os, dá um aproveitamento direcionado a outro fim. (...) E é esta tarefa, a de sair do real para coletar dados e retratá-los, a missão que o jornalismo exige das formas de expressão que passa a importar da literatura adaptando-as, transformando-as. (LIMA, 1995, p.138).

Já falamos aqui sobre a Revista Realidade influenciada pelo Novo Jornalismo, mas uma outra experiência de jornalismo mais aprofundado, esta com características de um jornalismo com viés mais literário teve seu primeiro esboço com a revista O Cruzeiro, de 1928. É o que até hoje pode-se considerar de fenômeno editorial no país. Eduardo Belo, em seu *Livro-Reportagem*, relembra que a revista tinha “a vocação para contar histórias e a ampla elasticidade nos conceitos de ética e exatidão, que permitiam ao público conhecer relatos vividos, muitas vezes fantásticos”. (BELO, 2013, p.28). A publicação se destinou a cobertura de grandes fatos, a construção de perfis de personalidades, como o perfil polêmico de Chico Xavier, entre outras coberturas. A fórmula de O Cruzeiro fez sucesso até os anos 1950, mas o modelo se difundiu para outros veículos e as grandes reportagens, com características literárias, passaram a ser constantes nos periódicos, não à toa grandes escritores passaram pelas redações de jornais, como Carlos Drummond de Andrade e Euclides da Cunha. E foi a partir de reportagens desses jornalistas/escritores que as grandes reportagens, ora publicadas em fragmentos nos jornais, chegaram a tomar o formato de livro, ou seja, de livro-reportagem, embora o conceito ainda não fosse esse e também não tivesse sido discutido, definido ou desenhado até então.

Sobre Livro-reportagem, Belo (2013), conceitua:

É um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e sobre um assunto e representa a mídia mais rica (...) em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2002, p. 41).

Ainda dentro da conceituação, Lima (2004) afirma que o Livro-Reportagem tem amplitude informativa acima dos veículos de comunicação de informação diária. Na análise dele, o gênero vai além na narração de fatos:

O veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Por grau de amplitude superior, se entende maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo.

Inúmeras obras com características do jornalismo literário e definidas como livros-reportagem já foram publicadas pelo mercado editorial, tornando-se referências, a exemplos de Hiroshima (1946), de John Hersey; Relato de um Náufrago (1955), de Gabriel Garcia Márquez; As Veias Abertas da América Latina (1971), de Eduardo Galeano; Olga (1985), de Fernando Morais; Rota 66 (1992) e Abusado (2003), de Caco Barcellos; Chatô, O Rei do Brasil (1994), de Fernando Morais e, evidentemente, A Sangue Frio (1966), de Truman Capote, este último foi aclamado, porém criticado pelos autores que discutem o jornalismo literário e o livro-reportagem, por ter fugido de alguns aspectos e não ter atestado a veracidade de alguns fatos contidos no material.

Anteriormente, citamos que Carlos Drummond de Andrade e Euclides da Cunha foram nomes da literatura que também estiveram no jornalismo. Pontuamos para exemplificar a relação entre jornalismo e literatura. Acontece que há um exemplo nítido do caminho percorrido no processo de migração e influência das grandes reportagens para o livro-reportagem, como relata Belo (2013). O clássico “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, começou a ser concebido a partir de fragmentos de reportagens publicadas no Jornal O Estado de São Paulo, na década de 1980. Belo confirma que, a partir dos relatos de Cunha sobre a Guerra de Canudos, esta obra é o que mais se

aproxima até hoje do que se conhece como jornalismo de literatura, pela riqueza de detalhes na narrativa encontrada na obra e nos fragmentos da reportagem. A partir daí, crônicas de outros autores, como João do Rio, passaram a ocupar os periódicos com as características da literatura, mesmo narrando fatos reais. Os cronistas, jornalistas e escritores elaboraram as narrativas sem se dar conta que estavam amadurecendo o jornalismo literário ou os livros em modelos de livros-reportagem. Sobre esse aspecto, fazendo um apanhado histórico do surgimento do formato, Belo (2013), também define que não há uma data de nascimento para o livro-reportagem. “Muito antes de seu conceito ser empregado nos círculos de acadêmicos ou nas rodas de jornalistas, centenas de narrativas de não-ficção já haviam sido publicadas”. (BELO, 2013, p.19).

Contudo, notemos também que autores como Amoroso Lima, Belo e Lima também se debruçam sobre formato, métodos de construção, conteúdo, narrativas e tipos de livro-reportagem. Sobre formato, Pessa (2008), descreve:

O livro-reportagem pode resultar de simples compilação de reportagens já publicadas ou trabalho feito para o livro, mas concebido e realizado em termos jornalísticos. Ele se distingue dos demais tipos de livro por três condições essenciais: conteúdo, tratamento e função. (PESSA, 2008, p.5).

Se o livro-reportagem pode englobar reportagens já produzidas, mas também pode ser fruto de uma apuração e construção textual inéditas, compreende-se que o material final é denso, característica de uma grande reportagem, receita usada no jornalismo de profundidade, mas não diferente do que é feito diariamente nas redações, na função intrínseca à profissão, que é a apuração. Portanto, sobre o modo de fazer, Belo (2013) explica:

O livro-reportagem requer um levantamento de dados que permita conectar fatos e circunstâncias passados, mas também relacionar acontecimentos aparentemente sem relação direta com o tempo em que a obra trata. (BELO, 2013, p.48).

Neste mesmo sentido, do poder da boa apuração para a elaboração de grandes reportagens ou de um livro-reportagem, partimos da certeza de que

“mais do que simplesmente narrar histórias, a vocação do bom repórter é dimensionar os fatos que conta”. (BELO, 2013, p.2).

Sobre o modo de fazer atrelado a um conteúdo envolvente, Lima (1998) acredita que a escrita precisa ser dinâmica:

Os autores devem, utilizar os mais diferentes artifícios de construção de texto, de modo que haja variação do ritmo narrativo, mudança de certas características do estilo, alterações do ponto de vista – de perspectiva sob a qual o tema em foco está sendo tratado em seu texto – e assim por diante, fazendo uso de uma variada bateria de recursos disponíveis. Tudo para que sua mensagem seja fluente, capaz de captar e manter o interesse do leitor, do princípio ao fim. (LIMA, 1998, p.43).

Essa dinâmica criativa e capaz de enriquecer a narrativa pode estar presente nos diversos tipos de livro-reportagem conceituados por Lima em seu livro “Páginas Ampliadas”, de 2004. São 13 tipologias e propostas de livro-reportagem apontados pelo autor:

1. Livro-reportagem-perfil: evidencia o lado humano de uma personagem pública ou anônima (representante de um grupo social); tem como variante o livro-reportagem-biografia, com mais destaque ao passado e menos ao presente da pessoa;
2. Livro-reportagem-depoimento: reconstitui um acontecimento relevante na visão de um participante ou testemunha. Pode ser escrito por uma própria testemunha, com auxílio de um jornalista, e geralmente sua narração é movimentada, com bastidores e ações encadeadas;
3. Livro-reportagem-retrato: focaliza uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade-econômica ou uma instituição (pública, privada ou terceirizada), para traçar o retrato do objeto em questão (mecanismos, problemas, complexidade), familiarizando-o ao grande público e, assim prestando um serviço educativo e elucidativo;
4. Livro-reportagem-ciência: serve à divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico, com caráter de crítica ou reflexão;
5. Livro-reportagem-ambiente: vinculado às causas ecológicas, pode ter feição romantizada ou combativa/crítica, sobre a harmonia das relações homem/natureza;

6. Livro-reportagem-história: focaliza temas de um passado recente ou distante, destacando algum elemento que o conecta com o presente, propositadamente, ou por fatores externos. Tem como variantes o livro-reportagem-empresarial, que trata do mundo dos negócios, de um grande grupo e suas conexões com a sociedade, e o livro-reportagem-epopéia, abarcando episódios históricos de grande relevância social (guerras, conflitos, revoluções e outros);
7. Livro-reportagem-nova consciência: trata de temas das novas correntes comportamentais, culturais, econômicas e religiosas resultantes da contracultura e da aproximação às culturas orientais;
8. Livro-reportagem-instantâneo ou da história imediata: debruça-se sobre um fato recém-concluído cujos contornos finais já podem ser identificados;
9. Livro-reportagem-atualidade: difere do de cima porque capta um tema de maior magnitude e de perenidade no tempo, cujos desdobramentos finais não são conhecidos, identificando as forças em conflito e projetando tendências possíveis de desfecho;
10. Livro-reportagem-antologia: reúne várias reportagens sob diferentes critérios (mesmo autor, mesmo tema por autores distintos, mesmo gênero ou categoria em diferentes autores e temas);
11. Livro-reportagem-denúncia: possui propósito investigativo de identificar injustiças, abusos, desmandos e incorreções, levantando casos marcados pelo escândalo;
12. Livro-reportagem-ensaio: caracteriza-se pela presença muito evidenciada do autor e suas opiniões sobre o tema, de forma a convencer o leitor a compartilhar seu ponto de vista (persuasivo, com uso recorrente do foco narrativo na primeira pessoa);
13. Livro-reportagem-viagem: toma a viagem a uma região geográfica específica como pretexto para trabalhar vários aspectos de caráter sociológico, humano, cultural, e histórico do local. Difere do relato turístico e romantizado por se preocupar com pesquisa, coleta de dados e exame de conflitos, sem fechar os olhos para determinadas observações e pontos negativos.

A partir dos tipos de livro-reportagem apresentados por Lima, é evidente que este produto jornalístico, trata-se de um livro-reportagem-perfil, uma vez que abordará fragmentos da trajetória de vida de uma personagem.

CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ELABORAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

Quando se opta por fazer um produto como trabalho final de uma graduação ou pós-graduação, sabe-se que este material divide-se em duas partes: a construção de um relatório, que tem uma característica mais teórica, e a elaboração do produto jornalístico em si. Portanto, para a elaboração deste trabalho, duas etapas foram trabalhadas. No primeiro momento, foi levantado o material bibliográfico sobre as temáticas livro-reportagem, jornalismo literário, subjetividade, técnicas de entrevista e reportagem, memória, histórias de vida, o perfil no jornalismo, grande reportagem, entre outros temas diretamente ligados ao tipo de pesquisa que se faz aqui. Estamos percorrendo o universo de autores como Edvaldo Pereira Lima, Amoroso Lima, Bruno Ravanelli Pessa, Michael Shudson, Thaís Oyama, Sérgio Vilas Boas, Ricardo Noblat, Clóvis Rossi, Marília Scalzo, Eduardo Belo, Marilena Chauí, Ecléa Bosi, Dad Squarisi, Jorge Duarte, Caco Barcellos, Thurman Capote, Arlete Salvador, entre outros. Somente a partir desta primeira coleta de recursos bibliográficos, foi feito também o levantamento de material sobre a trajetória da personagem a ser trabalhada. Lia de Itamaracá tem um rico acervo de matérias em jornais, revistas, TV's e portais de notícias. Além disso, há muitos TCC's já elaborados sobre o trabalho e vida da artista. Em 2015, Lia foi homenageada com uma exposição do Centro Cultural do Banco do Brasil. A mostra esteve nas cidades de Recife, Brasília e Rio de Janeiro. Vídeos, fotografias, depoimentos e peças usadas na exposição também foram cedidos pela cantora e por sua produção para contribuir com recursos de detalhes deste trabalho de mestrado. Esta não é a primeira vez que o autor deste trabalho se dedica a contar a história da personagem. Em inúmeras reportagens, no exercício da função de jornalista, Marcelo Henrique Andrade também narrou fatos da trajetória artística de Lia. Falas e trechos dessas matérias também servirão para a dissertação do livro-reportagem. A partir da leitura de reportagens e de um primeiro diálogo com a artista, elaboramos um roteiro de entrevistas a ser feitas, pessoas que estão listadas no próximo capítulo. Essas conversas serão absolutamente

necessárias para o enriquecimento dos detalhes das histórias e momentos que serão relatados no livro.

Mas o que faz deste produto jornalístico um diferencial? Lia de Itamaracá é considerada uma das mais importantes representantes da cultura popular pernambucana. É também considerada pelo meio artístico como a entidade maior da ciranda no Brasil e no mundo. Uma história de mais de sete décadas contada em um livro com recursos jornalístico resgata a importância da personagem e deixa como herança uma contribuição significativa para futuras pesquisas e para o acervo da cirandeira. Um livro-reportagem também dará uma dimensão maior de fragmentos da vida e da trajetória da personagem, diferentes de como reportagens pontuais já abordaram, já que os espaços nem sempre foram suficientes para retratar essa história de vida.

O perfil de um personagem desperta no leitor uma empatia, que de acordo com Vilas Boas, é o ato de preocupar-se com a experiência do outro. A vida de Lia de Itamaracá possui momentos bastante emocionantes, de uma riqueza de profundidade além do imaginável por quem acompanha seu trabalho. O que queremos, portanto, é transparecer essas histórias através de pontos importantes da vida da cantora. No perfil, o narrador opta por fragmentos selecionados da vida do personagem, como confirma Vilas Boas (2003, p.13): “Diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa”. Esse é um tipo de afirmação que se assemelha muito ao que Vilas Boas (2003) conceitua como histórias de vida, uma expressão nascida no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais. Sobre histórias de vida, recurso que utilizaremos no trabalho, o autor diz o seguinte:

Essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea. Na sua versão mais abreviada, a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista. (VILAS BOAS, 2003, p. 16).

Vilas Boas (2003), também chama a atenção para o envolvimento do narrador no sentido de oferecer ao perfil um caráter de subjetividade, delicadeza e sentimentos, já que trata-se da formação de uma história de vida,

suas nuances e situações. Esse também é um diferencial da obra sobre o percurso do nosso personagem. Portanto, sobre esse aspecto, Vilas Boas (2003), comenta da seguinte forma:

Os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. (...) A criação também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir. (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Dessa forma, para reproduzir ao máximo a realidade da vida a ser narrada, utilizaremos um recurso absolutamente inerente ao trabalho diário do repórter ou jornalista: a entrevista. Não se faz boas reportagens sem a entrevista. Não existe no trabalho de um jornalista apuração mais importante que o ato de questionar, esclarecer dúvidas e oferecer veracidade ao que está sendo contado. Oyama (2008), confirma essa reflexão fazendo uma análise sobre entrevistas boas e entrevistas ruins:

É impossível fazer uma boa reportagem – seja ela policial, de economia, um relato de guerra ou um serviço informando o que abre e o que fecha no feriado – tendo feito entrevistas ruins: boas entrevistas sempre rendem boas reportagens. O mesmo princípio vale para entrevistas ruins: é inevitável que acabem em reportagens igualmente ruins. (OYAMA, 2008, p. 7).

No entanto, para o livro-reportagem trata-se de uma entrevista em profundidade, capaz de absorver a riqueza de detalhes a ser contada por Lia. A proposta é deixar a entrevistada livre para narrar os fatos à sua própria maneira, com seu sotaque, gestos, emoções e forma de falar. Essa é uma técnica da entrevista utilizada de maneira especial, um recurso aproveitado para a elaboração de grandes reportagens e de perfis impactantes. Duarte e Barros (2005), consideram que a entrevista em profundidade é muito útil para o que faremos na elaboração do livro-reportagem, despertar a narrativa do íntimo do entrevistado.

Os autores explicam:

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para a descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística. (...) A entrevista vista como técnica de pesquisa, entretanto, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se origina, o critério de seleção de fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essenciais para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão. (DUARTE; BARROS, 2005, p.64).

É este o ponto mais denso para a construção dos resultados. O método entrevista em profundidade foi o responsável pela riqueza da narrativa da história apresentada neste material. Talvez, sem a entrevista em profundidade, na exploração de itens, momentos, circunstâncias, gestos, jeitos, características e falas, a realidade encontrada no objeto estudado não pudesse ser apresentada em sua essência. A entrevista em profundidade não é somente a captação de depoimentos, mas a busca desses depoimentos muito além do que é contado e dito em um primeiro momento, mas o que também está por trás dessas explicações, como as dores, as frustrações, as felicidades, as visões e compreensões acerca do que está sendo contado pelo entrevistado. Além desses profundos relatos, a entrevista em profundidade como método encontrado para a elaboração deste livro-reportagem, pôde despertar no autor e entrevistador o olhar além dos relatos verbais: a maneira de se comportar, os figurinos no momento das captações dos relatos, os gestos, o semblante, as lágrimas nos olhos, os sorrisos, o mau-humor, o bom-humor e a capacidade de desenvolver as histórias guardadas na memória. Todos esses elementos estão presentes no resultado buscado e apresentado no livro-reportagem.

Para a captação das falas e entrevistas, utilizamos dicas, conceitos e ideias abordadas por Thaís Oyama, em *A Arte de Entrevistar Bem*; Jorge Duarte e Antônio Barros, em *Métodos e Técnicas de Pesquisa em*

Comunicação; Ferrari, em Técnica de Entrevista e Reportagem; Millor Fernandes em A Entrevista.

O roteiro deste livro foi decidido com a própria personagem, que apontou sugestões e caminhos que ela gostaria que fossem respeitados. Para tal, Lia de Itamaracá também sugeriu entrevistados. Com esses, também utilizamos o recurso entrevista semiestruturada, com perguntas pré-elaboradas, mas que puderam ser modificadas e adicionadas no desenrolar das entrevistas, sobretudo quando os entrevistados se dispuseram a falar. Notei, ao longo desse percurso, o quão a cirandeira é respeitada e admirada, o que ficou evidente na densidade dos relatos de quem foi procurado para expor opiniões a respeito dela.

Também enviamos um questionário via e-mail para artistas que puderam dar depoimentos sobre a admiração que tem por Lia. Alguns, por causa de demandas de trabalho, só puderam responder a essas perguntas utilizando o recurso do e-mail e algumas vezes do aplicativo por mensagem *Whatsapp*. Esta nova tecnologia colaborou imensamente para a coleta desses depoimentos, uma vez que os entrevistados enviaram áudios em vez de texto.

Também retratamos no material jornalístico como as cirandas acontecem, qual o cenário das festas de Lia, como ela se comporta nas apresentações, como ensaia, qual a relação com seus músicos, os hábitos em casa, a forma de interagir com a população da Ilha de Itamaracá. Fizemos esse recorte através da observação participante e sem interferência, técnica usada no sentido da aproximação e da observação, para identificar o “como” das situações. É algo também diretamente ligado ao trabalho jornalístico diário vivenciado por jornalistas/repórteres, que precisam identificar na cobertura dos fatos o cenário e a situação para descrevê-los nas reportagens. Na observação participante conseguimos apurar como as pessoas participam das cirandas, como dançam, como interagem com Lia e como as apresentações mudam de acordo com os espaços onde acontecem. A observação participante também foi necessária para olhar situações que a própria personagem pode não ter narrado. Vilas Boas (2003), acredita que jornalistas têm desperdiçado o recurso:

Oportunidades ímpares de observação têm sido desperdiçadas. Observar é uma atividade complexa. Tendemos a acreditar que observar é apenas um exercício de percepção visual. Não é. A percepção visual é apenas um dos aspectos, igualmente difícil de praticar, pois requer tanta paciência quanto aquela necessária para se construir uma grande amizade. (...) Olhar pacientemente não basta. Os observadores mais atilados fazem uso de todo tipo de informação sensorial: olfato, tato, audição, etc. (VILAS BOAS, 2003, p. 29).

A proposta, portanto, é utilizar esses procedimentos metodológicos como caminhos para a construção de um perfil bem elaborado, rico em detalhes, aprofundado com falas da própria personagem e do seu universo de colaboradores.

CAPÍTULO 5 – O PRODUTO JORNALÍSTICO. QUAL ROTEIRO SEGUIR?

- **Introdução / Prefácio:** as boas vindas à história de Lia.
- **Capítulo 1 - Quem é essa negra?** É o começo da história – de onde vem Lia? Quem é a família? A pobreza; a mãe; o pai que já era casado e tinha outra família e o trabalho ainda criança como empregada doméstica de uma tradicional família da Ilha de Itamaracá.
- **Capítulo 2 - O Reino de Lia:** a relação da artista com a Ilha de Itamaracá; a cidade como cenário principal de suas músicas; o trabalho como merendeira de uma escola estadual; a problemática do descaso da gestão pública com o seu trabalho; a rotina da população, aspectos educacionais, culturais e econômicos do município.
- **Capítulo 3 - Um recomeço:** a segunda parte da trajetória artística da cirandeira a partir do encontro com o produtor cultural Beto Hees; a participação no Festival Abril Pro Rock; as turnês internacionais; a gravação do segundo disco e as oportunidades neste recomeço.
- **Capítulo 4 - Uma ilustre popular:** As duas Lias, a ilustre a simples em convivência igual; a relação com os moradores da cidade, o trânsito entre artistas e políticos, os títulos alcançados, como o de Patrimônio Vivo da Cultura Pernambucana; a calçada que adora sentar e conversar com as pessoas; depoimento de populares, artistas, jornalísticas e críticos de música; a amizade com os pescadores e a inspiração deles para as músicas. Quem é a famosa vizinha que Lia cantou nos trechos *“vai tomar conta da tua vida, vizinha”*?
- **Capítulo 5 - O apogeu e o declínio de um sonho:** seu Centro Cultural como espaço para a difusão da cultura, projetos educacionais e ponto de encontro para moradores e turistas; abandono do lugar pelo poder público.

- **Capítulo 6 - Por onde anda Lia:** os passos e projetos atuais; o lançamento do disco Ciranda de Ritmos; a exposição itinerante com seu legado; a participação no Festival Coquetel Molotov e o olhar para o futuro.
- **Fotos:** Reunião de fotografias, capas de discos e manchetes de jornais e revistas com a trajetória da artista. Esses fragmentos estão distribuídos ao longo dos seis capítulos do livro-reportagem.

CAPÍTULO 6 - OS ENTREVISTADOS DO UNIVERSO DE LIA

Além da entrevista com a própria Lia de Itamaracá, para narrar uma história, dentro dos conceitos de perfil e histórias de vida, percorreremos o universo da cirandeira, conversando com artistas, amigos de infância, familiares, produtores culturais, jornalistas, músicos de sua banda, alunos da escola onde trabalhou como merendeira, entre outras fontes. Abaixo, os nomes/fontes, que compuseram o universo da contação de histórias e fatos curiosos da vida e trajetória artística de Lia de Itamaracá:

- **“Chica” e Izaque Santos:** Filha e neto adotivos de Lia. São a única família de primeiro grau da artista. Lia de Itamaracá nunca teve filhos, mas adotou “Chica” ainda criança
- **“Toinho”:** Segundo marido de Lia de Itamaracá. Também é músico e integra a banda de Lia.
- **Beto Hess:** Produtor cultural, empresário de Lia e diretor da Ciranda Produções, empresa responsável pelos contratos de apresentações, lançamentos de discos e imagem da artista.
- **Ganga Barreto:** Percussionista, integra a banda de Lia de Itamaracá.
- **Tony Boy:** Percussionista, integra a banda de Lia de Itamaracá.
- **José Teles:** Jornalista, editor e repórter de cultura do Caderno C do Jornal do Comércio. É crítico musical e cultural, autor de livros sobre manifestações culturais de Pernambuco e movimento *manguebeat*. Participou de grandes coberturas com Lia de Itamaracá como protagonista.
- **Marlene Santos:** Amiga pessoal de Lia, moradora da Ilha de Itamaracá e uma das pessoas mais próximas atualmente da cirandeira.

- **Madalena Santos:** Amiga pessoal de Lia, moradora da Ilha de Itamaracá e conhece a cirandeira desde a infância. Vive na mesma rua de Lia.
- **Arthur Hernandes:** Estudante, foi aluno da Escola Estadual de Jaguaribe, onde Lia trabalhou como merendeira.
- **Roseane Maria:** professora e ex-diretora da Escola Estadual de Jaguaribe, onde Lia trabalhou como merendeira.
- **Edgar Barros:** Professor, atual diretor da Escola Estadual de Jaguaribe.
- **Ytallo Barreto:** Fotógrafo, acompanha as diversas apresentações de Lia.
- **Paulo Galvão:** Político e ex-prefeito de Itamaracá. Criador do Festival da Ciranda e que, segundo Lia, foi o prefeito que mais valorizou seu trabalho.
- **Valderlúzia Soares:** Ex-professora de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, jornalista e ex-diretora de redação do Diário de Pernambuco. Foi secretária de turismo da Ilha de Itamaracá e acompanhou a trajetória artística de Lia.
- **Kléber Mendonça Filho:** cineasta, diretor do filme “Recife Frio”, no qual Lia faz uma participação como atriz;
- **Isaar:** cantora e compositora pernambucana;
- **Carlos Zens:** cantor e compositor potiguar;
- **Rincon Sapiência:** rapper. Gravou a música “Moça Namoradeira”.
- **Entre outros.**

RESULTADOS

Bem-vindos à ciranda de Lia

*“Estava na Beira da Praia ouvindo as pancadas das ondas do mar.
Esta ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá...”*

Os versos da composição de Teca Calazans, cantora e compositora brasileira percorreram o país. Não pode ficar fora do repertório de qualquer apresentação de ciranda, na voz de quem quer que esteja cantando para a grande roda. É uma das canções mais conhecidas do ritmo popular. Teresinha Calazans, ou Teca Calazans, hoje residente na França, foi criada no Recife e se interessou pelo folclore nordestino, sobretudo pelas canções de ciranda. Não à toa, seu primeiro álbum, “Aquele Rosa/Cirandas” (ano desconhecido), é uma reunião de canções da manifestação cultural. Certo dia, na beira da Praia de Itamaracá, nos idos dos anos 60, sentou numa jangada pra sentir a brisa da costa e ouvir o som tranquilizante das ondas do mar. Estava acompanhada de algumas amigas, entre elas uma nativa: Lia, uma negra de lenço na cabeça, que já gostava de cantar músicas de ciranda desde os 12 anos e que na época do encontro com Teca ainda era uma moça jovem por volta dos 18, dona de uma voz forte, e que chamava a atenção. Conquistava ouvidos. Todas cantarolavam e Teca, com um violão no colo, arriscava uma composição. “Lá, lá, lá, lá, lá” era tudo que saía.

Com a ajuda da amiga Lia, que apesar de analfabeta era uma conhecedora daquilo que tentavam fazer, Teca compôs o que pode ter sido os trechos mais conhecidos de sua discografia extensa. Os versos da canção “Essa ciranda quem me deu foi Lia”, gravados pelo mestre cirandeiro Baracho, ou Antônio Baracho da Silva, que na época ainda era a grande representação da ciranda no estado de Pernambuco, uma espécie de embaixador e que precisava estar presente onde uma roda de ciranda se formasse. Teca compôs e Baracho deu voz à canção que ensina crianças e adultos a cantarolar e dançar ciranda, adaptada e readaptada em forró, frevo, rock. Composição cativa em festas de São João, Festivais de Folclore, Ciranda, Coco ou Maracatu; e possivelmente é a primeira lembrança que surge na mente de

quem tenta recordar de qualquer canção de ciranda. Em Pernambuco, será sempre a primeira música.

Há quem acredite que a personagem citada nos versos de “Essa ciranda quem me deu foi Lia” seja a autora da rima, quando na verdade, é a personagem que se tornou conhecida a partir da canção. Mas o que tem a ver tudo isso?

É que pra contar a história de Madalena Correia do Nascimento, ou Lia de Itamaracá, ou Lia da Ciranda, não há outro caminho que não passe por essa música. Como disse: se espalhou pelo Brasil, talvez o mundo. E essa canção, tão conhecida, gera uma dúvida: Lia existe? É que para muitos, a tal Lia é uma lenda presente no imaginário popular ou no folclore local da pequena Ilha de Itamaracá, no litoral norte de Pernambuco, distante 47km do Recife. Para outros, Lia é apenas uma parte da construção do imaginário da própria letra, criada nos versos de Teca Calazans. Certo dia, eu voava entre Petrolina, no sertão pernambucano, e Salvador, capital baiana. Do meu lado, uma senhora inicia um papo, fala do clima, do tempo de voo, se apresenta e diz de onde era. Fiz o mesmo. E quando concluí que era da Ilha de Itamaracá, mas trabalhava como repórter em Petrolina, o espanto surgiu:

- Nossa, Itamaracá! Sou louca para conhecer. Dei para uma filha o nome de Lia, por causa de uma história de uma música lá de Itamaracá, disse ela.

- Lenda? Lia? Lia de Itamaracá? Questionei incrédulo, afinal alguém teria batizado e registrado uma filha com um nome que acreditava de ser de uma personagem fictícia. A senhora continuou explicando:

- Sim, Lia, da música “essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá”, cantou. E como gostei muito da música que ouvi bastante durante a gravidez resolvi colocar esse nome na menina, explicou já percebendo minha cara de susto, de estranhamento. Precisei explicar pra colega de poltrona de avião, aproveitando pra disfarçar meu medo de voar, que Lia não era lenda, que existia, que era amiga próxima da minha família e que nasci, cresci e me tornei gente ouvindo Lia de Itamaracá cantando ciranda na beira da praia, pertinho da casa da minha avó, que vive lá até hoje e é contemporânea dos pais de Lia, da família inteira. Neste momento, óbvio, a colega da poltrona ao lado era apenas uma cara de surpresa, com a mão no rosto, olhos fixos e certamente compreendendo que precisava ter pesquisado

antes de ter batizado a filha com o nome de Lia, pra entender a real história do nome da sua primogênita. Certamente ela teria que explicar à adolescente quando chegasse em casa que até então suas explicações estavam erradas, equivocadas.

- Sempre quis conhecer a Ilha de Itamaracá com minha filha por causa da música, pra que ela entendesse o significado do nome. Agora eu tenho certeza que preciso ir à Itamaracá para conhecer a cidade e a tal Lia, disse ela.

O voo chegou ao destino, me despedi da mulher, demos risadas da situação e fui embora com a sensação de que mais pessoas achavam o mesmo: que Lia de Itamaracá era apenas uma lenda, uma citação na canção de Teca. Saí dali com a sensação de que apesar de tão representativa para a cultura popular, Lia ainda era desconhecida para alguns de alguma maneira. “Certo dia disse a um jornalista que ele saísse por aí e dissesse que eu existo mesmo, que sou de verdade, não sou lenda nenhuma”, contou Lia em uma de nossas conversas.

Alguém precisava explicar mais essa história e me propus a isso, um dia. O dia chegou e está nas páginas desse livro-reportagem, a conclusão de uma pesquisa aprofundada da trajetória de vida e artística da mulher que é considerada a maior cirandeira do Brasil, já conhecida em todas as regiões e em lugares de culturas e ritmos distantes da ciranda, como no Amapá, por onde passou fazendo apresentações e formando rodas.

O que os leitores vão encontrar aqui não é exatamente uma biografia de maneira ampla, mas uma grande reportagem, dividida em capítulos e momentos importantes que definiram a construção da mulher e da cirandeira Lia, material que raramente estaria nas páginas de um jornal pela sua dimensão e profundidade. Nos periódicos faltaria espaço. O relato reúne momentos apontados pela própria personagem e que está presente em suas falas, em recortes de jornais antigos e atuais, material acadêmico e na memória do povo itamaracaense, principal plateia de uma amiga ilustre, a figura mais famosa de uma cidade de poucos habitantes registrados como naturais da Ilha.

Sorte a minha ter a oportunidade de narrar a vida real de uma das mulheres mais admiráveis do cenário cultural pernambucano. Cresci ouvindo Lia, aprendi a dançar ciranda ainda pequeno, quando mal sabia andar. É que

quem nasce em Itamaracá tem a obrigação de saber dar os passos para frente e para trás que dão ritmo às rodas de ciranda. É como pernambucano que não sabe frevar nem diferenciar Maracatu de Baque Solto e Maracatu de Baque Virado ou que dar de ombros se for questionado sobre uma figura folclórica que atendia pelo nome de Reginaldo Rossi. Desconfie de um pernambucano desses.

Desconheço não saber de alguma canção do repertório de 61 anos de carreira da Rainha da Ciranda, afinal cresci ouvindo lá em casa a qualquer hora, em qualquer comemoração e em qualquer dia da semana. Os encontros de amigos na adolescência aconteciam na ciranda, na época mais frequente. Hoje as cirandas nos servem de reencontros, hoje em momentos mais raros que explicarei os motivos nas próximas páginas. Foi sobre Lia uma das minhas primeiras reportagens no exercício da profissão de jornalista. Atualmente, como assessor de imprensa e comunicação dela desde 2015, tenho a necessidade de conhecer um item novo por dia, uma história nova por vez, e entender o motivo de suas canções. Como conterrâneo de Lia, filho da terra e admirador de sua obra e história de vida, deixo esse relato para os atuais e para as próximas gerações; deixo um livro-reportagem como contribuição para a educação e para a cultura local, numa supervalorização de uma personagem real. Aproveito para pedir licença para me colocar no relato dessa história, no papel de um narrador-observador.

Este é, portanto, um conjunto de fragmentos recheados de poesia, música, ciranda, memória e paixão ao que se faz, como poucas vezes encontrei em alguém como em Lia. Este livro-reportagem é o produto jornalístico final do Programa de Pós-Graduação e Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, resultado de 30 meses de estudo, disciplinas, pesquisa aprofundada e orientação. Sejam bem-vindos à vida de Lia de Itamaracá: mulher e cirandeira.

Parte I

Quem é essa negra?

*“Olha, eu vi uma preta cirandeira
Brincando com um ganzá na mão
Olha, eu vi uma ciranda animada
No meio de uma multidão
Menina, eu parei fiquei olhando
A preta pegou a improvisar
E eu perguntei: ‘quem é essa negra?’
Eu sou Lia de Itamaracá”.*

A letra do compositor João da Guabiraba em homenagem à Lia de Itamaracá descreve a essência da mulher que conheceremos nas próximas linhas: “Uma Preta Cirandeira”, título da canção que carrega esses versos. Lia é figura que chama a atenção, aguça a curiosidade, puxa questionamentos como o da música. Lia é grande, 1m89 de altura, pés e mãos proporcionais ao tamanho do corpo. Dedos compridos, sorriso que mostra os dentes que também despertam olhares. Já chega rindo, dificilmente está de cara fechada. Lia é imponente, não só pela altura, mas pela postura. Anda devagar, com passos firmes, daqueles que cobrem todo o chinelo, tanto que os dela – são gastos, com a forma dos pés no solado. Raramente a vemos de sapato fechado. A preferência é por sandálias de couro ou chinelos de dedo, que geralmente ganha de presente ou compra no Mercado de São José, tradicional centro comercial no Recife Velho. À medida que caminha, o vestido com cores fortes balançam. Ou são estampados, ou tem cores chamativas, como um amarelo ouro, um azul cintilante que lembra cor do mar; ou um roxo com estampas em várias cores, num colorido africano. Os vestidos são mais comuns em dias de show. No dia a dia, na rotina pelas ruas da Ilha de Itamaracá, está sempre à vontade. Bermuda jeans, chinelo de dedo e camisa de malha, tipo aquela primeira peça que a gente pega no armário para ir ao mercadinho do lado de casa. Para as apresentações, além dos babados de renda que balançam com o movimento dos ombros, Lia usa colares

chamativos, mas sem muito valor. Ou são de madeira com umas bolas coloridas, ou são de *bijouteria* em dourado na altura do umbigo. Nunca são sutis. Dedos completos com anéis e unhas pintadas com cores que combinam com as roupas. Em uma das ocasiões, as unhas estavam com esmalte branco e bolinhas miúdas vermelhas. “Eu mesma pintei”, me contou.



Figura 1

Lia gosta de assumir a afro-descendência. Não lembro de ter visto seus cabelos engomadinhos, na “chapinha” ou depois de uma escova. Só uma vez na vida e outra na morte que isso acontece. Em 1977, quando gravou seu LP “Rainha da Ciranda” (Rozenblit), estava com cabelos curtos, na altura da orelha, cheios de cachinhos feitos com *boby*. Depois, nunca mais. Atualmente, aos 74 anos, está de tranças-afro, bem fininhas, daquelas complementadas com cabelos artificiais, de náilon, e feitos numa perfeição que quase não se vê os entrelaçados dos fios. Já adotou o cabelo *black power* cheio, com uma faixa entre a testa e a cabeça. Ainda usa as tiaras coloridas, mesmo nos dias comuns, sem estar nos palcos. Lia chama a atenção por todo esse conjunto, mas pela espontaneidade de falar alto, de cumprimentar todo mundo enquanto caminha de casa à padaria ou enquanto se dirige para mais um show, entre a van e o palco. Não tem cerimônia. Adora gritar a gíria: “*ai, mamãe*”, acompanhada de uma gargalhada estrondosa.

Diante da descrição, você já conseguiu visualizar a personagem Lia de Itamaracá, a negra, a cirandeira, mulher alta, de sorriso fácil, uma imponência. Mas essa Lia esconde uma trajetória larga, com um recheio de acontecimentos que ocultariam o riso de gente que apanhou na caminhada, a turma que perdeu mais do que ganhou e que sofreu um bocado desde que nasceu. Como diz em vocabulário próprio, “foi pau no lombo, meu filho!”. E brinca: “comi o pão que o diabo amassou”, sorri. A vida de Lia foi como o vai e vem da ciranda. Quem já dançou ou viu uma roda da dança, sabe como é: um passo pra frete e outro pra trás.

E tudo isso faz sentido na vida dela, um retalho de adversidades: negra, pobre, sem acesso à educação e filha de uma empregada doméstica sem carteira assinada ou direitos trabalhistas garantidos. Naquele tempo, quando ainda era uma criança, o contrato com a mãe com o patrão foi “de boca”, sem qualquer burocracia. Maria Madalena Correia do Nascimento é filha de Matilde Maria da Conceição e Severino Nicolau Correia do Nascimento, um pequeno agricultor de subsistência, que vivia do que colhia e vendia de porta em porta, nos pequenos comércios da cidade ou nas feiras livres. Foram sete filhos de Dona Matilde e onze com outra mulher. Lia era “filha da rapariga”, como ela costuma dizer. Rapariga, no vocabulário popular pernambucano, é o mesmo que amante. “Ele era lá e lô. Enquanto uma estava embuchando a outra estava parindo. Uma esperava a outra. Eu tenho irmãos mais velhos do que eu”. Nessa relação entre duas famílias, Lia tem 16 irmãos e consegue lembrar de todos na firme memória que ainda conserva. Na lista: Maurino, Nita, Genival, Erivaldo, Maria Helena, Damiana, Isabel, Cosma, Luiza, Luiz, Maria, José, Antônio, Manoel, José e Zé King. Apesar de serem de mães diferentes, todos foram criados praticamente juntos. “Os de lá frequentavam a casa de cá e os de cá frequentavam as casas de lá. Elas não tinham receio não”, relembra. “Algumas vezes ficavam feito cão e gato quando se encontravam na rua e arengavam. Mas também, né? Com um homem safado desse, tenha dó”, cai na risada. Além de Lia, outros três estão vivos. Nenhum outro quis saber de música. Só Lia mesmo.

Seu Severino não era um pai muito presente e depois que os filhos de Dona Matilde estavam maiores, passou a frequentar menos a casa da segunda família. Foi a partir desse momento e com dificuldades para criar os sete filhos,

que ela saiu em busca de trabalho para alimentar as crianças. Até então Matilde era dona de casa, dependia do que o marido colocava na mesa ou das roupas que lavava para ganhar um trocado e fazer a feira. “Na casa de Santino Monteiro de Barros, um homem bem rico que tinha por aqui, estavam precisando de uma pessoa pra cuidar da casa, cozinhar, fazer de tudo. Minha mãe estava necessitada e aceitou”, conta. Como os filhos eram crianças e a mãe não tinha com quem deixá-los, só aceitou o trabalho se pudesse levar todo mundo. “Seu Santino era um homem rico, mas simples, homem bom. Aceitou. Tinha uma casinha num sítio e deu pra minha mãe morar com a gente. De dia a gente ficava tudinho na casa, ajudando. Não tinha isso de tomar *danoninho* não. Era tudo pequeno, mas todos trabalhavam muito. O chão da casa era de tijolo cru, aquele tijolo velho. Pra deixar brilhando, a gente tinha que esfregar ele com casca de coco, pra ficar brilhando mesmo. Era tipo uma escravidão”, se entristece quando relembra as dificuldades. “Minha mãe ficava na cozinha, lavava uma roupa, corria pra lavar os pratos. A gente *ciscava* o quintal, varria o terreiro, limpava os *móvi*”. Uns faziam mandado pra o patrão, outro ia à venda”.



Figura 2

Com o tempo e no afago da família, Lia se tornou parte deles e passou a morar na casa, a brincar de boneca, de escola e casinha com Zeza, Socorro e Auxiliadora, netas de Seu Santino. Na verdade, ela lembra que apesar de ter muito trabalho, todos tratavam Dona Matilde, ela e os irmãos, sem segregação por serem negras ou por serem empregadas da casa. “A gente comia tudo junto, da mesma comida que minha mãe preparava pra casa toda. A gente sentava na mesa e não tinha isso de comer depois que os ricos comessem, não. Lá não tinha essas besteiras, tanto que até hoje quando encontro Zeza e Socorro, elas me chamam de minha irmãzinha. Elas têm um orgulho danado de mim”. Dona Matilde só saiu da casa dos patrões na velhice, com os filhos criados e adultos. Como nunca contribuiu para a previdência, também não se aposentou, mas permaneceu lá até quando o corpo e a saúde suportaram. O amor e a admiração de Lia pela mãe são sentimentos que estão estampados na parede da sala de casa numa fotografia antiga.



Figura 3

A casa dos Monteiro de Barros foi uma escola para Lia, onde aprendeu a cozinhar, coisa que faria mais tarde com primazia e perfeição. No entanto, por causa dessa escola, ela só frequentou uma de verdade até a primeira série do primário, do atual ensino fundamental I. Vendo a mãe trabalhando, aprendeu os afazeres domésticos muito cedo. A casa também abriu a porta para o outro ofício que ela carregaria para o resto da vida: cirandar. A cantiga popular ainda

não era um ofício, mas prazer. Ao ver cirandeiros como Antônio Baracho fazerem ciranda na praia de Itamaracá, ela percebia que era aquilo que gostaria de fazer também, mas a vida seguia sem que isso fosse colocado em prática da maneira profissional. E já que não cantava em microfones e palcos, ela sempre era a cantora amadora nas brincadeiras com as colegas, nas festas de São João e no quintal da casa onde trabalhava para ajudar a mãe. “Enquanto eu estava ali lavando roupa, colocando os panos no varal, varrendo o quintal, eu gostava de cantar alto, pra quem passasse ouvir minhas cantigas”, lembra. E num certo dia alguém ouviu e determinou os rumos da vida de Lia, até então mais uma moradora anônima da Ilha de Itamaracá. Quem ouviu a cantoria foi a compositora, cantora e folclorista Teca Calazans, que vivia na França e tinha voltado ao Recife. Neste retorno, esteve no litoral norte para passar uma temporada de veraneio na Ilha de Itamaracá e no Janga, na cidade de Paulista. Calazans estava hospedada vizinha a casa onde Lia vivia com a mãe e se interessou pela voz aguda e de um timbre forte que vinha do quintal. Pela paixão incomum por música, Teca foi se aproximando de Lia durante o veraneio, talvez soubesse que dali partiria uma parceria interessante, já que Lia entoava cirandas e a folclorista já tinha um trabalho de pesquisa voltado ao gênero. “E aí certo dia ela me chamou pra irmos à beira da praia, cantar umas cirandas. Colocou um violão grande no colo, estávamos eu e umas amigas. Tinha um gravadorzinho perto da gente. Comecei a solfejar e Teca a dedilhar no violão. De repente, saiu tudo: *essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá*”, relembra numa nostalgia grande. “Dias depois, continuamos cantando cirandas na beira da praia. O veraneio passou, Teca foi embora, continuei minha vida normal”.

O que Lia não imaginava é que naquele dia ensolarado sentada numa jangada de madeira na beira da praia de Jaguaribe, ela tinha construído os próximos passos de uma trajetória que já tem mais de seis décadas. “Eu lembro que uma amiga chegou correndo lá em casa dizendo que minha voz tava na rádio. Depois mais outra pessoa apareceu contando que tavam falando de mim numa música, que eu dei uma música a alguém quando estava sentada na beira da praia na Ilha de Itamaracá. ‘É o que, meu Deus do céu?’ Me espantei, né? Sei que foi assim. Fiquei famosa da noite pro dia, do nada,

até porque lá em casa ninguém se dedicou à música, nenhum dos filhos de minha mãe. É um dom de Deus e uma graça de Iemanjá”, alegre-se.

Quem deu a ciranda à Lia?

Era o final da década de 1960 e estava lançada a carreira de Lia da Ciranda. Porém, no entorno dessa história dos versos mais famosos do gênero musical, há uma polêmica que pode ter sido uma confusão. Nada foi definitivamente provado até hoje, mas Lia pode ter pego carona numa personagem de uma letra que nada tinha a ver com ela, mesmo que os versos complementem que a tal Lia mora na Ilha de Itamaracá. Quando os versos ficaram famosos, o cirandeiro Baracho disse em entrevista ao jornalista Homero Fonseca, do Diário de Pernambuco, em 1975, que a canção era dele. A reportagem “Baracho, profissão Cirandeiro”, publicada em 19 de junho daquele ano levantava a polêmica acerca da autoria. Havia o intertítulo “A misteriosa Lia”, no qual o mestre cirandeiro, o mais famoso entre os artistas do estilo em Pernambuco, foi categórico: “Lia foi invenção minha, isso eu provo. Cantei os versos pela primeira vez em Abreu e Lima, na Rua Nóbrega, em 1959”.

Antônio Baracho é natural de Nazaré da Mata, na zona da mata norte de Pernambuco, mas ainda criança foi morar com a família em Abreu e Lima, na região metropolitana do Recife, na época em que o lugar ainda era um distrito chamado Maricota. O brincante de folguedos populares foi Mestre de maracatu de baque solto, essência herdada nas veias formadas na mata norte, reduto de caboclos de lança, personagens do estilo de maracatu. Também foi compositor de cirandas e levou a dança para as praias do litoral. É atribuída a ele, por exemplo, os versos da música Cirandeiro: “*Ó cirandeiro, cirandeiro ó, a pedra do seu anel brilha mais do que o sol*”. A letra possui autoria de Edu Lobo e Baracho nunca foi citado como dono da canção. Pelo trabalho que desenvolveu, a Prefeitura de Abreu e Lima instituiu, em 2005, o dia 10 de maio, data de nascimento do mestre cirandeiro, como o Dia da Ciranda. Baracho morreu em 1988 aos 81 anos. Antes de falecer, pediu às filhas Dulce e Severina que dessem continuidade à sua arte. “Ele pediu muito que a gente não deixasse a brincadeira dele morrer, queria que a gente continuasse

fazendo a mesma coisa”, lembra Severina, que prefere ser chamada de Biu. “Nunca ficou rico, nunca ganhou dinheiro, mesmo com a fama que tinha, mas quis mesmo assim que nós todas se *perdesse* no meio desse mundo cantando as músicas”, conta Dulce. “As Filhas de Baracho” hoje integram a banda de Lia, fazem segunda voz e atenderam ao pedido do pai. Elas também confirmam que a música “Essa ciranda quem me deu foi Lia” é do pai delas.



Figura 4

A Revista Continente Multicultural, publicação periódica pernambucana, quis desvendar o enigma e ouviu Teca Calazans em junho de 2005 quando a poeira já nem pairava mais. A folclorista e compositora já tinha voltado a viver na Europa, mas confirmou na entrevista que a música não era dela, mas de Baracho. Negou ter passado férias em Itamaracá e sentado com Lia na beira da praia pra compor os versos da canção. “Eu estive em Abreu e Lima para recolher cirandas no final da 1959 para 1960 quando trabalhava no MCP (Movimento de Cultura Popular) para reunir esse material num disco que lancei em 1967 com o selo da Rozenblit e lá estava a canção que recolhi com Baracho”, afirma Calazans. Dulce e Biu chegaram a dizer que Baracho fez a música para homenagear uma outra filha, que era chamada carinhosamente por Lia. As informações no entorno dessa história são bem desencontradas. O

pesquisador de cultura popular, Bruno Gualberto, que desenvolveu uma dissertação sobre o Mestre Baracho, acredita que Lia existiu só na música, como uma criação em versos para rimar. Nessa história toda, Itamaracá pode ter aparecido como um lugar poético, já que muitas das cirandas feitas por Baracho eram dançadas nas areias das praias de lá. Na reportagem do Diário de Pernambuco de 1975, Homero Fonseca ainda diz que “essa Lia é tão misteriosa que tá pior que a Garota de Ipanema. Será que existiu mesmo? É lenda?”, questionou.

Como a música fez sucesso na voz de Teca no disco que também leva o nome Teca, outras pessoas apareceram dizendo que a música pertencia a ela. Baracho contou na reportagem que um brincante de Maracatu queria registrar a música como se fosse dele e já estava espalhando a história para todo mundo. Antônio Baracho, o que mais teve testemunhas a seu favor nessa confusão acabou não registrando a música. Até um certo tempo, um esperto de endereço desconhecido chamado Exedito Baracho, aproveitou a coincidência do sobrenome e fez o registro para ganhar direitos autorais. As filhas Dulce e Biu precisaram entrar na justiça para reverter a situação e hoje, por exemplo, Lia paga os direitos autorais para elas.

Lia garante que não pegou carona na história de ninguém e que cantou essa música com Teca na beira da praia. “Se ela não lembra do encontro ou não quis lembrar depois que foi pras *Oropas* eu não sei, mas que isso aconteceu, aconteceu sim”, confirma. Na defesa de Lia, Beto Hess, o produtor da cirandeira há 20 anos, lembra de um show que fizeram em Fernando de Noronha, onde a artista encontrou uma mulher que morou na Itamaracá de antigamente e lembrou da presença de Teca Calazans no lugar. “Durante o diálogo das duas, a tal mulher perguntou à Lia por Terezinha, se ela ainda passava veraneios em Itamaracá. Imediatamente Lia me chamou para ouvir a história que confirmava as férias da compositora na Ilha, quando surgiu a letra da música que transformou a Rainha da Ciranda em personagem e em uma mulher famosa”.

Uma última hipótese também foi levantada pela pesquisadora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Déborah Callender França, no artigo “Quem deu a ciranda à Lia? Narrativas orais em torno dos sentidos de uma canção”. França conta a versão de Vitalina Alberta Paz, conhecida como

Dona Duda, foi proprietária do Bar Cobiçado, na Praia do Janga, litoral da cidade de Paulista. Em depoimento, a comerciante que também cantava ciranda, disse que Teca Calazans teria visitado o bar e pedido pra que Duda compusesse uma música para a amiga baiana que a acompanhava no momento, que também se chamava Lia. “Eu lembro como se fosse hoje. Eu chamei Baracho e Zé de Lima para tentar compor. Eles estavam lá em casa. Baracho foi o primeiro que conseguiu, estava com a letra praticamente pronta. As informações que existem por aí estão todas erradas. A música não foi para Lia de Itamaracá. Foi para a amiga de Teca, lá no meu bar”, defende Dona Duda, que também concorda que o trecho Ilha de Itamaracá entra na letra para rimar com a parte das pancadas do mar.

Entre encontros, desencontros, afirmações, negações e uma novela de vários episódios por causa da composição, não se pode negar que a Lia que surgiu seja dona de um talento que carrega o mérito do título e do sucesso que tem. Lia não encuca mais com isso: “Eu já deixei essa história pra lá, eu quero é ser feliz”, diz. Mas é improvável esquecer esse fato porque ele demarca o início de uma carreira, que entre altos e baixos está consolidada hoje. A música fez sucesso no rádio, a personagem ganhou vida em Itamaracá, e Teca, que levou a fama de compositora, continuava fazendo apresentações com os versos no repertório. Essa foi a chance que bateu à porta da cirandeira da Ilha, que já na década de 70 trabalhava cozinhando em um dos principais pontos de encontro, farra, cerveja gelada, moqueca, caranguejo e peixe frito da Ilha de Itamaracá, na época repleta de turistas no verão. O Bar e Restaurante O Sargaço, de Dona Creuza Albuquerque, vivia lotado da sexta ao domingo, quando os veranistas chegavam para passar o fim de semana na cidade. A entrada do bar era pela avenida principal do bairro de Jaguaribe. Nos fundos, o bar tinha uma saída para a beira da praia, com uma grande área gramada. No centro do bar, perto das mesas, também havia um salão grande. Era neste espaço e no gramado à beira mar que Lia começou a fazer ciranda embalada pelo auge do sucesso da música. No começo, interpretava as cirandas de outros compositores, da própria Teca e do Mestre Baracho, que já fazia isso há mais tempo. “O bar sempre foi muito cheio. Eu lembro que pequenininha ficava por ali brincando, enquanto minha avó e minha mãe trabalhavam pra dar conta de tanta gente, pessoas dali mesmo e até os artistas famosos que iam visitar

Itamaracá. Só que quando Lia começou a cantar, o lugar ficou mais cheio e as pessoas iam lá principalmente pra conhecê-la e dançar ciranda”, relembra Janaína Albuquerque, neta de Dona Creuza. A memória da neta também guarda as histórias contadas pela avó. Creuza ainda está viva e mora em Olinda, mas com a velhice a memória ficou comprometida e não lembra de muita coisa que precise de um esforço para transportar-se a um tempo distante. “Ela esqueceu de muita gente, mas lembra de Lia. Isso é incrível”, diz Janaína, que conheci durante uma festa de aniversário de Lia, com roda de ciranda na beira da praia. Ela comenta que a avó dizia que mesmo quando não era dia de apresentação de Lia, algumas pessoas apareciam só pra conhecê-la. “Lia precisava sair da cozinha, cumprimentar o povo e voltar para a preparação das comidas”, conta. A cirandeira-cozinheira lembra que Dona Creuza ia buscá-la na cozinha pra cumprimentar as pessoas: “era um aperreio danado. Eu dizia: ‘dona Creuza, a comida vai queimar’. Corria pra o povo me ver e voltava pra lá pra preparar os pedidos”. Ali no Bar Sargaço, Janaína também lembra, que ainda pequena, Lia a carregava no colo e cantava: *ô Janaína vem ver, ô Janaína vem cá, receba essas flores que eu vou te ofertar*. O carinho de Janaína por Lia estava visível quando a conheci. Ela acompanha os passos de Lia, vai às cirandas e conta tudo para a avó.



Figura 5

Entre a cozinha do Bar Sargaço e o começo da vida artística, Maria Madalena se dividia entre o anonimato e a fama de ser Lia, a que deu a ciranda para Teca Calazans na beira da praia ouvindo as pancadas das ondas do mar. Entre a preparação das comidas e as pequenas apresentações num curto repertório desacompanhado de músicos ou estrutura de som. “Muitas vezes era só na garganta mesmo. No *gogó (risos)*. Eu cantava, o povo fazia uma roda e a festa tava feita, meu filho. Era bom demais, *ai mamãe*”, brinca Lia. Valderlusa D’arce, jornalista aposentada do Diário de Pernambuco, antiga professora de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e ex-secretária de turismo da Ilha de Itamaracá, começou a frequentar o município na época em que a música com o nome de Lia começou a ser tocada no rádio, quando o bar já tinha se transformado na segunda casa da artista. “Eu não conhecia Lia, não sabia quem era Lia. Já tinha visto rapidamente alguma coisa no jornal por causa da música que Teca Calazans tinha gravado, mas nada demais. Coincidentemente aluguei uma casa na mesma rua da cirandeira e comecei a frequentar o bar de Dona Creuza. Eu fiquei admirada com aquilo. Era uma coisa impressionante. Eu não sei de onde vinha tanta gente. Não era somente uma roda de ciranda. Eram várias rodas, uma dentro da outra no espaço do bar na beira da praia”, relembra. A jornalista recorda que por causa do sucesso crescente, as amigas frequentadoras do bar inventaram de fazer um festival de ciranda durante quatro sábados seguidos e precisaram comprar roupa para Lia: “Batemos o Recife atrás de vestido pra Lia. E o sapato tamanho 44 era o maior problema. Eu lembro que tivemos que mandar fazer um calçado pra ela porque a gente andou pelo comércio do Recife e não encontrou nada que desse no pé dela”.

Rainha da Ciranda

Entre os que apareceram pras cirandas improvisadas, estava Fernando Borges, empresário e produtor cultural. O encontro foi em 1977. A promessa era de apostar na carreira da cirandeira, gravar um LP para Lia ganhar dinheiro e ficar mais famosa. Foram muitas noites de ensaio numa casa emprestada. Lia cantava com homens e mulheres da própria comunidade, que faziam a segunda voz da artista. As mulheres também dançavam com roupas

esvoaçadas e estampadas, como típicas dançarinas de coco e ciranda. “Ensaíamos muito para esse disco. A gente escolheu muitas canções bonitas, tudo tava dando certo”, relembra. O LP “A Rainha da Ciranda”, com o selo Rozenblit foi lançado no mesmo ano em que Lia e Fernando Borges se conheceram.



Figura 6

O trabalho foi produzido por Ozires Diniz, foi anunciado nos jornais e registrado pela TV. Era a chance da carreira alavancar de vez, mas como na vida da humilde cozinheira de Itamaracá os problemas não foram pequenos, ela nunca recebeu qualquer tostão pelo material vendido. “Eles chegaram por aqui, me deram 25 cópias do disco e foram embora. Não sei quantos discos venderam, não sei quanto ganharam de dinheiro. Eu não tinha conhecimento de nada, não tinha um produtor pra me ajudar, era desconhecida no assunto. Ficou por isso mesmo”, comenta. Os produtores nunca se pronunciaram sobre o assunto. “Distribuí os discos, fiquei só com uma cópia. Uma conhecida pediu e depois devolveu com a capa toda desbotada”, diz ela. A cor do dinheiro a cantora não viu, mas aos poucos as músicas gravadas por ela foram tocando nas rádios.

Lia passou a ser ainda mais procurada e admirada pelos pernambucanos. O bar continuava sendo o lugar para encontrá-la. Ela acha que foram vendidos muitos discos, alguns levados até para o exterior, porque vez ou outra apareciam uns *gringos* com o disco para ser autografado. Devido à distribuição do LP, ela começou a fazer alguns shows no Pátio de São Pedro,

no Recife, reduto da música negra no centro histórico da capital pernambucana, onde aconteciam até o começo dos anos 2000 shows de cultura popular, com presença permanente de encontro de cirandeiros, coco de roda, maracatu e afoxé. A agenda não significou retorno financeiro, porque não existia cachê fixo, e davam um trocado como recompensa, valores bem irrisórios, abaixo do que ela merecia pela fama que estava carregando. Após uma das apresentações, ainda na década de 1970, Lia deu entrevista para uma emissora de televisão local e quando foi questionada pela repórter sobre o que esperava com o lançamento do disco, ela respondeu: “eu quero ganhar dinheiro pra viver um pouco melhor, né? Até porque eu tenho tanta fama, mas não tenho dinheiro”. E foi com poucos trocados que Lia permaneceu ainda por algumas décadas na humilde e sutil carreira de artista. As apresentações eram raridade. Vez ou outra aparecia alguma festa para Lia se apresentar com as dançarinas, formando o grupo que tinha montado para o LP. “O que pagavam era tão pouco que mal dava pra gente dividir e sobrar alguma coisa boa”, lamenta.

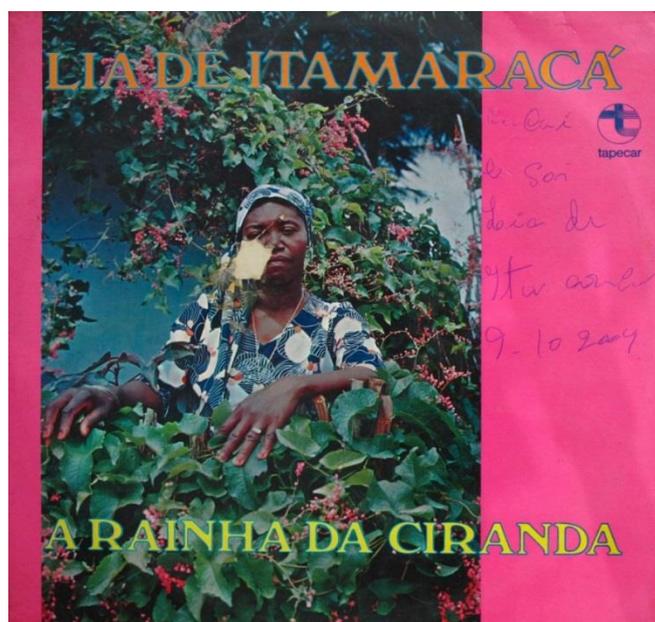


Figura 7

Em meio à fama sem retorno financeiro, a rotina diária de Lia permanecia a mesma. Durante a semana, ajudava a mãe na casa que morou, e nos finais de semana permanecia no bar. No meio do sucesso, Lia conheceu o primeiro marido: Aluízio. Nunca casou, só “se amigou” e saiu da casa onde

vivia para morar com ele quando engravidou. “Eu escondi o bucho, viu? Auxiliadora, que era a neta de seu Barros Monteiro, olhava pra mim e dizia que eu tava engordando. Ela não sabia era que eu tava *prenha*”, ri. Lia foi morar com Aluízio em Igarassu, cidade vizinha, mas não sustentou a primeira gravidez. Ela recorda que o filho - que não lembra com qual nome batizaram - ainda ficou vivo durante seis meses, mas morreu. Nasceu prematuro demais, não vingou. “O casamento não durou muito, não. A mãe dele era crente, se metia demais na vida da gente. Era fuxiqueira. Ele também não prestava muito. Era muito *banda voou*, raparigueiro igual ao meu pai. Vivia com uma conversinha que não queria casar no papel. Quando eu gravei o LP, quando eu tava fazendo sucesso, o bonitinho quis casar. Eu prontamente disse: ‘você quer casar com o LP, comigo não. Te lasca pra lá, safado’. Arrumei minhas coisas e vim morar novamente na casa onde eu morava. Não quis nem saber. Saí de lá com bucho e voltei sem bucho”.

Moça Namoradeira

*Ô moça namoradeira, lá na porteira onde os pássaros cantavam
Ela chorava, se lamentava, por ter perdido o amor que tanto amava*

Moça Namoradeira é canção integrante do repertório de Lia de Itamaracá. É uma canção autoral que expressa uma ciranda de Lia mais romântica, mais íntima, diferente do que as outras cantigas de ciranda fazem: uma narrativa que relata o cotidiano simples de um povo, da própria relação do cirandeiro. Moça Namoradeira, inclusive, é uma letra incorporada ao álbum Galanga Livre, do *rapper* Rincon Sapiência. O material de 2017, gravado com o selo da Boia Fria Produções nunca deu ao poeta contemporâneo uma negritude tão original. Foi a perfeita fusão da essência do *hip hop* com a cultura negra e popular da cirandeira Lia de Itamaracá. Na nova roupagem, Sapiência preservou a voz forte de Lia, sob as batidas do rap e incluiu frases que contam a história de uma moça à espera de um príncipe, como Lia de Itamaracá retrata a moça namoradeira da música, que perdeu o amor que tanto amava. Mas esse amor da letra da canção certamente não era Aluízio, o primeiro marido dela. Lia passou quase uma década para se apaixonar novamente e

descongelar o coração e abrir a cabeça, fechada para a vontade de casar mais uma vez. Mas uma rainha com sua majestade teria súditos espalhados por toda parte. Neste caso, em especial, o súdito apareceu na figura de um admirador. Quase uma década depois, acontecimento que ela não lembra precisamente o ano, a moça não tão namoradeira não estava na janela à espera de um amor, mas ele bateu à porta. Aliás, bateu o olho na televisão.

O Fantástico, da TV Globo, fez uma reportagem com ela depois do lançamento do disco “Rainha da Ciranda”. O título já havia se espalhado e ela já era considerada assim em Pernambuco e em outras partes do Brasil. A negra que apareceu na televisão falando da ciranda e da carreira numa reportagem feita pela Rede Globo Nordeste, despertou a admiração do músico Antônio Januário, ou Toinho, como é chamado na maneira simples, a forma que ele prefere. Também o chamam por “dente de galo”. Vai entender, né? “Era televisão em preto e branco nessa época. Ela lá sozinha cantando, contando a história dela. Fiquei encantado”, lembra.

Toinho, nascido na Zona Norte do Recife, cresceu andando pelas ruas do Alto Santa Terezinha, ao lado da Bomba do Hemetério, que é um dos polos culturais da periferia da capital pernambucana, nascedouro de gente que faz cultura popular e contribuiu para a cidade ter uma mistura de ritmos, uma característica multicultural. A Bomba do Hemetério é vizinha de outros núcleos conhecidos do Recife, como o Morro da Conceição, famoso pela festa de Nossa Senhora da Conceição, todo dia 8 de dezembro, polo que atrairomeiros, devotos da santa e pagadores de promessa. De mãos dadas com o sagrado, sem brigar com os religiosos, o morro e as comunidades vizinhas possuem identidades inclinadas para o samba, o frevo, o maracatu, as orquestras tradicionais que contam a história do carnaval pernambucano ou as contemporâneas, como a Orquestra Popular da Bomba do Hemetério, conduzida pelo conhecido Maestro Forró, uma figura que modificou a maneira de reger as orquestras de frevo. Afinal, quem imaginaria um dia que um maestro fizesse a regência plantando bananeira? Ninguém, né? A Zona Norte do Recife é lugar de ricas manifestações, mas de povo simples e boa parte pobre. É reduto de agremiações, de blocos tradicionais e do Reisado Imperial. Reisado é um folguedo comum no interior do nordeste, com forte presença no Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia em algum pedaço do Ceará,

mas nunca foi tão ilustre na terra do frevo e do maracatu. É uma brincadeira que sai às ruas na véspera do dia 6 de janeiro, quando se celebra o Dia de Reis. A tradição portuguesa incorporada ao Brasil durante a colonização anuncia a chegada de um Messias, ou seja, de Jesus Cristo. O Reisado Imperial surgiu no Recife em 1951, é o único em atividade na capital e foi a partir dele que Toinho foi apresentado à cultura popular ainda criança. Era porta-estandarte. Desfilava nos carnavais, no natal, na Festa de Reis. Do Reisado, Toinho se misturou ao centenário maracatu Estrela Brilhante, figura carimbada nas festas afro no Pátio de São Pedro, no centro do Recife, onde Lia também frequentava fazendo ciranda. Foi ali que viu pela segunda vez a negra que tinha visto na televisão naquela reportagem do Fantástico, que chamou sua atenção. Aliás, a reportagem não chamou a atenção do músico, mas a negra. No reencontro, os grupos de ciranda e maracatus se encontraram e Toinho enxergou Lia de longe, encostada no palco, num dia de pouca simpatia, sem querer muita conversa. “Ela muito tímida, muito na dela, sem conversar com ninguém. Deu só um ‘oi’ assim pra gente e saiu”, comenta Toinho, ao lembrar de mais uma chance que perdeu de ter uma intimidade maior com Lia. Mas os destinos de duas pessoas simples, envolvidas com música e cultura de raiz, haviam de se encontrar em algum momento. Toinho foi convidado pra um festival de ciranda em Itamaracá, na área do Bar Sargaço e quando chegou lá, ele conta que tratou de procurar a mulher que tinha lhe deixado admirado desde o dia que viu a reportagem na televisão: “quando cheguei no bar, procurei logo pela negona. ‘Cadê aquela negona? Cadê aquela negona?’, perguntei por ela insistentemente. Estava na cozinha, toda melada de peixe ainda, porque tava cozinhando antes de se apresentar. Não deu muita conversa mais uma vez. Depois ela entrou pra cantar e eu me emocionei logo”. O homem apaixonado e desiludido foi embora sem saber se ainda encontraria sua musa da televisão. Quando falou sobre esse momento, Toinho fez questão de explicar que se refere à Lia como negona por puro carinho, sem preconceito. Abriu uma licença para dizer isso, preocupado em gerar a percepção de que fosse em tom pejorativo, por discriminação racial. “É por amor mesmo, minha negona. É assim que chamo”, explica, em tom de esclarecimento.

Outra oportunidade de se aproximar de Lia bateu à porta de Toinho. “Eu estava em casa todo sujo de tinta. Tava ajeitando a casa, dando um grau, quando aparece um carro da Globo. Quando vi a viatura, fiquei logo doidinho, tentando me ajeitar como quem arruma o lixo da casa pra visita não ver”, sorri. O reisado e o maracatu que ele participava estavam sendo convidados para a gravação de um material sobre cultura popular, no Rio de Janeiro. “Antes de sair, a mulher falou: ‘quem vai também é Lia de Itamaracá’. Fiquei doidinho, rapaz. Quando cheguei ao aeroporto, ela tava lá assinando uns papéis. Devagarzinho, me aproximei e perguntei: ‘é com a senhora que a gente vai tocar, né?’ Ela bem grossa, respondeu: ‘eu não sei, onde me botar eu canto’. Me assustei e saí de fininho”. Toinho foi insistente, como num começo de namoro, numa paquera de adolescentes, quando o menino passa na porta da moça pra cumprimentá-la. No Rio, os artistas ficaram no mesmo hotel. Ele lembra que Lia ficou num quarto bem distante, no fim do corredor do hotel, com um guarda na porta. Toinho deu um jeitinho de furar o bloqueio. “Eu fui lá e falei pro guarda que trabalhava com ela. Lia tava lá, arrumando as roupas no guarda-roupa. Tirava as roupas da mala e colocava no guarda-roupa. Dei um oi e fui me aproximando, puxando assunto. Ela de cara fechada, toda desconfiada, deu mais um jeito de se sair. Foi logo falando: ‘olha, tu tá conversando demais, visse? Vou tomar um banho e mais tarde a gente se encontra na ciranda’. Eu fiquei por ali esperando que ela saísse do banheiro. Lia percebeu que eu tava ali. De repente, me pediu pra levar uma toalha. Fiquei tão nervoso, mas levei. Ela foi esperta, até porque o que mais tem num hotel é toalha. A gente se deu bem. Aliás, a gente se deu muito bem”, conta Toinho, numa animação e sorriso de um canto a outro do rosto. Depois dessa noite, Lia e Toinho começaram um namoro e parceria. Ele ia para Itamaracá nos finais de semana, tocava com Lia nas apresentações do Bar Sargaço e voltava no outro dia para Recife. “Lia era tão boazinha que arranjava umas esteiras pra gente dormir no chão. Eu e um amigo que ia comigo. A gente tomava uns vinhos Carreteiro e voltava pra casa no outro dia no primeiro ônibus, bem cedo”. Depois de um tempo, os dois resolveram morar juntos e estão lado a lado até hoje, há quase 35 anos. É interessante vê-los juntos. Lia é grandona, Toinho é baixinho. A diferença de idade entre os dois é de oito anos. Hoje Toinho tem 66. Tem uma estatura meio curvada, mas não chega a ser corcunda. Tem um

corte de cabelo de camada, ainda no formato Chitãozinho e Xororó no começo da carreira. Sempre está com camisas de botão estampadas, com os botões superiores abertos, aparecendo um colar brilhante, ou prateado ou dourado. É uma figura que poucas vezes sai de casa sozinha. Na maioria das vezes é com Lia, seja a um hospital, seja para resolver algum problema no banco. Lia e Toinho deram certo no amor e na parceria. São de cama, mesa e palco. É músico cativo da banda. Toca instrumentos de percussão e recebe cachê como todos os outros integrantes, como um funcionário de Lia. Amores, amores, negócios a parte. “Sou ele e eu, eu e ele. É a gente pra tudo. Toinho é uma pessoa muito boa”, revela Lia. Ele também tem uma gratidão visível no olhar, talvez um dos depoimentos mais emocionantes e profundos que já vi sobre Lia: “Lia é meu tudo. Ela não é só minha mulher, até porque mulher é pra cama, né? Lia é minha segunda mãe. Se não fosse ela, eu nem sei onde eu estaria agora”, diz. Pra eternizar esse amor, Toinho quer construir uma estátua de Lia no quintal. Ele diz que é um sonho antigo, que qualquer dia faz isso para homenagear a musa que conheceu pela TV, que insistiu na conquista e conseguiu. Está no chamego de Lia.



Figura 8

A casa incendiada

Quando foram viver juntos na década de 80, eles conseguiram erguer uma casa com o pouco dinheiro que tinha. Foi um lar feito às pressas, já que

Lia vivia na casa que a mãe trabalhava, tinha saído quando engravidou do primeiro marido e voltou depois da separação. Os dois fizeram uma casa de taipa: parte interior de madeira com o teto todo de palha de coqueiro. No começo, as palhas são verdinhas, mas depois ficam bem ressecadas. Com o tempo, é preciso trocar. Essas construções eram bem comuns na beira da praia de Itamaracá, chamadas de Caiçaras, estruturas feitas pelos pescadores para guardar o material de trabalho, como rede, barco de madeira, linha, anzol, etc. A casinha de Lia e Toinho era nesse estilo. Foi nessa casa que eles viveram um momento trágico que marcou a vida de Lia.

Essa é uma das histórias que fazem Lia e Toinho respirarem fundo quando tocamos nesse assunto. Pra quem é pobre e não tem quase nada, perder o pouco que tem é uma fatalidade. E ninguém gosta de contar as frustrações, embora hoje a vida esteja melhor. É por isso que ao abordar certos assuntos nas densas e várias entrevistas que fiz com Lia, sempre precisei ter cuidado, sutileza e delicadeza para não chateá-la ou machucá-la com temas que mexessem com a sua intimidade. Mas Lia, como boa contadora de histórias, pouco se incomodava em falar qualquer assunto que iniciássemos. E assim, mais uma história surgiu.

A casa recém-construída com o trabalho suado dos dois pegou fogo na madrugada de janeiro de 1989. Lia tinha largado do Bar Sargaço, depois de mais uma noite cansativa de trabalho corrido na cozinha, no calor do fogão e depois cantando ciranda para os clientes. Toinho havia chegado do Recife. Na época era porta-estandarte do Reisado e tinha participado de mais uma apresentação do grupo. Ele e Lia haviam acabado de pegar no sono, quando Toinho respirou um cheiro de fumaça e palha queimada no casebre. “Toinho me acordou: ‘Lia, ô, Lia, lembra que a gente vai morrer’. Senti aquele calor, de repente tava tudo pegando fogo. A palha caía queimada, muita faísca, aqueles tições, aqueles pedaços de madeira queimando e caindo dentro de casa e a gente sem conseguir sair”, lamenta. “Eu ouvia um povo do lado de fora casa dizendo: ‘ela tá aí dentro, deve ter morrido’. Era uma voz longe, mas eu ouvia que já tinha muita gente na rua vendo a casa pegando fogo. A gente conseguiu sair, mas não sei como não morremos. A gente poderia ter morrido naquele fogo todo. Foi uma tristeza”. Lia e o marido não tiveram qualquer queimadura, mas perderam tudo. “Perdi tudo, meu filho. Eu tinha um restinho de dinheiro

que tinha pago as coisas logo cedo. Eu fui numa venda que comprava fiado e paguei a conta da caderneta onde eu marcava o que tinha comprado fiado lá pra pagar quando recebesse dinheiro. Sobrou um troquinho pra pagar umas coisas e guardei. Esse dinheiro também foi no meio do fogo. Perdi tudo, tudo, tudo, tudo”, relembra. Pra eles, foi bem difícil recomeçar, mas começaram a receber doações dos vizinhos, de gente ali mesmo da comunidade, que tinha tão pouco quanto Lia, mas foram solidários diante da tragédia. “Um me doava um pano de prato, outro me doava um lençol, alguém me doava uma colher, um prato, uma toalha, um travesseiro”. Como dizem na linguagem popular, Toinho e Lia ficaram somente com a roupa do couro e com mais um item, que ela detalha emocionada: “lá numa gaveta da cômoda eu tinha guardado uma bíblia e essa bíblia ficou inteirinha, não pegou fogo. Não sei como foi aquilo meu filho, mas aconteceu. A bíblia não pegou fogo”, repete admirada. Lia não atribui um milagre a isso ou a mão do divino nessa raridade, mas acredita que não é algo normal. Foi daí que a fé de Lia só aumentou. Mas isso eu conto mais pra frente.

Toinho sempre foi muito cuidadoso com o porta-estandarte que tinha a função de carregar em frente à troça carnavalesca que participava. Ele mesmo decorava o instrumento, bordava, colava as lantejoulas e as letras que formavam o letreiro colorido e chamativo do Reisado Imperial. Nesse dia, antes de deitar, guardou o pano do estandarte na cômoda. Também não deu tempo de salvar o objeto que ele tinha um apreço imenso e cuidava como um filho. Tudo virou cinza naquela noite de verão. Na estação das férias, Itamaracá sempre ficava lotada de muitos turistas. E como Lia já carregava uma certa fama, até porque já tinha gravado o primeiro disco, a notícia do fogaréu na casa logo se espalhou pela cidade. Os primeiros a perceberem o fogo também foram os que chegaram logo para ajudar, principalmente os vizinhos e os veranistas que estavam próximos da casa. A cantora lembra que o pessoal chegava com baldes, mangueira e tudo o que podia para ajudar a diminuir o fogo, porque os bombeiros demoraram pra chegar. Itamaracá não tem Corpo de Bombeiros e a unidade mais próxima fica em Igarassu, duas cidades depois, cerca de 14 quilômetros. “O povo ajudava e ao mesmo tempo queria entrar na casa pra tentar tirar a gente de lá. Todo mundo achando que a gente tinha pegado fogo também”. Hoje ela já consegue sorrir, mas na época deu um

trabalho para recomeçar do zero. Lia diz que não deixou nenhum fogo ligado. Que tomou umas cervejinhas antes de ir pra casa, mas que não cozinhou nada e olhou tudo antes de deitar. Não fumava, não tinha vela acesa, nada que pudesse causar o incêndio. Ela lembra que depois que o fogo foi apagado os bombeiros acharam uma tocha no quintal, perto do que sobrou da palha e da madeira queimada. “Aquilo foi crime. Jogaram de propósito pra me matar ou tirar um pouquinho da felicidade que eu tava de tá fazendo as minhas coisinhas. Aquilo foi muita inveja porque eu tava com fama. Foi muito triste, menino”. Um semblante entristecido se forma quando ela relembra essa parte, a infelicidade de ter sido vítima da inveja de alguém a ponto de fazer uma maldade daquele tamanho, que poderia ter encerrado sua vida e a do marido. Ninguém nunca confirmou se o incêndio foi criminoso, mas Lia tem certeza que foi causado por alguém.

Como todo mundo que recomeça, Lia, em suas mais profundas reflexões em um momento de tristeza, se perguntou: “E agora? O que vai ser de mim?”. Enquanto fazia esse questionamento sem respostas, por mais fama que já tivesse, Lia era uma artista popular, do povo, reconhecida no espaço onde vivia, visitada na conveniência de quem aparecia na sua terra, mas não estava entre os ricos ou autoridades que podiam ajudá-la. Enquanto tentava achar uma solução para o problema, ela ficou com Toinho numa casa com poucos móveis, emprestada por um amigo que frequentava Itamaracá. “O prefeito daqui, na época, esteve lá onde a casa pegou fogo, viu que não tinha nada, que não tinha sobrado nada, mas disse que só podia ajudar com a mão de obra e material nenhum. Nunca fizeram nada por mim mesmo, não era ali que iam fazer”, se irrita, mas é firme quando lembra da postura que precisou tomar: “Barco perdido, bico arregado. Se eu não tinha morrido naquele fogo, eu não ia morrer depois. Dei um jeito”. A solidariedade de quem podia doar mais alguma coisa chegou até Lia depois que a história ganhou repercussão na imprensa. De longe, da Zona da Mata, lá da cidade de Goiana, um empresário enviou um carregamento de tijolo e cimento para a reconstrução da casa da cirandeira. “Osvaldo Rabelo vivia por aqui de veraneio, já me conhecia e quando soube da história mandou esse material pra me ajudar e eu caí em campo pra conseguir o resto”. E o resto começava por um terreno novo porque ela não queria o antigo, tinha pego desgosto depois do que aconteceu.

O ano seguinte era a preparação para um ano político. Joaquim Francisco se preparava para ser candidato ao governo de Pernambuco e tinha uma admiração já assumida por Lia de Itamaracá. Era visitante assíduo dos carnavais e festas na cidade e sabia da existência de uma figura ilustre no lugar. Ela, portanto, foi atrás do futuro governador e ofereceu serviço em troca de dinheiro para comprar um terreno e erguer a casa onde vive até hoje. “Pensei e me danei no meio do mundo com aquele homem. Não quis saber. Onde ele ia eu tava atrás, cantava ciranda nos comícios e tava lá agarrada com ele fazendo campanha. Ele me prometeu que se ganhasse ia me ajudar”. Joaquim Francisco, que era deputado federal e já havia sido prefeito do Recife assumiu o governo de Pernambuco e cumpriu a promessa. Lia conseguiu construir uma nova casa e descansou depois de uma caminhada exaustiva para ter um novo lugar pra morar. A nova moradia, que passou por diversas reformas, é bem diferente da que foi queimada, sem palhas na coberta ou taipa na estrutura das paredes. Não tinha mais risco de pegar fogo por qualquer tocha que jogassem em cima da casa. O lar é o mais importante patrimônio que ela e o marido têm e não à toa cuida tão bem de onde vive, como alguém que sabe que aquilo deu trabalho para existir.

Chica: a filha do coração

No novo lugar, Lia e o marido viveram momentos tristes e outros felizes. Ela engravidou de Toinho uma, duas, três vezes, mas não segurou nenhuma gravidez. “Não era pra ser. E se não era pra ser, tá bom demais assim”, diz tranquilamente, como uma pessoa que é conformada com o que conseguiu até agora. Mas se os filhos biológicos não existiram, sobrou espaço para criar uma sobrinha, que tem como filha de criação, filha do coração, como ela diz. “Chica é mais que uma filha que eu pari. É a filha que Deus me deu”.

A Chica a qual Lia se refere é filha de Maurino Correia, outro irmão de Lia, o mais velho. O irmão não tinha condições de cuidar da menina. Depois que Maurino morreu, a situação ficou ainda mais apertada e Chica foi dada pela mãe para ser criada em um convento de freiras, mas Lia foi em busca de Elenita. Chica tem traços tão semelhantes com os de Lia, que quando conta que é uma filha adotiva, uma sobrinha que foi criada como filha, muitas

peças estranham. Afinal, de tão parecidas que são, se passariam como mãe e filha tranquilamente. As semelhanças são físicas e também no comportamento. Chica é uma negra bonita, de cabelos cheios. Algumas vezes estão entrançados como os de Lia, outras vezes soltos. Chica também usa faixa na cabeça, entre a testa e a cabeleira volumosa, assim como a mãe gosta de fazer. Simpática, conversadora, onde passa dá com as mãos ou cumprimenta os conhecidos, os conterrâneos e amigos de infância da comunidade de Jaguaribe. Ao contrário de Lia, Chica gosta de parar pra esticar a conversa. É daquelas que gosta de saber de tudo e sai perguntando sem parar. É bem assim quando me encontra ou esbarra com um conhecido próximo na rua: “Por onde anda tua mãe? E tua avó? E tua prima fulana de tal?”. Como conhece todo mundo da minha casa e é amiga de infância dos meus primos mais velhos, se eu deixar ela quer saber até dos filhos dos primos, dos filhos dos filhos dos primos e por aí vai. É dona de uma gargalhada enorme, do tipo que emenda em várias outras risadas. Isso também é bem parecido com Lia quando tá conversando com as amigas ou lembrando algo muito engraçado. Por essas e outras características e qualidades, Chica tem um orgulho grande da mãe do coração e da tia de sangue. Lia é um ícone para ela. “Por causa dessa mulher maravilhosa eu sou quem sou hoje. Fui muito bem criada, nunca faltou nada, mesmo a gente vivendo na humildade”, orgulha-se. E por falar em orgulho, a sobrinha-filha ou filha-sobrinha faz questão de dizer para todo mundo por quem foi criada. “Oxe, lá pelo Recife mesmo por onde eu trabalhava, eu dizia logo que era filha de Lia de Itamaracá, de Lia da Ciranda, da Rainha da Ciranda. *Mái menino*. E né não? Tem que dizer pro povo saber”. Elenita também mora em Itamaracá e contribui demais nos afazeres da casa da mãe quando ela precisa. Lia viaja bastante e deixa os cuidados da casa com a sobrinha, as poucas pessoas em quem confia para deixar seu bem maior. É com ela também que Lia conta para uma faxina geral, o pagamento de uma conta ou a entrega de uma encomenda. Na necessidade é por Chica que Lia grita. “Me ajuda demais. É meu braço direito assim como Toinho. Quando não é um, é outro”, conta Lia.



Figura 9

Quando pensa que Chica poderia ter sido criada dentro de convento de freira, Lia lembra do perrengue que foi para levar a menina de volta pra casa, depois que a mãe com a ajuda das patroas já tinha a enviado para o tradicional e religioso Colégio Santo Antônio, no Recife. De lá Lia seguiria para um convento em Água Preta, no interior de Pernambuco. “Oxe. Eu fui lá e não quis saber. Eu já tava de punho e braço cansados de tanto que assinei papel pra trazer Chica comigo de volta pra casa. Eu disse: ‘irmã, eu vou levar essa menina nem que seja amarrada ou puxando pelos cabelos, mas eu só saio daqui com ela’. E assim foi. Voltei com ela pra casa e hoje Chica tá aí bem criada, até filho já tem”, relembra. E Chica agradece por esse livramento que ela chama de salvação: “não é que eu ache que ser freira seja ruim, não. Mas foi melhor assim mesmo, sabe?”. Casei, arrumei um marido, arrumei outro e tenho meu filho”.

Izaqui, o filho de Chica, é um rapaz negro e alto, torcedor roxo do Santa Cruz Futebol Clube, popular e falante entre os conhecidos e na comunidade de Jaguaribe. Gosta muito de política e discute o assunto todo santo dia no *Facebook*, inclusive arranja umas confusões por causa disso, mas nada de grave ou que destrua amizades. É coisa dos tempos de hoje, quando todo mundo quer discutir políticas na internet. Carrega a simpatia da família onde nasceu. Tem características bem parecidas com a da mãe e a da tia-avó ou

avó, como prefere reconhecer a matriarca. “É minha avó, foi ela quem me criou junto com minha mãe. Devo tudo para Lia e para minha mãe”. Izaqui é tão apaixonado e orgulho da mãe e da avó artista, que as redes sociais dele são repletas de fotografias com a mãe e com a cirandeira. E não só isso. Também compartilha notícias sobre a carreira de Lia, reportagens em portais, programação de shows e qualquer informação que a inclua. Está sempre se referindo a ela como avó, como segunda mãe. “É um orgulho pra todos nós daqui desse lugar. Se é orgulho pro povo, imagina pra mim, que sou de casa?”. Lia contribui na educação do neto, assim como fez com Lia. A diferença é que o rapaz será o primeiro membro da família a concluir um curso superior. Está estudando Direito. Lia não teve a oportunidade de chegar à universidade e quando conta dos estudos do neto enche o peito de orgulho, ainda mais quando lembra que é um homem de bem, querido por todos. É que pra Lia, que viveu tantos momentos difíceis e que encontrou tantas pedras num caminho longo, esse tipo de valor, o valor humano, é mais importante que qualquer outro bem material ou até mesmo o diploma que o menino vai ter futuramente.



Figura 10

“Eu quero que ele não esqueça quem é, de onde veio, de quem é filho e de quem é neto. Sendo pobre e preto, é um vencedor. Ainda bem que Chica não foi ser freira”, sorri.

A pequena família que construiu, parte que restou de uma fatia bem maior, é uma das muitas vitórias que ela também expõe depois de fardos carregados e problemas resolvidos. Não à toa Lia sorri mais do que se entristece, comemora mais do que lamenta e carrega uma esperança admirável quando olha para o futuro no horizonte do mar. E é ali, enquanto conversa comigo em mais uma tarde de muitos assuntos, que ela demonstra essa vitalidade toda. Nem parece que já há uma jornada tão longa lá atrás. Lia sorri como uma criança. Lia planeja o futuro como um jovem no começo da trajetória. Animada, feliz e encorajada, me convida para uma ciranda qualquer dia desses. De repente, se levanta e diz que vai preparar o café. “Outro dia a gente conversa mais, viu?”. Eu brinco: “ainda vou voltar muitas vezes, Lia. Nem começamos direito ainda”. Ela rebate rapidamente e brinca, aproveitando pra mais uma gargalhada: “E ainda tem tudo isso? É muito babado mesmo, viu?”.

Parte II

O Reino de Lia

Itamaracá em Tupi Guarani quer dizer Pedra que Canta
E também é uma ilha do atlântico / Que fica lá em Recife / A Minha Terra
Itamaracá é uma ilha encantada / Lugar mais bonito que eu vi
Itamaracá é um reino encantado / E todos são reis por aqui
Ilha de sonhos, de luz e de cor / Terra que canta o amor
Essa areia tão branca / Teu céu e o teu mar
Paraíso é Itamaracá

Quem acompanha, é admirador ou ouve o estilo musical Brega, sabe que em Pernambuco um artista se tornou referência nacional e internacional com as músicas desse estilo. Reginaldo Rossi (1944-2003) vendeu mais de 20 milhões de cópias, gravou 33 álbuns, entre LP's e CD's e abriu os shows de Roberto Carlos em várias ocasiões. O ex-estudante de engenharia civil deixou os números para se tornar um dos artistas mais folclóricos e iconográficos de Pernambuco, do Nordeste e do Brasil. Não há nas gerações mais antigas, sobretudo no seu estado natal, quem não conheça algum sucesso seu. E entre muitas canções que estiveram nas rádios frequentemente, os versos acima aparecem como um dos hits do seu trabalho. Itamaracá foi uma homenagem que o artista fez à cidade que, segundo ele, era também a sua terra. Rossi foi veranista, morador e defensor assíduo do lugar, apesar de nunca ter recebido qualquer título de cidadão do município. Para ele, como diz nos versos da canção, em Itamaracá todo mundo é rei, e ele tinha essa relação de reinado no lugar, embora tenha frequentado a casa de pescadores, políticos, veranistas e moradores simples da cidade. Não era um artista assediado na Ilha porque já vivia no ambiente como parte do lugar, como um morador ilustre, mas popular, assim como Lia. Nos finais de semana, era possível encontrá-lo em algum bar na praia do Forte Orange, conversando com os comerciantes, sentado deixado de uma palhoça, com os pés na areia, camisa aberta no peito, cigarro ou um copo de whisky na mão – ou os dois – e aqueles inconfundíveis cabelos

assanhados e óculos estilo aviador no rosto. “Reginaldo Rossi era uma figura”, relembra Lia.



Figura 11

A música Itamaracá começou a ser cantada entre o final da década de 80 e começo dos anos 90, sobretudo nos inúmeros shows que fez nas praias de Itamaracá, mas os registros de discografia do artista só mostram que ela foi gravada oficialmente em 1997 no álbum 20 Sucessos de Reginaldo Rossi, da EMI. Se o músico fosse filho natural de Itamaracá, ele teria sido o nome mais famosos que saiu da cidade, porque carregou a divulgação do cartão-postal e destino turístico por onde passou. Em entrevista ao repórter José Caminha, da TV Globo Nordeste, em um verão de 1998, Rossi aparece caminhando na beira da praia do Forte Orange e leva o jornalista, em toda a gravação da reportagem, até sua residência, bem cuidada por empregados da cidade. Na conversa, ele explicou o amor pelo lugar: “isso aqui é como eu canto: ‘é o lugar mais bonito que eu vi’. Andei muito, saí do país muitas vezes, fui pra tantas praias, frequento Boa Viagem, caminhei muito, visitei tanta coisa, mas nada se compara a esse lugar”.

No *Trip Advisor*, site de avaliação de turismo, um dos mais conhecidos e visitados do mundo, uma publicação de 2014 aponta a Ilha de Itamaracá como a “Ilha encantada de Reginaldo Rossi”. E foi assim, nessa identidade, que a cidade se tornou referência também graças a Rossi, um dos mais famosos frequentadores que o lugar já teve. Ele se tornou um embaixador, um garoto-propaganda (ou um coroa-propaganda?) cantando as belezas, convidando muita gente e recebendo anônimos e famosos em mais de uma residência que

teve na cidade. Quando faleceu, em 20 de dezembro de 2013, no Recife, a cidade viveu o luto de sua partida. O jornal Diário de Pernambuco, inclusive, esteve na cidade para ouvir moradores e admiradores do artista. Nas falas da matéria, a produtora cultural Sara Cavalcanti, com quem Rossi se divertiu muito na Ilha, lembrou da paixão dele pela cidade: “Ele era apaixonado por Itamaracá, chamava de paraíso. Ao cruzar a ponte, dizia: ‘agora sim estou na minha Ilha’”.

Entre as pessoas entrevistadas pela reportagem do jornalista Fellipe Torres está Lia, a amiga artista e fã de Rossi. Ambos viveram bons momentos na cidade. Lia frequentava a casa do Rei do Brega, preparava peixadas e moquecas para os convidados e tomava muita cerveja no jardim da casa dele. Na reportagem, a foto mostra Lia sentada em uma cadeira de balanço próxima a uma foto de Reginaldo pendurada na parede de sua casa. Para um vídeo, disponível no site do Diário de Pernambuco do dia 23 de dezembro de 2013, Lia entoou trechos da música Itamaracá. Em entrevista, ela falou sobre o amigo: “não achei que ele fosse embora agora. Estava doente, a coisa era séria, mas pensei que ele teria mais tempo de vida”. Lia estava no Rio de Janeiro quando Rossi faleceu, e não conseguiu acompanhar a despedida. Ela lembrou do último show que ele fez na cidade, em 2012: “eu estava lá, dancei e cantei muito, fui bem recebida por ele. No meio do show, ele gritou pra todos ouvirem que quando terminasse o show ia me levar pro motel. Aquele danado”, relembra. “Ele também me disse que voltaria a morar aqui, mas não deu tempo”.

Mas o que Reginaldo Rossi e a música que ele homenageou a cidade têm a ver com a história de Lia? Esse *blá blá blá* todo não é em vão. Isso porque se o cantor voltasse a viver em Itamaracá, lamentaria o que estava acontecendo na cidade, desabafos que ele já fazia quando fazia shows no lugar. Em uma de suas passagens, pediu aos gestores do município que preservassem “a ilha encantada” dele. É que quando Reginaldo Rossi compôs três letras que falam sobre a Ilha de Itamaracá, o balneário vivia tempos promissores no turismo. Estava entre as praias mais procuradas por turistas que chegavam ao nordeste e a Pernambuco, era destino vendido com frequência pelas agências de turismo e estava sempre lotada de frequentadores, principalmente no período de férias, feriados e finais de

semana. Foi palco de festas do calendário cultural de Pernambuco e teve um dos melhores carnavais do estado. A “Festa da Agulha”, por exemplo, esteve entre um dos festivais mais conhecidos por moradores, veranistas e turistas. Durante duas noites, pescadores disputavam quem mais pescaria o peixe Agulha. Enquanto isso, os shows eram realizados na beira da Praia de Jaguaribe. Já a festa “Vamos Abraçar o Sol” acontecia na Praia do Forte Orange, com atrações até os primeiros raios de sol.

Comerciantes, donos de pousadas e hotéis e corretores de imóveis conseguiram aproveitar os bons momentos da cidade até a metade da década de 1990. Até aí, a Ilha Encantada de Reginaldo Rossi fazia jus ao título dado à cidade pelo cantor e admirador do lugar. Depois disso, um declínio apagou a poesia e o encantamento do lugar.



Figura 12

A Ilha de Itamaracá fica a 47 quilômetros do Recife, está no litoral norte, e para chegar até lá é preciso passar por uma rodovia estadual que corta o centro do município de Itapissuma, a Terra dos Crustáceos. A Ilha é ligada ao continente por uma ponte que separa Itamaracá e Itapissuma sobre Canal de Santa Cruz. De longe, vendo manguezais e matagais, quem se aproxima do lugar e conhece os versos da música de Reginaldo Rossi lembra a Ilha Encantada apresentada por ele. De fato, o lugar ainda encanta de alguma maneira, pela riqueza de belezas naturais que possui, mas já não é mais

atrativo para quem visita Pernambuco ou para quem mora no estado e passa os finais de semana no litoral. O litoral sul se tornou o novo paraíso e passou a ser mais procurado pelos turistas. Atualmente, o triste cenário expõe lixo, um visível abandono, imóveis fechados e residências à venda, com placas de imobiliárias. É o avesso dos tempos em que Rossi e Lia construíram a amizade na ilha das areias brancas. Lia lembra do lugar onde vive. “Era muito animado, vinha muita gente. Eu lembro que quando o verão começava, os veranistas apareciam para alugar uma casa e já não tinha mais. Tinha morador que alugava um quarto com pena dos visitantes. Aí quem morava ficava num quarto e os hóspedes no outro. Ficava todo mundo junto”. Ela lembra das festas também: “quando tinha show de Reginaldo Rossi é que a cidade ficava mais cheia ainda. Vinha gente de todo cantor pra assistir ele cantar. Eu também ia. Também tinha ciranda sempre, Sargaço lotado, praia cheia, os comerciantes adoravam. Quem não gostava desse jeito, né? Isso aqui era uma loucura. Ai, mamãe”.

Atualmente, as festas ocorrem poucas vezes, apenas em datas específicas, como as comemorações dos padroeiros dos principais bairros da cidade: Nossa Senhora do Pilar, no bairro do Pilar; Bom Jesus dos Passos, no bairro de Jaguaribe; Nossa Senhora da Conceição, no povoado de Vila Velha; e São Sebastião, na Praia do Sossego. Essas festas, inclusive, já tiveram mais vida, mais folclore e atrações da cultura popular para visitantes e moradores, todos brincantes dos festejos dos povoados. Dona Rosa Vieira, de 92 anos, é guardiã da Capela do Bom Jesus dos Passos, mora ao lado da pequena igreja que celebra a festa do bairro praieiro no mês de março ou em abril, dependendo do período da semana santa. A aposentada que vende um famoso picolé de frutas em sua residência em frente ao mar, acompanhou muitas procissões, novenas e os bons momentos das celebrações ao Bom Jesus dos Passos. “Eu vejo isso aqui desde menina com meus pais e meus irmãos. Envelheci aqui e acompanhei tudo. Está muito diferente. A festa durava mais de uma semana, hoje acaba em poucos dias, um final de semana apenas. Tinha maracatu, coco de roda, mamulengo, pastoril, umas apresentações boas como a ciranda de Lia. Mas hoje, meu filho, só tem uns cantores dançando uma dança feia. Gosto não”, reclama Dona Rosa, se referindo às apresentações de Brega Funk, TecnoBrega e outros estilos que a prefeitura

leva com mais frequência aos palcos das festas na Ilha de Itamaracá. Nos últimos anos, a Secretaria de Turismo tem inserido Lia na programação. Em 2017, ela esteve na programação da festa e abriu uma grande roda na Praia de Jaguaribe, onde mais gosta de cantar. Lia também é devota do padroeiro do bairro onde mora. Em uma das edições, ela acompanhou uma procissão descalça, agradecendo ao padroeiro pelas conquistas. “Tem gente que acha que eu sou do Candomblé, mas não sou. Eu respeito, eu vou numa celebração, num culto, eu vou pra qualquer canto, mas sou católica mesmo. Sou muito devota do Bom Jesus dos Passos. Quando canto na festa dele, estou fazendo a animação do povo, mas também tô agradecendo a ele. Quero sempre fazer isso”, conta.

De acordo com o Censo Demográfico Brasileiro de 2013, do IBGE, o município tem atualmente 23.923 moradores, distribuídos em 13 bairros. Apesar da fundação da cidade só ter acontecido em 1958, a história trata o surgimento do lugar na época de 1526, bem no início dos registros do Brasil, tanto que os livros de história apresentam a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Vila Velha, como a segunda mais antiga do Brasil. No local, que abrigou povos da colonização, também há ruínas de outra igreja, a qual os historiadores tratam como uma capela que foi erguida para os negros, escravos que não podiam frequentar o templo de brancos e ricos. Itamaracá foi uma das Capitânicas Originais ou Capitânicas Hereditárias e também abrigou engenhos de açúcar e abolicionistas. Bom, a ideia desse rápido relato histórico não é abrir espaço para uma espécie de “Conheça Itamaracá”, mas para situar a cirandeirano cenário onde é considerada rainha, ou seja, o Reino de Lia.

A rainha em seu reino

“Ela com aquela imponência dela, aquela postura, aquele vozeirão, aquela espiritualidade, tem um porte de rainha. Ela é uma Rainha Afro”, garante a jornalista Vaderlusa D’arce. Para ela, que acompanhou a trajetória da artista desde o princípio, “Lia foi a coisa mais importante que aconteceu na Ilha de Itamaracá”. Esse depoimento da jornalista Valderlusa explica a importância de Lia para o lugar. Paulo Pimentel Galvão, que foi prefeito da Ilha de Itamaracá entre os anos de 1992 e 1995, tempos de ouro da cidade, entende

que Lia é um cartão-postal vivo. “Nós temos aqui espaços que todo turista que chega quer conhecer: Vila Velha, Engenho São João, Forte Orange, Projeto Peixe-Boi e as igrejas, mas também temos a figura de Lia de Itamaracá. Ela se tornou um ícone do lugar, alguém que é mais que uma artista, uma cirandeira, mas uma personagem dessa cidade. As pessoas querem conhecê-la, dançar uma ciranda na praia, e não fazer isso é como ir ao Vaticano e não ver o papa”, compara.

Eu sou Lia da Beira do Mar
Morena Queimada do Sal e do Sol
Da Ilha de Itamaracá

Nos versos da canção Eu Sou Lia, o que Maria Madalena faz é se afirmar como uma mulher da Ilha de Itamaracá, não à toa, o nome artístico que carrega em toda a sua trajetória não é apenas “Lia”, o apelido que ganhou na infância. O nome carinhoso vem acompanhado do lugar onde vive: Ilha de Itamaracá. “Não tem somente Lia, não. Ou é Lia de Itamaracá ou não é. Ninguém me apresenta como Lia por onde eu vou. Algumas vezes até me apresentam como Lia da Ciranda, mas sempre é Lia de Itamaracá. Eu carrego minha ilha no meu nome”, explica Lia, num claro orgulho da sua terra. Essa relação de Lia com o lugar está nas letras das músicas, nas fotografias do trabalho da cirandeira, nas fotos dos jornais e nas apresentações da ciranda, que acontecem principalmente na beira da praia da ilha. Além disso, a própria história da artista, o início de sua carreira, começou com os versos que levam o ouvinte à beira da praia de Itamaracá e ao som das pancadas do mar, como relatei no capítulo anterior.

No entanto, ao mesmo tempo em que é rainha nesse reino, também não recebeu o valor devido, o espaço que merecia ter, além da valorização e preservação de sua cultura, do seu trabalho e de tudo que faz em prol das tradições do lugar e da manifestação que carrega por onde passa. Nota-se uma despreocupação dos governos que passaram pela cidade e também da gestão atual, que colocam a cirandeira num plano menor, afastada de uma prioridade que poderiam ter dado sempre, tanto que seu Centro Cultural, assunto que abordaremos adiante, ainda padece em obras inacabadas e

promessas que ficam para depois. Esse é um capítulo à parte e que merece uma atenção especial desse trabalho.

Desde que começou a cantar, as gestões da Ilha de Itamaracá pouco apoiaram e enriqueceram o trabalho de Lia, que na maioria das oportunidades recebeu ajuda de amigos, de gente que acreditou no seu trabalho, como foi no começo da carreira no Bar Sargaço, quando as amigas veranistas saíram em busca de roupa para as suas apresentações. Como também está pontuado neste trabalho, quando a residência da cirandeira foi incendiada, as doações para a construção de sua nova casa surgiram fora da Ilha de Itamaracá. Na época, a prefeitura do município não fez nada para ajudá-la. Todas essas frustrações estão nas lembranças e falas de Lia, que também recorda que chegaram a tratar seu trabalho como um favor e que também já pagaram suas apresentações com agrados, pouco além do justo, uma espécie de escambo. “Me lembro que eu ia cantar nos lugares aqui da cidade e quando eu terminava de me apresentar, me pagavam com umas cervejas, uns copos de whisky na mesa dos políticos e depois eu ia embora pra casa sem receber dinheiro nenhum. Ficavam me enrolando”, lembra. “Também me chamavam para inauguração de tudo. Mandavam me pegar em casa, eu aparecia, tirava foto com quem estava lá e depois não me levavam de volta pra casa. Era uma humilhação. Me exploravam e me enrolavam também porque eu não tinha um empresário honesto, alguém que entendesse de produção, dessas coisas que a gente precisa, a gente que não sabe de nada disso”, lamenta.

A jornalista Valderlusa D’arce, que acompanhou esses momentos iniciais da carreira de Lia também lamenta a falta de valorização e empenho do poder público com o trabalho rico e majestoso de Lia de Itamaracá. Para ela, numa análise crítica, houve uma segregação por questões de classe e raça. “Embora ela seja a maior riqueza desse lugar, o maior patrimônio cultural da cidade e do povo, a principal representante dessa terra, Lia não recebeu mais valor e atenção porque é uma pessoa do povo, uma típica gente da gente: pobre, preta e simples. Foi só por isso que não trataram melhor, não olharam mais por ela”, explica.

A Ilha de Itamaracá é terra da gente simples, de pouco ou quase zero desenvolvimento industrial. A economia gira em torno da pesca, do comércio e do turismo, ainda que agonizando e sobrevivendo graças às belezas naturais

que a cidade guarda. Não há atrativos culturais para jovens, tampouco para os demais moradores. Não há espaços culturais, universidades e áreas para aprimoramento de artes, dança, idiomas ou cursos de qualificação. Essa lacuna cultural e educacional também explica a falta de valorização e compreensão da própria população para aquilo que tem no lugar. Como aponta Beto Hees, o atual produtor de Lia, “a cirandeira é um produto que não é de mercado na cidade”. Para ele, Lia não se vende em Itamaracá. “As pessoas vão para uma apresentação dela porque é de graça, porque gostam, mas não pagariam para isso. Tem que ser de graça. Fora daqui, ela lota uma casa”, diz.

Quem acompanha a carreira de Lia percebe a disparidade entre o valor que tem fora e dentro da cidade. Numa reportagem especial do Diário de Pernambuco de 7 de novembro de 2003, o primeiro parágrafo da matéria aborda essa desvalorização local, pontuando o fato de Lia ser uma rainha. “Quem é essa imponente rainha negra que nunca recebeu a justa coroa em sua Terra Natal, apesar de ter sido aclamada por duas vezes na Europa?”, pergunta o jornal.

O Correio Braziliense, também numa entrevista especial com Lia de Itamaracá, em agosto de 2003, pediu para que Lia contasse um pouco de sua Ilha. Lia definiu como uma conhecedora do povo, do cotidiano da cidade e com um tom de crítica: “É uma ilha pequena, uma comunidade de poucas pessoas. O povo vive da pesca, tiragem de coco... Itamaracá não tem nada: um cinema, uma indústria, não tem emprego pro pessoal. Quem vive de pescaria e tiragem de coco alimenta a família com aquilo. Agora, quem tem um empregozinho fora, sai, trabalha e volta. Para o Recife, de ônibus é uma hora e meia. Tem ponte até o continente O que há de bom mesmo na Ilha é o dia da ciranda, e também quando tem coco de roda, pastoril, cavalo marinho, fandango, caboclo... Tem as praias também, do Sossego, do Forte Orange, do Pilar, Jaguaribe, que é o bairro onde eu moro. Mas, infelizmente, quem está no comando não tem cabeça pra essas coisas. Não tem jeito. É uma falta de interesse em fazer algo. Não há apoio e investimento em cultura. Fico eu, ali dentro daquela ilha, a ver navios. Mas agora tenho meus empresários, que me levam pro mundo. Se eu ficar só em Itamaracá eu vou ver navio direto”, criticou.

Quando conversamos sobre gestão, poder público e qualquer tema relacionado ao incentivo que poderia receber, percebi o aborrecimento de Lia. Não que ela hesitasse a conversar sobre o assunto, mas Lia disse que cansou de esperar por quem poderia fazer mais por ela, pela ciranda e por todas as outras pessoas ligadas à cultura popular. “Passei por tantas situações ridículas e humilhantes, que muita gente chegava pra mim e perguntava: ‘Lia, por que tu não deixa isso pra lá, mulher? Tu num tá vendo que isso é um trabalho danado?’ E eu sempre lá insistido, dando murro em ponta de faca. Ciranda é uma coisa boa, não faz mal a ninguém, então deixem eu fazer o que gosto”. No entanto, ela já pensou em desistir, já que carrega um fardo nas costas em busca de apoio, incentivo e olhares dos setores públicos. “Uma vez eu cheguei pra um antigo prefeito aqui cidade e disse: ‘eu não faço ciranda sozinha. Ou vocês me ajudam ou eu paro’”, lembra.

Quando questiono sobre o porquê do povo da cidade não pagar para ver seus shows e brincar nas suas cirandas, Lia explica, sem ressentimentos, que as pessoas de Itamaracá não têm condições de tirar dinheiro do bolso para comprar um ingresso. Para ela, a ciranda em Itamaracá, tem que ser de graça. “Eu criei o espaço cultural, tinha bar e restaurante lá, mas a ciranda era de graça. Quando era mês de verão e férias, os turistas iam, mas quando não tinha turista, era a comunidade quem ia prestigiar. E qual é o pobre que vai pegar seu dinheiro de comprar caroço de feijão para pagar ingresso, comer e beber no meu centro cultural? A ciranda é de graça. Todo município tem verba para turismo. Cadê esse dinheiro?”, questiona. Essa compreensão de Lia com a humildade do povo de Itamaracá faz sentido. Quando entramos na Ilha de Itamaracá, avistamos comunidades pobres às margens da PE-35, a rodovia que dá acesso à cidade. Muitos moradores aproveitam a riqueza frutífera do lugar e vendem frutas na beira da estrada, uma maneira de ganhar dinheiro e sustentar a família. O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea, aponta que a renda per capita, ou seja, por pessoa, no município de Itamaracá, é de R\$ 394,85 reais. A população economicamente ativa está representada em 50,3%. O mesmo estudo mostra que 35,54% da população da cidade é considerada pobre e 15,06% muito pobre. A pesquisa demonstra um quadro preocupante no sentido da vulnerabilidade social. Os dados apontam que 23,14% da faixa etária dos 14

aos 24 anos não estudam, não trabalham e são vulneráveis. Proporções de crianças e adolescentes e jovens frequentando ou tendo completado determinados ciclos indica a situação da educação entre a população em idade escolar no estado e compõe o IDHM Educação. No município, a proporção de crianças de 5 e 6 anos na escola é de 96,50%, em 2010, no último levantamento feito pelo PNUD, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental é de 84,64%; a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 39,96%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 25,49%. Entre 1991 e 2010, essas proporções aumentaram, respectivamente, em 50,40 pontos percentuais, 24,03 pontos percentuais e 19,00 pontos percentuais. No período do estudo, 79,40% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série. Dos jovens e adultos de 18 a 24 anos, 4,43% estavam cursando o ensino superior em 2010. Também compõe o Índice de Desenvolvimento Humano/Educação, um indicador de escolaridade da população adulta, o percentual da população de 18 anos ou mais com o ensino fundamental completo. Esse indicador carrega uma grande inércia na Ilha de Itamaracá, em função do peso das gerações mais antigas, de menor escolaridade. Entre 2000 e 2010, segundo o estudo, o percentual passou de 33,48% para 43,39% no município. Os dados também mostram que em 2010, no último levantamento sobre a temática, 18,08% eram analfabetos, 41,21% tinham o ensino fundamental completo, 25,33% possuíam o ensino médio completo e 4,00%, o ensino superior.

A ideia de trazer esses dados aqui é para explicar a relação dos moradores com os serviços culturais e com a própria ciranda como um produto de cultura e de consumo para a diversão. Nas rodas de ciranda que acompanhei para esse trabalho, percebi a ausência de adolescentes na realização das festas. Geralmente as crianças são levadas pelos pais para dançar ciranda. Os mais velhos participam de festas de brega, frequentam bares e estão pouco inseridos em discussões a respeito da cultura local. O produtor cultural Edvaldo Júnior, faz parte de um comitê de cultura montado no município para discutir o assunto e promover o acesso da juventude e da

população local a esses espaços e oportunidades. No entanto, o fórum não avançou por falta de participação da própria juventude. “Os meninos e meninas aqui começam a beber muito cedo, preferem as festas com música de baixaria, não conhecem um teatro, um cinema, não saem sempre da Ilha e alguns nem sabem a história de Lia”, lamenta Junior, um jovem interessado no fortalecimento das manifestações locais e que luta pela manutenção dos poucos serviços culturais que a cidade ainda tem. “Para você ter ideia, produzo há quase uma década um espetáculo da Paixão de Cristo. Todos os anos a gente sofre para conseguir apoio e patrocínio para realizar o evento. A gente faz pelo povo, que não tem a oportunidade de ver uma encenação dessas”, conta. A preocupação dele também é maior porque na cidade não há teatro, cinema, espaços culturais, escola de música e exposições. Não há cursos profissionalizantes voltados para os jovens, até mesmo na área de turismo, já que a cidade tem uma inclinação para a área. “Pra gente fazer algo de bom, temos que sair de Itamaracá, ir até o Recife, curtir algo por lá, estudar por lá e voltar. Quem pode, passa a semana na capital e volta no fim de semana, quem não pode enfrenta o vai-e-vem dos ônibus todos os dias numa rotina bem cansativa”, lamenta o estudante de biologia Arthur Hernandez, que estuda na Universidade Federal de Pernambuco, no Recife.

Itamaracá não tem universidades. A mais próxima, uma instituição privada, fica em Igarassu, a cerca de 20 quilômetros. Por ser uma instituição de baixo custo, muitos estudantes que querem ter o ensino superior, estudam nessa faculdade. A Ilha de Itamaracá tem 15 escolas municipais e quatro escolas estaduais e nenhuma carrega o nome de Lia. Recentemente, a prefeitura e o Governo Federal inauguraram o Residencial Ciranda da Ilha, com 500 apartamentos. Lia participou da entrega das residências aos moradores. “Gostei da homenagem. Não tem meu nome, mas é uma forma de lembrar o que faço aqui para essa cidade”, diz ela.

Cozinheira de mão cheia

Lia não está no título das escolas, mas está no coração de uma delas: a Escola Estadual de Jaguaribe, o bairro onde mora. “*Essa merenda quem me fez foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá*”. Os alunos da escola mudaram as

palavras do verso. Substituíram “ciranda” por “merenda” para anunciar que a comida estava pronta para ser servida para os meninos e meninas do colégio. Essa história começou no início dos anos 80, quando Marco Maciel era governador de Pernambuco e amigo pessoal da família para a qual a mãe de Lia trabalhava. Como aprendeu a cozinhar com a mãe e já trabalhava na cozinha do Bar Sargaço e era conhecida pelas mãos talentosas para a culinária, Auxiliadora Barros Monteiro pediu o emprego de merendeira para Lia. “Ele veio fazer uma visita por aqui. Meu dinheiro no bar era de acordo com o movimento e a ciranda ainda não me sustentava. Então, o pessoal lá falou com ele porque eu gostava muito de cozinhar. Logo depois, assinei os papéis e comecei a cuidar da merenda dos meninos da escola”, lembra. O ofício durou 30 anos, quando se aposentou em 2010. Ali, Lia viveu momentos felizes, contribuiu para a educação de crianças e adolescentes que ela conhece pelo nome e é amiga de avós e pais. “Os alunos têm muito respeito por mim. Passam, mostram que já têm filhos. Dizem assim: ‘olha Lia, tô levando esse aqui lá pra escola, mas não vai nem provar da tua merenda. Ô tempo bom quando tu cozinhava, mulher’. Depois passa outro e diz: ‘olha Lia, já tenho dois’. Eu fico bestinha, esses meninos tudo novos, já têm filhos que só. Não tão brincando em serviço não”, ri Lia, que sempre teve muito cuidado com os estudantes e exigia disciplina de todos no dia a dia. Arthur Hernandez estudou na Escola Estadual Reunidas de Jaguaribe, nome original da instituição onde Lia trabalhou. Ele lembra da exigência dela, nos *carões* que passava e nas reclamações também. “Oxe, se a gente bagunçasse, ela ameaçava deixar a gente sem comida. Não podia nem gritar na hora da merenda. Mandava a gente fazer a fila, sem bagunça, e ir de um em um pegar o prato de comida”, conta. “Para de bagunça, menino. Para de anarquia, menino. Era assim que ela falava quando a gente tava *trelando*”, lembra Victor Ortiz, que também foi aluno do colégio. Perguntei aos dois o que tanto tinha no cardápio de Lia, que até hoje dá para ela a fama de boa cozinheira e merendeira. Eles listam: “Canja de galinha, arroz com sardinha, feijão com patinho, almôndega com macarrão, galinha guisada com arroz e feijão”. Arthur lembra que Lia se chateava quando não tinha comida para cozinhar, quando a merenda tinha que ser lanche. “Ela gostava de preparar a comida, de colocar o tempero dela pra gente. Não gostava de servir bolacha e biscoito de jeito nenhum”, comenta. “Eu sempre

tive muito prazer em dar de comer a esses meninos. Eu acordava com prazer, fazia a comida com muito amor e só faltava quando tinha que faltar mesmo. Não tinha isso de misturar minha vida de cirandeira e a vida de merendeira não, até porque, meu filho, se eu não conseguisse mais cirandar eu tinha que me garantir meu sustento”, diz Lia, recheada de orgulho pelo trabalho que desempenhou por três décadas. Ela passava o dia todo na escola. Um turno era pago pelo Governo do Estado. O outro horário era pago pela Prefeitura Municipal, que contratou Lia como merendeira do município e a deixou na função de uma escola estadual, a pedido das próprias famílias dos estudantes e pelas gestões que passaram pela escola. Dessa forma, a cozinheira de mãos cheias deixou de trabalhar com duas aposentadorias. “Eu chegava bem cedinho, antes mesmo dos meninos começarem a aparecer naquela gritaria toda. Ficava até no portão vendo quem chegava com chinelo errado, roupa que não podia. Eu fazia de tudo. Saía da cozinha e me metia nas outras coisas, mas meu gosto mesmo era começar a temperar as coisas cedo pra dar gosto à merenda. Eles gostavam tanto que repetiam”, brinca. Quando pergunto se eles podiam repetir, Lia responde disfarçando a explicação, como quem conta algo que foi feito de maneira irregular, quando na verdade trata-se do coração de mãe e do jeitinho brasileiro: “a gente dava um jeito, né? Eu não ia deixar aqueles meninos com fome. Tinha menino, meu filho, que ia pra escola só pra ter o que comer, porque o pai era pescador e quando não tinha peixe, não tinha o que colocar dentro de casa. Eu colocava mais água no feijão, aumentava o caldo da comida e deixava eles repetirem. Eu dava meu jeito pra ninguém ficar com fome. Eles comiam que lambiam os *beijos*. Também, né? Com uma comida boa daquelas, todo mundo queria comer mais”, gargalha enquanto me conta essa história como quem conta um segredo a alguém.

A Estadual de Jaguaribe era a segunda casa de Lia. A artista passava mais tempo na escola do que na própria casa. Saía do local para ir rapidamente em casa ajeitar a comida de Toinho e voltava rapidamente para preparar a alimentação dos funcionários e estudantes do turno da tarde. No pátio que fica em frente à cantina, os alunos se amontoavam esperando pela merenda, com pratos azuis de plástico nas mãos. Em seguida, sentavam em uma grande mesa de cimento com bancos contínuos que dão volta na mesa.

As crianças e adolescentes merendam em momentos diferentes, já que não cabe todo mundo de uma só vez só.

Quando Lia não aparecia, os alunos já sabiam que a merendeira estava na função artista, e mesmo cumprindo agenda, nunca deixou a cozinha sozinha, ainda que com ciúme. “Era a minha cozinha. Não gostava que ninguém metesse a mão de jeito nenhum, até mesmo a menina que me ajudava lá na arrumação e na limpeza. Quando eu saía, ficava com um ciúme danado. Pra você ter ideia, quando o show era à tarde, eu ia lá bem cedo, fazia comida pra turma da manhã, pra turma da tarde e deixava alguém só pra servir. Eu tirava do meu salário pra pagar uma pessoa pra ficar no meu lugar. Não tinha isso de faltar e deixar na conta da escola, era tudo certinho. O problema é que quando eu voltava, tinha um monte de cartinha pra mim, que os alunos faziam pra diretora me entregar. Uma vez eu passei uns dias fora do Brasil e como foram muitos dias, tinha tanto bilhete pra mim. A diretora leu. Os alunos estavam reclamando que a mulher que eu deixei no lugar não sabia cozinhar igual a mim. Eles diziam: ‘Lia, volta logo’; ‘mãe Lia, vem embora pelo amor de Deus que a gente tá passando fome’, era cada reclamação danada. Uns reclamaram até do jeito que ela preparava a comida, que não sabia fazer um feijão gostoso. Eu fui reclamar com ela e perguntar se ela cozinhasse essa lavagem de porco na casa dela também. Que não foi pra isso que eu deixei ela na cozinha fazendo merenda pra meus meninos, não”, conta num tom de reclamação, imperativa, como quem briga com alguém por algo que não foi bem feito.



Figura 13

Até hoje a Escola de Jaguaribe é procurada por visitantes que estão em Itamaracá nos dias de semana e dão uma passada na escola na fé que Lia ainda esteja na cozinha. Uns não têm sorte, já que vez ou outra Lia aparece para bater um papo ou olhar como está a cozinha atualmente.



Figura 14

O gestor Edgar Barros se surpreende com tamanho carinho que os estudantes tinham por ela. “Era uma festa nesse pátio. Mesmo quando ela estava de mau-humor, os alunos gostavam de brincar com ela pra vê-la reclamando de algo, ou pra vê-la brava. Tinham Lia como uma professora, uma coordenadora e até mesmo como uma gestora. Era mais fácil eles obedecerem à Lia do que a nós da direção”, relembra.

A professora Roseane Maria Silva esteve na direção da Escola de Jaguaribe de 1999 a 2005, mas chegou em 1995 apenas como professora. Ela lembra de uma Lia muito humilde, de pés no chão e zelosa. “Ela se sentia em casa na escola, muito confortável. Eu lembro que quando faltava uma verdura ou um tempero para a merenda, ela ia em casa para complementar a comida. Ela tinha muito amor por aquilo tudo”, lembra. Além disso, a educadora concorda com a opinião do gestor atual, Edgar, quando diz que a merendeira saía do papel de cozinheira para contribuir na educação dos estudantes. “Ela é moradora original do bairro, conhece os meninos pelo nome, conhece as mães dos alunos. Então, quando ela se aborrecia com algum, passava uma reclamação e ameaçava ir chamar os pais. Todo mundo obedecia rapidamente”, conta. Roseane também recorda de um assédio constante, das visitas de jornalistas e admiradores. “As equipes de reportagem chegavam para gravar algum material, filmavam ela trabalhando na cozinha, levavam Lia pra praia, esperavam Lia trocar de roupa, mas uma coisa era muito bacana, que apesar disso tudo, ela não abandonava a função dela. Só fazia tudo isso se a comida tivesse pronta para não atrasar a merenda dos meninos. Sempre muito responsável, pontual, chegava cedo pra dar conta de tudo. Uma mulher exemplar”, elogia a ex-diretora, que quando via que Lia estava atarefada, corria para a cozinha para ajudar no preparo da alimentação dos alunos. “Ela sempre soube dividir o lado artista do lado cozinheira. Ela ficava tão preocupada quando precisava viajar para alguma apresentação. A gente sempre dava um jeito porque sabia o quanto aquilo era importante pra ela. Tínhamos que incentivar e contribuir pra que ela fosse sem achar que os meninos iriam ficar sem lanche e almoçar”.



Figura 15

Atualmente, a escola tem 415 alunos distribuídos no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos, o EJA. Mas esses alunos de hoje, infelizmente, não vivenciam o que a turma do passado aproveitou, o período em que a escola vivia a ciranda de Lia. A ex-gestora Roseane conta que a presença da cantora no local estimulava as manifestações populares e a preservação da cultura local em atividades na escola. “Criamos grupos de dança de coco, ciranda, maracatu, capoeira. Levávamos os estudantes para fazer apresentações com Lia para a televisão e sempre estimulamos esse tipo de atividade já que tínhamos um ícone cultural dentro da nossa escola. O bacana é que Lia também ajudava na elaboração das peças teatrais, das apresentações de dança, na escolha do figurino e muitas vezes também se apresentou para as turmas. Os alunos daquele período tiveram um privilégio”, comenta. Roseane é uma professora dedicada à educação e à manutenção das tradições populares da Ilha de Itamaracá. Atualmente, ela integra a equipe gestora de outro colégio estadual da cidade, mas continua elaborando ideias que ainda têm relação com a ciranda e com a amiga cirandeira. A professora enxerga que deveria existir uma valorização maior ao nome da artista e de seu trabalho.



Figura 16

“O mesmo grupo de ciranda e coco que criei na Escola de Jaguaribe eu também recriei na Escola Pradines, no Pilar. Em 2017, levei Lia para uma palestra na escola no Dia do Folclore. Lia cantou, conversou com os estudantes, falou sobre a carreira, os trabalhos. Eu me preocupo muito com esse resgate, e isso precisa acontecer logo. Precisam valorizá-la mais. Se Lia for embora, quem dará continuidade a isso tudo? Cadê a ciranda da Ilha?”, questiona a educadora que também admira o empenho de Lia quando é convidada para participar de momentos assim. “Ela se arruma toda, arruma um transporte pra ir ao evento, chega lá como se estivesse pronta para um show. Ela também quer resgatar as tradições e manter vivo o trabalho que desenvolve, mas nem todas as outras partes colaboram pra que atividades assim aconteçam”, reclama a professora. Roseane também propôs um trabalho para a Secretaria de Educação da Ilha. “Eu tenho a ideia de fazer o Festival de Ciranda das Escolas. As escolas terão que apresentar ciranda, todas. Os grupos vão criar números a partir da ciranda com músicas de Lia. Não vai ser repetitivo, vai ser um negócio lindo. Mas não será só a dança e a música, mas os grupos precisarão pesquisar sobre a cultura local, a história da cirandeira, o trabalho de merendeira, a carreira artística. Vai ser algo com mais conteúdo”, propõe. Com o projeto “Nossa cultura tem som”, estudantes da Escola Pradines apresentam atividades de ciranda e coco dentro e fora de Itamaracá. É uma maneira encontrada pela educadora de fomentar e driblar o descaso do poder público com o patrimônio vivo que existe no município. “Qual foi o dia

que a prefeitura propôs um trabalho na educação para trabalhar a cultura? Qual foi o momento em que este ano tivemos um fórum, um evento, um dia específico para algo assim? Nenhum. Ou seja, há um desinteresse para a menina dos olhos de Itamaracá. Vale lembrar que ela não é só daqui, ela é de Pernambuco, ela é do nordeste, ela é do Brasil. Onde eu chego as pessoas sabem quem é Lia, mas aqui parecem que esquecem disso”, se entristece.



Figura 17

Uma rainha sem coroa no seu próprio reino

A ciranda é, de fato, uma manifestação que está atrelada ao nome de Itamaracá e ao que o imaginário das pessoas entende como a característica local, mas a câmara de vereadores do município parece não ter percebido isso ou não se importa com a indissociável relação entre as duas coisas e isso fica mais claro quando nota-se que o legislativo municipal nunca criou uma data para ser celebrada o Dia da Ciranda. Não há nenhuma lei voltada ao ritmo tão relacionado à cidade. O atual vereador Paulo Pimentel Galvão foi prefeito de Itamaracá entre os anos de 1993 e 1996 e ainda no primeiro ano de gestão criou o Festival de Ciranda. “O evento acontecia em frente ao Bar Sargaço, com todo o apoio do município, inclusive na divulgação para trazermos visitantes e turistas para apreciar nossas tradições. Fizemos isso muitas vezes. Saí da gestão, o projeto não foi mais realizado e por mais que eu insista nessa

câmara a reconstruir, os outros parlamentares não se importam em colocar a proposta em pauta”, explica o político. Em 2017, durante a semana do aniversário de Lia, no dia 12 de janeiro, a atual gestão recriou o festival, mas esqueceu que outras edições foram realizadas no passado. Num erro de desconhecimento, apresentou o evento como a primeira edição do Festival de Ciranda e Coco. Em 2018, o festival não aconteceu. Deixaram de lado mais uma vez. No ano anterior, o primeiro da atual gestão que administra o município, o Carnaval teve a filha ilustre como homenageada. De toda forma, a celebração se limitou a um show de Lia na abertura da festa.

A artista, uma guerreira persistente que carrega essas características de fibra desde que nasceu, não desmorona e nem desiste do lugar onde vive e pretende permanecer, por mais que deixem de oferecer à ela os devidos louros como resultado da força que dá ao ponto turístico que Itamaracá ainda é, mesmo que em ruínas.



Figura 18

*Quem conhece a Ilha de Itamaracá
Nas noites de Lia
Prateando o mar
Eu me chamo Lia e vivo por lá
Cirandando a vida na beira do mar
Cirandando a vida na beira do mar
Vejo o firmamento, vejo o mar sem fim*

E a natureza ao redor de mim
Me criei cantando
Entre o céu e o mar
Nas praias da Ilha de Itamaracá

Através de suas canções, a cirandeira torna sua Ilha quase que em um cenário único das letras de ciranda. Nas músicas, ela retrata características naturais do lugar: mar, praia, natureza e areia. Esses elementos, sobretudo, possuem presenças constantes no que Lia narra nas composições. Talvez porque isso retrate o que ela mais goste de fazer: andar sobre a areia da praia ou formar rodas de ciranda também em frente ao mar. Não é raro encontrá-la numa caminhada entre a areia fofa e a areia mais dura da praia de Jaguaribe. A areia fofa é a parte menos densa da praia, onde as ondas do mar não alcançam. A areia mais dura é a parte molhada da praia, coberta pelo mar e por um tapete de sargaço, cascalho e conchas de mariscos. A moradora caminha descalça, geralmente segurando as sandálias japonesas em uma das mãos. Para, admira o mar, anda mais um pouco. Cumprimenta conhecidos, acena em resposta para quem nunca viu na vida e geralmente deixa a beira da praia quando se aproxima de seu centro cultural. Sobe até a calçada e faz o caminho de retorno até sua casa pela avenida. Lia sempre amou a praia e o mar, por isso suas letras retratam tanto a paisagem. Quando mais nova, ela participava das tradicionais buscas marítimas de Nossa Senhora do Pilar e do Bom Jesus dos Passos. São procissões marítimas que acontecem há mais de um século na cidade. Primeiro, os católicos levam a imagem dos padroeiros por terra até a Igreja de São Paulo, na praia do Forte Orange. Uma semana depois, a imagem volta de barco. Outras embarcações acompanham o barco onde o santo fica. Como católica e devota de ambos, ela participava dos festejos até que tomou um susto e hoje só aguarda as procissões na beira da praia. “Em uma das buscas, uma mulher caiu do barco. Um pescador pulou pra ajudar e quase que não consegue salvar a criatura. Fiquei com medo demais. As ondas estavam ferozes, a água entrou na embarcação e foi um desespero. Deixei isso de lado. Eu continuo com minha fé, faço minhas orações, mas espero ali mesmo na beira da praia. Depois caminho com as imagens até a igreja”.

Embora saiba que pode ficar a ver navios se permanecer somente ali, ela não se vê fora da sua terra amada e cantada. “Essa é a minha praia. Eu sei que tenho que buscar valor fora, fazer mais shows fora, lotar teatros fora, eu volto pra cá. Meu mundo é aqui. Se querem me encontrar, me procurem aqui que irão achar”, explica Lia, com um tom de orgulho e muita certeza enquanto fala. Quando me afirma isso, faz gestos com o braço e com as mãos fechadas, como um professor que explica um assunto importante aos alunos de uma classe. Essa é a certeza de que fala e da relação entre Lia e a Ilha de Itamaracá, seu reino, embora a majestade não carregue alguma coroa.



Figura 19

Parte III

Um recomeço

“Eu cheguei à Itamaracá procurando por Lia. Nunca tínhamos nos encontrado, eu não a conhecia pessoalmente, mas sabia que ela existia, como qualquer pernambucano. Fui por ali andando, ia perguntando aos vizinhos onde ficava a casa dela, bati palmas em frente à casa, gritei ‘ôooo, Lia, ôooo de casaaa’, e aquela mulher grandona veio me receber. Andava devagar, estava com o joelho inchado, uma espécie de uma bola na rótula. Estava com dificuldade para andar. A aparência não era boa. Lia chegou desconfiada, claro, até porque nunca tinha visto aquele sujeito, nem mais gordo, nem mais magro. Eu era um estranho. Mas como a encontrei num dia bom, foi até simpática, disse que precisava conversar com ela. Lia me convidou pra entrar, sentei”, relembra Josiberto João da Costa, ou Beto Hees, como é chamado. É a partir desse encontro que a história de Lia se divide, sobretudo a história da cirandeira, da artista, da cantora. A Lia que você leu até agora tem um percurso sinuoso, de muitas curvas. Tem um recheio mais azedo do que doce e uma vida de contratempos.

O ano era 1998, mais de uma década depois que a cirandeira havia lançado o seu disco Rainha da Ciranda, que como já foi dito, a dona da voz e do título não recebeu dinheiro algum pelo trabalho que fez e pela fama que ganhou após a gravação do álbum. Mas quando Beto chegou ali naquela porta, ele ainda enxergou o cenário da Lia que havia sido passada para trás pela esperteza de outros. “Eu lembro que era uma casa triste, diferente da que é hoje, colorida e alegre. Era um muro simples, baixo. As paredes faltavam reboco, o chão era grosso, de cimento. Estava mal acabado. Eu pensei que fosse encontrar uma situação melhor. Apesar disso, era tudo bem limpinho, como casa de gente pobre, humilde, mas com higiene e organização. Os móveis eram bem velhos, uma televisão e um som velhos também, mas tudo no seu devido lugar. Lia me deu um copo d’água e expliquei o motivo de estar ali”, descreve Beto.

Beto Hees ganhou esse sobrenome depois que foi morar na Europa entre os anos de 1984 e 1987, na Alemanha. Foi para lá depois que conheceu

uma *gringa* no Espírito Santo, quando estava em um mosteiro entre dias de meditação e trabalho. Bárbara Hees era mochileira, deu às caras por lá, os dois se conheceram, se encontraram em outros estados, passaram pelo Recife e depois ela levou Beto para a Europa. Ele é pernambucano, nascido em Olinda e morador da Vila Naval, um condomínio de casas onde residem funcionários da Marinha. Como o pai precisou viajar muito por causa do trabalho, a família também precisou mudar de cidades e estados várias vezes, o que facilitou essa vida peregrina que Hees fez até voltar ao Brasil e ao encontro com Lia de Itamaracá. Mas antes dessa volta definitiva, que não era pra ser assim, ele começou a incorporar as músicas pernambucanas num trabalho que começou a desenvolver como DJ, na cidade de Mariz, perto de Frankfurt. No fim de uma festa, quando já não tinha o que tocar, ele apresentou um repertório brasileiro, nordestino e popularmente pernambucano, quando todo mundo gostou, inclusive o responsável pela festa onde Beto estava tocando. O negócio cresceu e ele até precisou viajar ao Brasil várias vezes para recolher repertório para as festas brasileiras que aconteciam mensalmente na Alemanha. Na volta à Europa, esteve em um show do Maracatu Nação Pernambuco e da coquista pernambucana Selma do Coco, uma senhora olindense que fez sucesso pelos trechos *“oi pega, pega, pega... pega, pega minha rola... avoa, avoa, avoa... pega, pega minha rola”*. Era a música da Rolinha, que com duplo sentido entre o sexual e um passarinho, se tornou em *hit* de coco de roda em festas que não eram, necessariamente, de cultura popular. O encontro entre os dois foi em Lion, na França, e Beto contribuiu para a gravação de um disco da artista lá na Europa. Armou uma festa em Berlim e levou a corte do maracatu e a cantora pernambucana para algumas apresentações na cidade alemã e em outras na vizinhança. Todo mundo gostou da novidade em terras europeias. As apresentações cheias de cores, batuques e simpatia de brincantes renderam uma esticada na permanência da turnê e Beto conseguiu, nas madrugadas, levar Selma ao estúdio até que o material ficasse pronto. A música da Rolinha entraria no álbum *Cultura Viva*. Nas proximidades do Carnaval de 1998, no começo do ano, estava no Brasil para lançar o disco, já que o material de Selma do Coco, tão simples e humilde quanto Lia, ainda era uma bolacha, sem encarte, sem projeto gráfico e sem gravadora. O que tinha de dinheiro em caixa, o produtor transformou em material gráfico e em todo o aparato para

circular o trabalho feito na Europa, mas a coisa não prosperou. “Acho que minha vida e a de Lia são parecidas nesse sentido. Lia tinha a boa fé em quem apareceu para lhe dar uma oportunidade de gravar um disco, mas foi passada pra trás. Já na minha história, a boa fé era minha, do empresário e produtor, mas também fui passado pra trás”, conta Beto, que hoje não carrega qualquer mágoa diante do que aconteceu. O material que Beto estava para lançar foi vendido por um filho de Selma, Zezinho, para outra gravadora por R\$ 40 mil, o que para os familiares dela, era muito, considerado um valor alto para eles que nunca tiveram tanto retorno financeiro fazendo coco de roda. A gravadora Paradoxo lançou o CD com o nome de “Minha História”. Selma do Coco se tornou referência do coco de roda em Pernambuco e o produtor que havia desenhado um plano na cabeça, estava de mãos abanando, como dizem no nordeste quando se referem a alguém que ficou sem nada. “Fiquei sem nada. Não tinha nada documentado, não tínhamos um contrato, não tínhamos um acordo. Fui ingênuo. Perdi o dinheiro que investi, o esforço que tive e quase perco a viagem”.

A viagem só não foi perdida por causa do encontro entre Beto e Lia. Dali, daquele verão em Itamaracá, surgiu uma história de parceria, confiança e amizade que já dura duas décadas. “Eu precisava fazer alguma coisa, estava sem eira nem beira, então tinha que criar alguma coisa”. O empresário preparou um show na Cantina Z4, um reduto de boa música que existiu em Olinda entre os anos 80 e 90, bem frequentado por músicos, artistas, estudantes e gente ligada à cultura e vida alternativa. Funcionava na região das peixarias e mercados de crustáceos em Olinda, numa área arborizada em frente ao mar, próximo ao Fortim, no acesso à parte antiga da cidade, o que os olindenses chamam de Cidade Alta. Levava esse nome, Z4, porque a letra e o numeral representam a sigla da colônia de pescadores da cidade. Ninguém se incomodava com o cheiro de peixe que havia sido tratado ali cedo nas peixarias. A galera aparecia para tomar cerveja, curtir o som local, fumar maconha e apreciar música de raiz. Nessa época, Lia da Ciranda estava apagada, cantava muito mais em Itamaracá do que em qualquer lugar. Na cidade natal, as tocadinhas eram pagas com cerveja, whisky barato e algum tira-gosto na mesa de algum político que se aproveitava da imagem que ela circulava na mídia, mesmo com uma carreira lenta. Beto montou a

programação da festa com nomes locais, como Aurinha do Coco e o Grupo Indígena Fetxhá. Para completar o time, foi à Itamaracá para contratar Lia para a apresentação. “Na época era Toinho, o marido, quem cuidava dos negócios dela. Tudo era com ele. Eu lembro que quando perguntei o valor, ele disse: ‘R\$ 300’. Eu me espantei, achei aquilo tão pouco para alguém que se apresentava com músicos. Quando aquilo era dividido, não sobrava para ninguém”, lembra ele, que acrescenta: “Lia não tinha luxo. Ela mesma deu o jeito de chegar lá e apareceu. Ela (Lia), Toinho e os músicos se encontravam no Bar Savoy, um antigo reduto de frequentadores boêmios na Avenida Guararapes, no Recife. De lá, Lia e os músicos pegavam um ônibus, uma lotação ou qualquer outro tipo de transporte público e lá chegavam para se apresentar. Não exigia camarim, não exigia quase nada. Cantava, fazia a festa dela e ia embora. Uma coisa é certa: o povo gostava demais. Eu não entendia o porquê daquela artista, daquela mulher não ter o espaço que merecia”, fala Beto, em voz firme e exclamativa, como alguém que reclama de algo com muita bravura e indignação, embora vinte anos já tenham se passado.

Aquele contrato, ainda de boca e sem qualquer finalidade, entre Lia e Beto, não foi o único. Àquela altura, a cirandeira também não se incomodava e nem estava preocupada em contrato, papel, protocolo ou nada. Queria ganhar algum trocado pela ciranda que fazia. Assim, dessa maneira, o produtor chamava Lia para as festas e, aos poucos, as coisas foram mudando. Sem perceber e sem que isso tivesse sido acordado entre os dois, estava firmada a parceria entre o produtor e a artista. “Eu lembro que na primeira vez que estive na casa dela, ainda no primeiro convite, na hora de ir embora ela me levou até a calçada. Ficou parada em pé encostada ao muro, quando me virei e perguntei: ‘ah, Lia, ia esquecendo... quem é que cuida das suas histórias’? A resposta dela foi maravilhosa: ‘estava esperando por você’. Caímos na risada”.

O empresário também se tornou amigo. Ambos nunca assinaram um contrato atestando a relação de patroa e funcionário ou de cliente e produtor cultural. Isso nunca existiu. A confiança que Lia deposita em Beto é grande, como de uma mãe com um filho. Interessante que ele resolve todas as questões relacionadas ao trabalho, e muitas vezes à vida pessoal. Certo dia liguei para Beto, já como assessor de imprensa de Lia, e ele estava ao lado dela enquanto permanecia internada no hospital. Mesmo como assessor de

comunicação de Lia, sendo nascido e criado em Itamaracá, sabendo exatamente onde é a porta da casa dela, tendo número de telefone e acesso para marcar uma entrevista com jornalistas ou até mesmo para mim, e ainda para a construção deste livro-reportagem, sempre precisei organizar tudo com o produtor, antes de trocar os acordos com ela. E é assim também na hora de ser contratada para um show. “Muitas vezes os contratantes, principalmente do poder público, me ligam, eu passo o valor que estamos cobrando. Por trás, eles ligam para Lia achando que eu estou cobrando mais caro para embolsar alguma coisa. Mas ela deixa claro que valor é comigo, exigências são comigo, transporte e tudo que for relacionado ao trabalho dela. As pessoas acham que tem alguém explorando uma pobre coitada aqui. Estão enganados. Não tem segredo, não tem mistério”, afirma. Hees diz que já ouviu muitas histórias em Itamaracá sobre a população achar que ele era um explorador do trabalho dela, quando a artista desmente isso: “É um anjo. Se não fosse ele, onde eu tava, o que eu estaria fazendo?”, questiona. Quando faz essa pergunta, Lia faz gestos com as mãos, me olha firme e diz: “minha vida está nas mãos desse homem, sabe de coisas que nem eu lembro mais. O que ele diz tá dito e eu acato. O que eu não gosto eu falo também. Filho também tem que ouvir o que a mãe quer dizer, né não? Então é isso. Eu falo mesmo”. Apesar dessa postura que mais parece está dando uma bronca em alguém, o parceiro de trabalho lembra das raras vezes em que a cliente discordou de alguma coisa e lembra menos ainda de qualquer desconfiança nos cuidados com seu patrimônio e carreira. “Lia nunca me perguntou quanto tinha entrado na conta, quanto ela ganhou nisso tudo, quanto tirei para mim. Nunca, nunca, nunca”.

Essa relação de confiança e domínio total das finanças enquanto artista aconteceu aos poucos e como uma decisão da própria cirandeira. O marido cuidava de tudo, dividia os valores dos cachês com os músicos, até que um dia alguns problemas apareceram. Beto conta que precisou de um músico para fazer um show e ele se negou a participar da apresentação. Disse que só voltaria a tocar quando Toinho pagasse o dinheiro de tocadãs anteriores. A partir desse dia, depois de ter ficado chateada, Lia transferiu todos os cuidados financeiros para o produtor. “Em Itamaracá, quando as pessoas falam da história de Lia, é muito evidente nas falas da população, o episódio em que ela foi lesada e roubada pelos empresários após o lançamento do LP Rainha da

Ciranda. Quando me aproximei de Lia, esse preconceito e preocupação do povo eram perceptíveis e os comentários eram inevitáveis. Achavam que eu era mais um esperto tentando passar a mão no dinheiro dela. Isso é muito comum na cultura popular, muito mais comum do que se imagina nesse segmento. Geralmente são pessoas simples, do povo, de localidades carentes de conhecimento e artistas que são mais explorados do que reconhecidos. Não seria diferente se não pensassem isso do meu trabalho”, explica.

Ao longo de vinte anos de trabalho ao lado da cantora, Beto teve um papel de muito esforço. É o tipo de trabalhador que molha a camisa de suor. Já o vi descalço preparando o cenário de um show; já o vi carregando instrumentos musicais, sendo motorista e também já o encontrei com a camisa branca completamente suja porque estava na finalização da festa de inauguração do Centro Cultural de Lia. A camisa, que era branca, estava quase preta. “Eu também faço o papel de defensor, luto pelo o que ela merece, pelo espaço que precisa ter e pelo trato que devem oferecer para ela. Eu sei que ela é um nome da cultura popular, de uma dança de raiz. Não é uma Bethânia, não é uma Madonna, mas ela é Lia. Eu exijo que o camarim, quando existe, tenha comida boa, que seja confortável, que a van venha buscá-la em casa; não marco entrevista se ela não quiser falar, se ela tiver cansada. Algumas vezes me criticam achando que isso é blindagem desnecessária, ou uma barreira exagerada. Não é. Isso é valorização, porque se isso não fosse feito, ela permaneceria da mesma maneira que estava quando a encontrei em sua casa”, diz.

Rock com Ciranda

Essa valorização trouxe frutos generosos para a carreira da artista em redescobrimto, que começava a reaparecer no cenário musical de Pernambuco, e que enfim, atravessava a ponte da Ilha ao continente, subindo em outros palcos e cantando para outra gente, gente para a qual nem mesmo ela saberia que se apresentaria um dia. Estou falando do Abril Pro Rock, considerado um dos maiores e principais festivais de rock do Brasil. Mas o que danado Lia de Itamaracá, uma cirandeira, fez no meio dos roqueiros? Essa pergunta não é só minha. Foi a pergunta de muita gente no ano de 1998, mais

precisamente em março, quando o festival divulgou a programação do evento. O produtor cultural e idealizador do Abril Pro Rock, Paulo André, tinha dez anos quando conheceu Lia, exatamente quando ela gravou o primeiro disco, em 1977. Ele começou a frequentar Itamaracá com a família numa casa próxima ao Bar Sargaço, onde Lia fazia as cirandas aos sábados. O que ele não imaginava era que anos depois, ele se tornaria diretor do festival e que, em algum momento, fosse criar a fusão entre a cultura popular e o rock em um festival no nordeste. “Desde a primeira edição do Abril Pro Rock a gente trouxe a cultura popular para dialogar com os jovens, com os roqueiros. No primeiro APR, levamos o Maracatu Nação Pernambuco; no segundo tivemos o Pastoril do Velho Mangaba com suas pastoras endiabradas. No quinto Abril Pro Rock, tivemos Selma do Coco, que tinha estourado com a música da Rolinha. Percebemos o sucesso e no ano seguinte, em 1998, fomos em busca de Lia de Itamaracá. Fomos até lá fazer o convite e ela topou na hora”, lembra o produtor. A cirandeira lembra do dia: “minha gente, era tanto menino de preto, os roqueiros tudo lá, eu ouvindo aquelas músicas antes do meu show, uma danação, uma coisa tão diferente. Eu pensei: ‘o que é que eu tô fazendo aqui’? Mas fui lá, né? Fiz uma ciranda boa, todo mundo dançando, nem parecia que estavam numa festa de rock. Foi bom demais”.



Figura 20

Paulo André lembra que foi um show marcante. “Lia foi ovacionada, até porque era esperada. Muitos foram ao show para ver a mistura da ciranda com o Abril Pro Rock, até porque aquela edição foi muito divulgada e recebemos pessoas de outros estados, gente que tinha a curiosidade de conhecer Lia. Deu muito certo. Naquele ano, a Ilustrada da Folha de São Paulo deu destaque ao Abril Pro Rock e a foto era Lia de Itamaracá, na janela de sua casa, pousando para uma foto de um caderno do jornal mais importante do país. E muita gente se perguntou: o que é que aquela senhora ali, negra, ligada à cultura popular, estava fazendo no meio de um festival de cultura pop, rock’? Eu acredito que o festival foi um divisor de águas para mostrar que Lia estava viva e produzindo”. Além da Folha de São Paulo, outros veículos de comunicação divulgaram a passagem de Lia pelo palco da festa, em Olinda. A edição do domingo, 5 de abril de 1998, da Folha de Pernambuco, sugeria “desligar as guitarras” no primeiro parágrafo da reportagem. Uma foto de Lia segurando a saia de um vestido estampado ilustrou a matéria. A capa de um dos principais cadernos de cultura da imprensa pernambucana, o Caderno C, do Jornal do Comércio, deu destaque à Lia entre os tantos outros artistas. Na foto, a legenda: “A ciranda de Lia de Itamaracá volta a seduzir o público da classe média dentro do ecletismo que marca o Abril Pro Rock”.



Figura 21

Beto considera que esse momento demarcou a continuação de uma carreira que transformou Lia além de uma cantora de ciranda, que faz shows, que tem agenda e que não é apenas uma integrante da difícil trajetória e do confuso cenário dos artistas que sobrevivem de suas manifestações da cultura popular. “Não é fácil para quem vive dessa arte. Sobreviver fazendo o que gosta num mercado musical que cultua e favorece o pop e quem está na mídia, é algo para poucos, mas aos trancos e barrancos ela tem conseguido isso, com turnês, shows em palcos importantes do Brasil e uma agenda que sempre tem algo a fazer”, alegra-se Beto.

Ciranda de Ritmos

Anos depois os frutos do Abril Pro Rock continuaram aparecendo. A Telemar, empresa de telefonia que comprou estatais no nordeste, como a Telve, em Pernambuco; Telpa na Paraíba e outras pela região, patrocinou um projeto que tirou Lia da espera por contratantes que oferecessem cachês pequenos ou uma valorização abaixo daquela que merecia. O Projeto Ciranda de Ritmos recebeu um incentivo de 132 mil reais, pagos em suadas parcelas, para realizar apresentações de ciranda. As cirandas recebiam outros ritmos. A anfitriã fazia os shows após outros nomes da cultura popular abrirem suas festas. Ou seja, a ciranda de Lia convidava outros ritmos para as apresentações do projeto. O grupo de afoxé Oxum Pandá esteve no projeto. “O grande problema é que como quase tudo que mexe com patrocínio e incentivo vem com muita dificuldade, e parece que quando se trata de ajuda a alguém mais simples, que concorreu a um edital igual a qualquer outro artista, a coisa fica mais difícil ainda. Desse dinheiro, a gente recebia uma parcela hoje, outra não sei quando, mais outra com muito tempo depois, mesmo a gente já tendo colocado cartazes na rua, anunciado a agenda de shows do projeto e convidando os ritmos que dividiriam a cena com Lia, conta Beto. Mas nessas andadas de palco em palco, mesmo fazendo tudo com muita complicação, esse trajeto em apresentações no estado foi um passo importante no reaparecimento de Lia no cenário cultural, numa reafirmação de que estava viva e cantando como nunca. Após a turnê, a pernambucana foi convidada, em 1999, para fazer algumas rodas de ciranda no centro histórico do Rio de

Janeiro, na região da Lapa. Lia se apresentou em bares, na rua, em casas de shows e fez muitos cariocas trocarem o samba pelos passos da ciranda por algumas noites. Foi ali, em uma daquelas apresentações despretensiosas que surgiu um convite para um show que seria mais um ponto importante demarcado que Beto demarca nessa reconstrução da artista, que estava saindo do esquecimento desde o Abril Pro Rock. “Nós já estávamos há dois meses no Rio de Janeiro, hospedados na casa de uma amiga, uma intelectual da Universidade Federal Fluminense. E aí as coisas iam aparecendo e a gente ia fazendo”, conta. Durante essa turnê de mais de 60 dias no Rio, os músicos que tocavam com Lia nos shows em Pernambuco, não viajaram, apenas Toinho, o marido e músico. Os outros componentes do grupo eram contratados como prestadores apenas para as noites de apresentação, quando o cachê dava para pagar a conta. Quando não, as cirandas eram improvisadas, mas fez sucesso do mesmo jeito.

Um novo disco: Eu Sou Lia

Entre os olhares que perceberam Lia nos palcos cariocas, um convidou a cirandeira para subir ao palco do Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil, no centro da cidade. Duas apresentações fizeram parte do festival. Um esperto técnico de som, Iran Gomes Pinheiro, um brasileiro que morava na Alemanha e estava no Brasil a trabalho, captou o som da festa. Ele estava metido no meio fonográfico e audiovisual no Rio e resolveu captar o áudio da apresentação. Depois dos shows, entregou o material a Beto no fim de uma das noites. “O cara chegou, me perguntou se Lia tinha CD gravado e me mostrou o que tinha gravado ali. Ficou magnífico! Era só trabalhar aquilo que sairia algo fantástico, mas não tínhamos como fazer, porque ainda faltava dinheiro. Foi um perrengue para conseguir lançar esse CD”, lembra Beto.



Figura 22

O novo disco saiu no ano de 2000, logo após o carnaval. Com o título de “Eu sou Lia”, o álbum reúne músicas de ciranda. Batizando assim mesmo em primeira pessoa, o pronome Eu no começo da frase afirmativa sempre teve realmente a função que Lia e o produtor queriam: afirmar que aquela mulher, dona daquela voz, daquela história e daquelas canções, era de fato Lia de Itamaracá, que havia passado quase três décadas para parir um novo trabalho e chegar aos ouvidos das pessoas em CD, que ainda era febre na época. Não se falava em Spotify ou em qualquer outro aplicativo de músicas ou vídeos.

“O CD era um sonho para qualquer artista, era algo caro. Quando é que eu imaginava que fosse ter um disco novamente, depois que passaram a perna em mim em 1977?”, questiona Lia.



Figura 23

O produtor e a artista não foram atrás de grandes gravadoras, sabiam que as portas ainda estavam fechadas para a cultura popular de raiz, coisa que ainda acontece até hoje, de certa maneira. Naquela época, em 2000, a coisa era ainda mais difícil. Foi a partir desse disco que a Ciranda Produções, empresa aberta para realizar contratos de shows e eventos para Lia, também criou outra marca: Ciranda Records, um selo independente para o que a artista produzisse em áudio e vídeo. O CD já havia sido gravado durante as apresentações do Festival Vozes do Mundo, no Rio. Então, foram incorporadas faixas de estúdio às canções ao vivo. A qualidade é algo que chama a atenção, por ser um trabalho feito sem qualquer propósito, embora Lia quisesse ter um novo trabalho, ainda que não tivesse feito qualquer planejamento para acontecer dentro de um teatro. Esse ambiente ajudou para que o ouvinte não diferencie o que foi gravado em estúdio e o que foi gravado nos shows do festival. A excelência do técnico de som também contribuiu, claro. “Depois, bem depois, já depois do disco gravado, descobrimos que o cara cursou engenharia de som na *School of Audio Engineering*, em Berlim. A gente tinha um presente de alguém que entendia do que estava fazendo”, brinca Beto. O resultado do *Eu sou Lia* está traduzido em 15 cirandas, distribuídas em 10 faixas, com as cinco gravadas ao vivo. Como de praxe, a sonoridade reúne a autenticidade da grave voz de Lia, o barulho de uma caixa respondendo as marcações da ciranda, a vibração de um bumbo e um som desafinado de um saxofone, sem perder o romantismo e a beleza. Não é algo imperfeito, é algo

que ficou bacana como acompanhamento da cantora. Não tem muita plástica, muita modernidade, efeitos sonoros. Nota-se, sem desqualificar o que foi feito, que é algo prematuro, com cirandas curtas e de uma artista popular. A faixa “Ele não sabe o que é amor”, é uma das composições autorais que recheiam o segundo álbum de Lia:

*Ele não sabe o que é amor
E eu não posso viver sem ele
Tava dormindo e acordei sonhando
Puxando o fio do cabelo dele
Lá, lá, lá, lá, laiá*

Letras românticas com rimas fazem parte do CD. As canções do trabalho explicam esse gosto de Lia por músicas que falam de amor. Essa característica começou a ficar mais evidente a partir do disco, a exemplo da faixa Mal de Amor:

*Eu tenho uma paixão
Doendo o coração
Que não tem jeito a dar
A medicina não formou doutor
Pra curar mal de amor
Olha, o remédio é chorar*

Mas para colocar o primeiro CD na rua, o percurso foi longo e repleto de burocracia e falta de apoio. Beto Hees lembra que eles foram em busca do patrocínio da Lei de Incentivo à Cultura, da Prefeitura do Recife, que estava selecionando projetos de música, literatura, teatro, dança, entre outros. As ideias eram selecionadas e a prefeitura liberava recursos para ajudar na execução do material. Lia e Beto tentaram, mas o CD não foi aprovado. No entanto, entre os aprovados apareceu o CD Recirandar, uma homenagem à Lia de Itamaracá, gravado por vozes da música popular. O projeto foi submetido pelo produtor Carlos Fernandes. Por sorte e para o conhecimento da cirandeira, a aprovação saiu no Jornal do Comércio, uma matéria com

conotação de homenagem e que confirmava a participação da artista no lançamento do material. “Ué, como assim? Como é isso? Nunca fomos avisados e informados, liguei para o Jornal do Comércio, procurei o jornalista José Teles e avisei que não sabíamos de nada disso”, reclamou Beto ao repórter. O JC publicou uma indignação da cantora, inclusive dizendo que a única participação da artista era durante sete segundos numa faixa, retirada de um áudio público de algum show, sem nenhum pedido de autorização. “Como é que pode? Diziam que era para homenageá-la, ela não participava, e no mesmo edital, o CD dela não havia sido aprovado. Que coisa estranha. Estava parecendo até uma homenagem póstuma. Reclamamos muito”, lembra Beto. Já Lia lembra que naquela época deu uma resposta intrigante aos jornais: “não quero homenagem depois que eu morrer, não. Se tiverem de fazer algo por mim, que façam enquanto eu estiver viva”.

Depois que as notícias se espalharam, o vice-prefeito da cidade do Recife, Raul Henry, procurou a produção da cirandeira, e garantiu que no ano seguinte o projeto seria aprovado. No entanto, nem Lia nem Beto queriam aguardar, já que todo o trabalho de gravação das músicas no teatro e no estúdio estava pronto, faltando apenas a finalização do produto, como projeto gráfico, tiragem, etc. Para adiantar o processo e ficar com cara de patrocínio pela Prefeitura do Recife, que não havia sido criteriosa na seleção dos projetos aprovados pela Lei de Incentivo à Cultura, a diretoria de eventos, contratou oito shows da cirandeira. Com os cachês, que não eram tão altos, o CD saiu. “Foi tirado das garras, com a maior dificuldade, como sempre foi para Lia. Deu certo, mas quase que não sai. Uffa”, explica Beto, enquanto faz um gesto de alívio, inflando o peito e depois expirando o ar pela boca. Certamente, foi um sufoco. Neste mesmo momento, o selo criado por ele, o Ciranda Records, gravou outros três trabalhos: Cantando com o sol, do grupo indígena Fethxa; Não Há Silêncio, do grupo de afoxé Oxum Pandá; e Batá, do grupo de afoxé Ylê de Egbá. Para conseguir colocar o trabalho na rua, os grupos abriram mãos de receber os cachês das apresentações que faziam sob a produção de Beto Hees. O dinheiro dos shows foi investido na gravação e circulação dos CD's.

O CD de Lia não era visível nas prateleiras das grandes lojas, mas as unidades de uma pequena tiragem apareciam nas lojas menores de discos do centro do Recife. Ou, para adquirir, os admiradores do trabalho da cirandeira

esperavam algum show para comprar diretamente com a artista, que autografava com orgulho aquele parte material fruto de um trabalho tão suado. Quem adquiriu, não sabe o quanto de história de dificuldade carregam aqueles discos. Nunca foi caro, dificilmente passava dos R\$ 15. Não sendo um produto de uma grande gravadora, era desse jeito que Lia conseguia tirar um a um das caixas que ela tinha em casa. Hoje, o CD é uma raridade. “Eu lembro que uma vez fui para o centro da cidade (do Recife), com Toinho. Fomos comprar uns tecidos e umas coisas aqui pra casa. Aí eu fui passando por aquelas bandas do Mercado de São José quando ouvi minha voz num bar. Menino, eu fiquei tão feliz. O som tava alto e era meu disco tocando. Oxe, pense numa alegria! Depois o dono do bar me avistou e deu com a mão, gritando pra me avisar que tava me ouvindo. Fui lá e dei um abraço nele”, lembra ela, enquanto me conta isso orgulhosa daquele momento.

Próxima parada: Europa

O que é simples tende a ser fiel aquilo que se propõe. Sem muita ousadia ou qualquer pretensão de tudo que estava acontecendo com ela depois do Festival Abril Pro Rock, após a temporada no Rio de Janeiro ou ainda mesmo depois do disco *Eu Sou Lia*, o percurso da cirandeira neste novo momento passaria a receber surpresas que ela não sonhava em viver. Lia atravessou o Oceano Atlântico para uma turnê internacional, a primeira da carreira, no ano de 2001. O primeiro destino: França. “E eu sei lá falar francês. Sei de nada. Sei nem pra onde vai”, foi isso que Lia me disse que contou ao povo de Itamaracá quando soube da novidade que iria para a Europa. Era tanta felicidade que não cabia no peito. “Deve ser muito frio. Eu não tenho roupa pra ir pra lá de jeito nenhum. E eu não vou ficar perdida não? Minhas preocupações eram essas, coisa de quem nunca saiu daqui do Brasil”, me conta, enquanto dispara uma gargalhada atrás da outra. Não se intimida de maneira alguma ao demonstrar a humildade e simplicidade das coisas boas que viveu e vive por ser uma artista conhecida. Para Lia, esses momentos mais inusitados, assim como o episódio no jantar com o governador Joaquim Francisco, servem de capítulos engraçados que precisam ser lembrados pela quantidade de momentos que já viveu nessa empreitada de ser cantora,

cirandeira, artista, pessoa pública, mas do povo e com os pés no chão. A gravadora francesa Arion descobriu o disco Eu Sou Lia e quis lançar o CD em Paris. A história estava boa demais para ser verdade e logo as dificuldades também apareceram, para variar. O selo não pagava custos com passagens, mas pagaria apenas pela venda do disco, depois que fosse lançado. Para ir, Beto articulou shows na Europa em parceria com uma produtora brasileira que vive na França. “Essa minha amiga alugou apartamento para hospedar todo mundo, recebeu Lia e fez meu papel lá, porque eu não pude ir. Não conseguimos todas as passagens aéreas. Então, Lia foi acompanhada de três músicos, os que tocavam instrumentos na base da ciranda: um sopro, um surdo e uma caixa. Tiveram que ir sem mim”, lembra. Quando Beto fala “conseguir”, até parece que as passagens caíram do céu. Não foi isso.



Figura 24

Para levantar o dinheiro dos bilhetes, Lia precisou cantar duas vezes para a Prefeitura do Recife; fazer uma apresentação para a Prefeitura do município do Cabo de Santo Agostinho e um trabalho para a Fundação Palmares. Para seguir viagem, foi preciso trabalhar duro. “E olhe que ainda assim, tivemos que comprar uma passagem fiado no cartão de um amigo para

pagar depois”, conta Lia. Foram sete shows em Paris, em casas lotadas e rodas de ciranda em praças, parques, no famoso bar franco-brasileiro Favela Chic e no Espaço A La Maroquinerie.

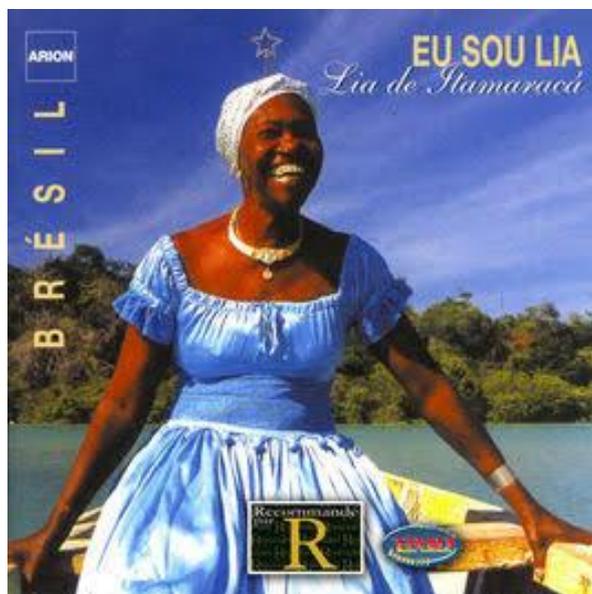


Figura 25

Essa apresentação marcou a abertura da temporada na França e teve transmissão ao vivo pela Rádio Latina de Paris. Outro momento marcante ocorreu no Festival de Música Africana *La Goutte D'Or*. “Tinha tanta gente que não dava pra contar. A ciranda pegou por lá”, brinca Lia. Mas quando pergunto se os franceses aprenderam os passos pra frente e para trás da ciranda, ela cai na gargalhada e me responde com toda convicção: “E europeu tem gingado pra essas coisas, meu filho? Quem sabe dançar ciranda é a gente daqui, mas eles não fizeram feio não. Ficaram lá ensaiando, eu fui no meio deles, dancei também, ensinei um pouco e acho que aprenderam um bocadinho”.

Entre brasileiros e estrangeiros, uma alemã percebeu Lia de Itamaracá ainda no primeiro show, na abertura da temporada, e o que era para ser apenas uma turnê na França, se estendeu pela Alemanha e a viagem de volta precisou ser adiada. O grupo seguiu para Berlim e a artista também abriu roda de ciranda entre os alemães. Ninguém ganhou muita grana com essa viagem. A ideia mesmo era divulgar o CD *Eu sou Lia*, que estava quentinho e ganharia uma nova versão na França pela Arion. No entanto, como os shows foram acontecendo por acaso, Lia conseguiu alguns cachês em euro. “Eu lembro que

quando ela chegou, sentou comigo e disse: ‘Beto, isso é meu e seu. Tome aqui’. Eram 500 euros. Pra você ver a lealdade dessa mulher, a fidelidade que ela tem. Óbvio que eu não aceitei. Disse pra ela que aquilo era dela, fruto do que deu certo lá na Europa. Não teve jeito, se eu não aceitasse aquele trocado ela ficaria chateada”. O CD foi lançado pela Arion com uma roupagem diferenciada, capa, material gráfico novo e em francês. Quando se pesquisa nos aplicativos de música *streaming*, como o *Spotify*, por exemplo, a capa que aparece no player é a da versão francesa do disco Eu Sou Lia. Além de uma nova versão do CD, a artista que saiu de uma ilha no nordeste do Brasil conquistou um pedaço do outro lado do Atlântico. A imprensa internacional olhou para Lia de Itamaracá e foi nesta mesma época que o *Jornal The New York Times* a chamou de “Diva da Música Negra”. O título partiu de um jornalista que acompanhou um dos shows da cirandeira nas terras europeias. Divulgação em cartazes e anúncios nos tabloides também estava aos olhos dos parisienses.



Figura 26

Na volta da turnê teve comemoração do jeito que Lia mais gosta: na sua terra, na beira da praia e com o povo de Itamaracá. A festa foi no Bar do Hermínio, um amigo antigo que sempre abria o grande espaço que tinha para que Lia fizesse suas apresentações para turistas e nativos. A comemoração foi ideia dela. “A gente merecia essa celebração. Eu nunca tinha saído do país. Eu disse isso a um jornal na época e convidei tudo mundo para a festa. Foi lindo

de ver. Eu tava era famosa. Era internacional”, sorri. Sobre o tratamento que recebeu fora do Brasil, ela lamentou não ter o mesmo respeito no país onde nasceu. “Lá fora eu sou tratada como rainha, aqui eu só tenho o título, lá me tratam como eu mereço”.



Figura 27

Passaporte carimbado

A temporada de quase um mês entre a França e a Alemanha não foi a única oportunidade que ela teve para divulgar seu trabalho no mercado internacional. Em 2003, Lia viajou novamente à Europa para uma turnê promovida pela produtora espanhola Mirmidón. Desta vez, ela conseguiu levar sete músicos e a produção de suas apresentações. O convite partiu de uma seleção feita pelo produtor Antônio Vizcaya, que conheceu a cirandeira durante uma apresentação no Mercado Cultural, em Salvador. Quando justificou o convite, Vizcaya disse ao Diário de Pernambuco, que “se encantou desde que enxergou Lia pela primeira vez”. Foram seis shows entre a Espanha, a Itália e a

Suíça. Como saldo, Lia conseguiu agendar mais cirandas para o ano seguinte, numa nova turnê com a produtora. As idas e vindas do solo gringo se tornaram mais frequentes, recebendo cachês pelas festas e tornando-se um rosto conhecido da imprensa internacional. Em 2008, voltou à Alemanha a um trabalho da Cáritas Internacional, e desta vez não esteve apenas no palco, mas em escolas e instituições de educação e cultura, uma parceria que começou no Brasil e terminou no exterior, para difundir a cultura afro-brasileira em unidades de ensino aqui e lá fora. Quando conversamos sobre as viagens ao exterior, Lia já se sente mais à vontade em narrar os episódios. Como foram muitas turnês, às vezes é Beto quem precisa lembrar de momentos marcantes de suas viagens, como por exemplo, a participação no Festival La Mar de Música, em Cartagena, na Espanha.



Figura 28

O produtor lembra de uma manchete de um jornal local que emocionou Lia. O texto, segundo ele, dizia: “Com Lia de Itamaracá, descobrimos a África que existe em nós e não sabíamos”. “Aquilo foi algo surpreendente, foi mais bacana do que os shows que estávamos fazendo”, lembra. A apresentação em Cartagena foi uma de 12 que aconteceram na Espanha durante a temporada

espanhola de 2010. Neste ano, Lia passou 40 dias na Europa e lembra de um momento marcante: “Dividi o palco com Milton Nascimento. Milton é Milton, rapaz. Eu sabia que ele existia, sempre fui admiradora, mas ainda não tinha passado por aquela honra. Foi um negócio que nunca imaginei, nem sonhei. Aconteceu”, alegre-se quando me conta deste momento na Espanha.

As turnês no exterior não só tornaram Lia num nome da música internacional, como uma representante das culturas existentes no Brasil, como também abriram portas no próprio Brasil. Segundo o produtor, esse recomeço de Lia foi rápido. Apesar de muito trabalho, portas fechadas na cara e murros em ponta de faca, foi como se as coisas estivessem se tornando mais fáceis para ela. “Ir para outros países, coisa que poucos outros artistas populares conseguem, é como se fosse um porém no currículo de alguém, e foi assim com ela. Precisou que isso acontecesse para que os daqui começassem a valorizar mais um nome que tinham na terra, e que fora dessa terra, perceberam isso e deram importância”, explica Beto.

Nestas oportunidades que surgiram desde 1998 até mais de uma década depois do primeiro aperto de mão entre Beto e Lia, sem dúvida muita coisa aconteceu e mudou, até mesmo aquelas impressões que ele teve quando chegou em sua porta. Não que isso seja devido ao encontro de ambos, mas aos rumos que as coisas tomaram no caminho da artista, um nome esquecido e abandonado em seu próprio reino. Eu abri este capítulo com as primeiras impressões que o produtor enxergou: uma mulher cansada, uma casa sem muitos recursos e uma dificuldade absurda para andar e ir ao seu encontro da sala da residência até o portão. Mas no passeio que fizemos entre festival de rock, projetos aprovados, um novo disco e algumas temporadas na Europa, é claro que a vida dela mudou... e muito! Ao longo do tempo as coisas foram melhorando, ela conseguiu ganhar dinheiro com o que gostava de fazer, pagou contas com isso, cuidou da saúde com o que ganhou da música, contratou e pagou músicos, melhorou a casa, se arrumou e fez poupança. Não é nenhuma rica, artista *pop star*, mas se tornou Lia de Itamaracá, a Lia de hoje, conhecida por todos, lá fora e, principalmente, aqui.

Parte IV

Uma ilustre popular

“*Lá vem o pescador, lá vem, lá vem*”. Quando Lia grita essa frase em cima do palco ou no centro das rodas de ciranda é hora das apresentações do coco, dança tão comum quanto a ciranda no universo da cultura popular pernambucana. Só que diferente do ritmo que Lia é referência, o coco de roda é mais apressado. Os brincantes dançam soltos em círculo. Quando a brincadeira está mais cheia, ficam dançarinos no meio da roda. Na ciranda, os passos são pra frente e pra trás e a batida dos pés acompanham o barulho mais forte da percussão. No coco de roda, o som do zabumba - o instrumento percussivo - é mais acelerado, aliás, a música também é mais acelerada. Uns gritam uma frase e outros respondem. Enquanto Lia grita: “*em Itapissuma tem canoeiro, tarrafeador e pescador de linha*”. As irmãs Dulce e Biu e o dançantes respondem: “*tem canoa, tem fogo na proa, tem rede de arrasto pegando Tainha*”. E é nessa rima que o coco vai acontecendo, com anedotas e pequenos contos em versos. De repente, tudo tem lógica, em músicas que traduzem o cotidiano do povo, as brincadeiras, os momentos de descontração. “*Jogador corta o baralho, que eu não quero cortar mais / Jogador corta o baralho que eu não quero cortar mais*”, puxa Lia. E o povo responde: “*Joguei dama, joguei reis, joguei valete e joguei As*”. E a brincadeira vai sendo levada por Lia, pelos músicos e por quem participa das rodas de ciranda. Todo mundo ousa cantar, até mesmo quem está mais distante, sem dançar, apenas de pé, admirando os passos de quem tá brincando e rindo dos que não são dali, mas que não se acanham em arriscar, mesmo que tropecem. Na hora do coco de roda, a festa fica mais animada, é que Itamaracá também é terra de Dona Anjinha, coquista famosa em Pernambuco e no litoral norte, que faz coco de roda na frente de casa debaixo de um palhoção armado – uma grande palhoça - para as festas de Antônio, João e Pedro, os santos juninos devotados no nordeste. Anjinha é amiga de Lia de outras datas, praticamente vizinhas, cada uma com a sua arte, o que não impede que uma brinque com o que a outra faz de melhor. No coco de roda de Dona Anjinha também tem ciranda e na ciranda de Lia não pode faltar coco nem maracatu, estrela tão brilhante quantos as outras culturas no repertório da cirandeira.

Mas é que quando Lia anuncia o momento do coco de roda, a coisa fica mais animada, porque todo mundo já rodou demais na ciranda, ouvindo umas músicas mais lentas. E na hora do coco, ela não só avisa que os pescadores estão chegando, como os procura no meio da roda, no pé do palco ou mais acanhados afastados da roda do centro da dança. Ficam de longe só admirando. E ela grita os nomes dos conhecidos amigos de infância que resolveram, por opção e pelo destino, se atreverem a viver no mar. E aí, é uma sequência de cumprimentos, chamando um a um à medida que canta, dando com a mão e fazendo uma chamada pra saber se todos estão ali. *“Abreu, Faeco, Clóvis, Neném, João, Moisés, Romeu, Santo, Quita, Coitão...”*. Enquanto o coco tá rolando, Lia tem a plateia de pescadores. A Ilha de Itamaracá é reduto desses homens do mar, uma das atividades mais comuns entre os ilhéus, representados pela Colônia Z11 e pagos pelos donos de peixarias, que são muitas na cidade. Algumas vezes, os próprios pescadores são os proprietários dos estabelecimentos ou negociam os pescados na beira da praia, quando descem das canoas ou *baiteiras* – espécies de barcos pequenos de madeira, levados pela vela ou por motor. Na Ilha de Itamaracá, a profissão dos oceanos é presente de herança, passa de pai para filho.

Nas festas, Lia chama os pescadores pelos apelidos, até porque os nomes ficaram só no registro, se perderam lá na infância enquanto eram todos meninotes de brincadeira de rua e conversa em calçada. Conheceu a mãe de todos, frequentou a casa, mas certamente não recorda o nome de batismo de nenhum. Não por falta de intimidade, pelo contrário, mas porque assim como ela, o apelido se oficializou nome, por máxima intimidade, por naturalidade e porque ficou mais fácil chamar assim. Essa relação de Lia com o mar, com os pescadores, com algo tão particular e próprio da Ilha, está nos versos da ciranda que ela entoa no repertório pra lembrar do carinho que tem pelos amigos de vida tão cansativa e difícil:

*“Sou pescador
Sou de água fria
Sou Moreno Cirandeiro
Sou do chamego de Lia”.*

E não é só pelos pescadores que Lia procura, não. Ela anuncia Dona Fátima, Dona Conceição, o professor Júnior; anuncia Paulinho e Gibinha de Moça de Gilberto; procura por Luizinha de Dona Amara, por Dália, por Rosilda filha de Maria de Vinagre, por Xoxa sobrinha de Dona Josina. Procura pelos conhecidos para cumprimentá-los pelo nome enquanto canta. Nas cirandas da Ilha, rola uma intimidade entre ela e o público, talvez por isso a festa fique tão animada, quando todo mundo sabe cantar e acompanhar as rimas, de menino a velho. De avô a neto. No meio da ciranda, Lia faz uma tirada de coco de roda e convida nome a nome pras pessoas se ajoelharem no colo de uma tal de laiá.

Ajoelha, ajoelha, Ajoelha no colo de laiá
Ajoelha, minha gente, ajoelha, ajoelha no colo de laiá

Desde criança, quando ouvia isso, já numa atitude peculiar do jornalista que seria, eu já ficava curioso querendo saber quem era essa tal de laiá que Lia tanto pedia pra o povo na roda de coco e ciranda se ajoelharem no colo dela. Eu só conheço uma laiá, amiga da minha avó, lá mesmo da comunidade de Jaguaribe, uma senhora idosa que toca o sino da igreja católica do bairro em dias de missa, pra avisar que a celebração está para começar. É ela quem sobe a torre da igreja para tocar o sino em dias fúnebres quando alguém da comunidade parte de uma dessa para uma melhor. Acreditei que se tratasse dela, apesar de nunca tê-la visto em uma ciranda. Sempre foi da missa pra casa, uma mulher de pouca simpatia. Que reclamava com os meninos que falava alto durante as celebrações. Aliás, ela nem precisava puxar orelhas. Só o olhar fixo numa careta causava medo. Pela idade, deixou de tocar o sino da Capela do Bom Jesus dos Passos. Sei que laiá é famosa na boca de Lia, nas rodas de ciranda dentro e fora da Ilha. E aí, quando canta esse coco, Lia praticamente ordena que a pessoa que ela chama pelo nome, faça um passo no meio da roda como se estivesse se ajoelhando, em alusão ao colo da personagem laiá. E aí, lá vai: *“Ajoelha, Penha, Ajoelha. Ajoelha no colo de laiá”*; *“Ajoelha Maria, Ajoelha. Ajoelha no colo de laiá. Ajoelha, Margarete, ajoelha. Ajoelha no colo de laiá”*. Quando as pessoas não entram, surge uma vaia de algum lugar e todo mundo cai na risada e Lia continua a insistir que o

convidado não desista da brincadeira. Há muito tempo, quando eu ainda não tinha vergonha de dançar na roda, ela me viu. E como não lembrou do meu nome, mas recordou das entrevistas que fiz, resolveu apostar: “*Ajoelha, repórter, ajoelha. Ajoelha no colo de laiá*”. Rapidamente fiz a dancinha, mas preferi sair logo do centro da brincadeira. Melhor isso do que uma vaia, e eu também não poderia causar uma desfeita com Dona Lia. Ela também faz isso com os músicos e com os visitantes. Na tentativa de fazer igual, os turistas imitam os locais e fazem amizade por ali pra aprender bem.

De pés no chão

Esse cenário do que acontece nas apresentações de Lia e os depoimentos tão íntimos e próximos do cotidiano simples da população e da própria cirandeira, mostram a relação dela com o lugar, com o povo, com quem conhece há muito tempo ou com filhos, netos e sobrinhos de quem ela conviveu, mesmo que ela só saiba o nome dos mais antigos. Lia de Itamaracá é uma ilustre popular onde vive. É a filha mais famosa da terra, é o cartão postal, o patrimônio local, mas não perde a simplicidade convivendo ali, entre saídas para shows e voltas para casa. O principal indício dessa relação é onde encontrar a Rainha da Ciranda. Não tem mistério, nem é preciso andar muito.

Marlene é a dona de uma casa na Avenida Benigno Cordeiro Galvão, a mesma rua do Centro Cultural Estrela de Lia. É a avenida que fica à beira mar, a via da orla, onde está o movimento maior de quem passa no dia a dia e nos finais de semana. A porta da casa da professora aposentada, que resolveu se mudar para Itamaracá entre os anos 70 e 80, é chamada de “calçada da fama”. Dizem que quem passa por ali é registrado por quem está sentado. Dona Marlene e as sobrinhas, além de Glória, Tânia, Dona Lúcia do Bar Whiskizito, e outras mulheres, se reúnem depois do almoço quando o sol esfria pra bater um papo. Se elas falam da vida alheia? Bom, ninguém tem certeza, mas a calçada ganhou o título de reduto da fofoca, do bom fuxico e de boas risadas. Então, se Lia não estiver em casa ou em algum compromisso, viagem para trabalho ou shows pelo Recife, Rio ou São Paulo, com certeza também estará lá nos finais de tarde. Quando está entre as que dão plantão, rouba a cena, já que é a ilustre popular. Todo mundo faz questão de falar com Lia, como diz Dona

Marlene: “as pessoas falam com gente também, mas primeiro falam com Lia. É Lia pra cá, Lia pra lá. Algumas vezes Lia já se prepara pra levantar a mão assim que a pessoa olha, antes mesmo de cumprimentá-la”, brinca dona Marlene, que gosta de dar uma boa risada quando conta essas histórias. Quando não param para falar, é pra tirar foto. Para não incomodá-la num momento em que é mais uma moradora e menos artista, nem pedem que Lia se levante, apenas sentam do lado dela, na “Calçada da Fama”, registram o momento e vão embora. “Nos finais de semana, que a cidade tá mais cheia de visitante, alguns turistas passam por ali e de repente veem Lia pela janela do carro. Começam a apontar, fazem a volta e descem pra tirar um retrato”, conta Marlene. Alguns admiradores ficam mais um pouco, batem um papo, dizem que a viram em algum show pelo Brasil ou que dançaram ciranda no espaço cultural. Quando não são os de fora, são os locais que passam, perguntam como anda a reforma do Centro Cultural Estrela de Lia e vão embora. Algumas vezes é Lia quem cumprimenta, perguntando à pessoa que passa se a mãe enferma tá melhor. Pergunta pela avó, pelo tio, pelo marido, pela esposa. “Eu falo com todo mundo mesmo porque eu sou daqui. Eu conheço todo mundo desde a barriga das mães, quando as mulheres ainda tavam *buchudas* desses meninos. Uns eu não sei os nomes, mas sei que são filhos de fulana de tal”, conta orgulhosa de saber que é considerada por todo mundo. Ninguém pede autógrafo, mas esse “olá” que oferecem quando passam é sinal de respeito e orgulho em saber que Lia é gente deles, a mais conhecida de todas.



Figura 29

Como saldo da fama que carrega, surgem umas histórias engraçadas nas conversas com Lia, que ela sempre conta dando gostosas gargalhadas, daquelas que fazem rir até quem não acha tanta graça com o que está sendo contado. Certa vez, quando trabalhava como merendeira na Escola Reunidas de Jaguaribe, pertinho da casa dela, uma situação cômica aconteceu. “Uma granfina chegou de carro. Desceu toda arrumada, de salto alto, óculos escuros na cara, toda penteada. Eu estava na portaria porque uns meninos tinham chegado tarde e fui abrir o portão pra eles. A madame perguntou: “oi, Dona Lia da Ciranda está?”. Aproveitei pra tirar uma onda com a mulher e avisei que iria chamar Dona Lia. Voltei rapidinho e disse: ‘olhe, ela já vem falar com a senhora. Espere aí’. E nisso, tome a mulher a esperar, a esperar e a esperar. Passou um tempinho e ela já agoniada perguntou de novo: ‘moça, Dona Lia já tá vindo?’. Eu continuei enrolando: ‘já, logo mais ela vem, é que tá ocupada ali resolvendo umas coisas na cozinha, mas já vem’. Mas aí um aluno da escola estragou a brincadeira e perguntou qual era o prato da merenda daquele dia: ‘ô Lia, o que vai ter hoje pra comer?’. A mulher percebeu que eu tava fingindo e me deu um abraço danado, até se emocionou. Ela chorou dizendo que veio de tão longe só pra me conhecer, mas não reconheceu”. As histórias desse tipo sempre se repetem na vida de Lia, seja na calçada da fama ou quando está em casa. A ilustre popular não tem cerimônias pra receber ninguém, mas quando está “da pá virada”, expressão pra dizer que o humor não é muito legal, também não atende quem quer que seja, do político da cidade ao turista que passou em Itamaracá só pra tirar uma foto com ela. Coisas de gente famosa, né? “Tem dia que tô cansada, nem desço do carro que me leva pros shows até a festa começar. Tem dia que quero é ficar na minha, com minhas coisas”, explica.

Ô de casa!

É até improvável que alguém que já foi procurá-la em Itamaracá acredite nessa possibilidade dos dias de mau-humor no temperamento de Lia. E se a encontrou em casa é que não tem como acreditar mesmo. A residência é enfeitada, com muitas plantas nos pés de um muro colorido. Ali, como boas vindas pra quem chega, o aviso diz: “Cartas para Lia”. Pelas frestas dá pra ver

o jardim no caminho entre o portão e o terraço. Tem uma grama bem cuidada, fonte decorativa, uns banquinhos pra quem quiser sentar, uns jarros no canto e uma imagem de lemanjá. O terraço tem *banners* dos shows, quadros com desenhos de ciranda, fotografias antigas com amigos e famosos, outros jarros e em época natalina sempre tem um pisca-pisca que fica ligado novembro e dezembro todo. O terracinho é pequeno, mas é onde Lia recebe as visitas, grava documentários, dá entrevistas, serve um copo de água pra quem chega e pede pra acompanhá-la quando precisa buscar algo que está dentro de casa ou desligar a comida que está no fogo. Sem burocracia alguma. Durante o recolhimento de falas para esse livro-reportagem, perdi as contas de quantas vezes ela me deixou à vontade, como um íntimo, como alguém da família.



Figura 30

A casa é simples, sem muita segurança, móveis antigos e tudo arrumado pela própria dona, que não tem empregados. Faz tudo, de faxina à comida, sem reclamar. A rua de Lia é movimentada, mas poucos moradores ligam o som com volume alto como o marido Toinho. No repertório toca brega, toca ciranda, toca coco, toca Reginaldo Rossi. É outra característica da casa pra quando alguém for visitá-la. Quando não está na cidade e alguém vai até lá, a viagem não é perdida. Os que estão em busca de Lia fazem uma foto na frente da casa e levam a imagem de recordação. Sempre tem alguém batendo

palmas na porta à procura da cidadã famosa. Dona Madalena, a xará e vizinha que mora pertinho, já está acostumada com os carros que param em sua porta para pedir a mesma informação de sempre. “Eu fico aqui sentada na minha calçada quando para um carro e o povo pergunta onde mora a tal Lia da ciranda. Eu aponto, ensino, quando é pouco mais já chega alguém perguntando também. Para veranista, para turista, para reportagem. Ela é a mais famosa mesmo”, conta Dal, como é chamada Dona Madalena pelos filhos e pela vizinhança, carinhosamente. Até parece parente de Lia. É uma negra que também tem Nascimento no sobrenome, e mora na fileira de casas da mesma calçada que a amiga famosa, mas não têm qualquer parentesco. Aliás, se cumprimentam como se tivessem. Conversam numa intimidade larga por horas num banco de cimento que tem em frente à casa da Madalena anônima. Quando não estão só as duas, aparecem outras vizinhas e o papo fica em torno dos tempos de antigamente. São amigas desde a infância. A Madalena artista chama a outra Madalena pelo apelido de “Madá”. “Somos amigas de muitos anos mesmo. Vi muita coisa na vida de Lia. Sabe da casa que pegou fogo? Então, eu tava lá, corri pra ajudar. Quando Lia começou a cantar já éramos amigas também”, conta, e fala isso cheia de propriedade pra explicar que não é porque a amiga ficou famosa que deixou de ter amizade.

Vai tomar conta da tua vida, vizinha!

Essa relação infundável com o povo, já que é uma artista popular, criou algumas confusões no entorno de Lia. Na rua Joaquim Cordeiro Galvão, a rua das Madalenas, havia uma senhora chamada Dona Nenem, que morava em uma casa bem pertinho da de Lia. Uma senhora gorda, que vendia alguns confeitos e salgadinhos no terraço de casa. Falava alto, era curiosa e conversava com quem passava. Gostava de saber da vida alheia: se Dona Maria tinha se separado, se a filha de Dona Maria já tinha engravidado... se o mundo estava girando ou estava parado. Ela queria mesmo era saber o que se passava na rua. Os cabelos brancos quase prateados chamavam a atenção. Tinha dificuldade para se levantar do sofá por causa do peso, da idade e de alguns problemas nas pernas. Essas, por sinal, ficavam suspensas sobre um banco de madeira em frente ao sofá ou perto da cadeira de balanço. Ia se

arrastando da sala ao terraço – o que não era tão distante – para atender quem chegasse para comprar alguma coisa no pequeno comércio que mantinha no terraço. Tinha uma imagem de São Sebastião bem grande na sala. Da rua dava pra avistar, mas não respeitava muito o santo na pintura quando alguma criança passava e brincava com ela. Dona Neném tinha um apelido que não gostava: Neném do Mungunzá. Tentei lembrar com os colegas de Itamaracá, mas ninguém conseguiu dizer o porquê de odiar tanto o apelido. Bom, mas quando a chamavam assim, o devotado São Sebastião quase precisava tapar os ouvidos. Era palavrão de todo tipo e em bom som. Dava pra ouvir os gritos e xingamentos na outra esquina, já depois da casa de Lia. O estudante Arthur Hernandes geralmente voltava da escola para casa pela rua da senhora. Certa vez resolveu brincar e nunca mais repetiu. “Levei um grito tão grande que não esqueço até hoje. Ela me chamou de gota serena e filho da puta, foi demais”, lembra. “Era assim com qualquer um. Bastava chamá-la de Neném de Mungunzá que o bicho pegava. Se dissessem pra ela que estavam espalhando que ela era fofqueira, ela também ficava arretada. Ela gostava de saber da vida alheia, mas tinha ódio de quem dizia que ela era fofqueira”, conta.

Como tinha fama de gostar de fuxicar da vida alheia e saber de tudo um pouco, Dona Neném ficou mais famosa ainda depois que Lia resolveu gravar a música O Merengue da Vizinha, de Osvaldo de Oliveira, um compositor de merengues que também narrava o cotidiano do Recife nas suas canções. Certamente, Osvaldo tinha alguma vizinha fofqueira. Toinho é fã do artista, gosta de ouvir merengues em casa e certo dia Lia ouviu a música sobre a vizinha e começou a cantá-la em seus shows. Daí, Dona Neném ficou um pouco mais falada pela má fama da língua grande. Afinal, a música só piorou a situação da senhora.

*“Não posso sair de casa que a vizinha vai perguntar
Pra onde foi que foi Lia / Será que Lia foi trabalhar?
Que o homem tem ciúme e comigo quer brigar
Eu acho que a vizinha tá querendo é me separar
Vai tomando conta da tua vida, ô vizinha
Trata de você e me deixa em paz
Porque desse jeito eu não aguento mais!”*

A canção mostra a relação invasiva da vizinha com o personagem que narra a história. No entanto, apesar da fama que ganhou, Dona Neném foi injustiçada pela cabeça do povo da cidade. É como já carregava a má fama, acabou ficando com o ônus da atribuição. A letra foi composta em 1976 e gravada por Lia no seu segundo CD, o Ciranda de Ritmos. A faixa é uma das mais tocadas em seus shows e como pouca gente sabe da história verdadeira, Dona Neném acabou levando a fama para o túmulo. Que Deus a tenha. Como eu também achava que se tratava de uma indireta para a vizinha, perguntei à Lia se tinha alguma relação entre a música e Neném. “Nããããooooooooo, nada a ver. A mesma coisa acham de laiá, né? A mesma coisa acham quando canto músicas para Janaína, que é lemanjá. Pensam que é Janaína filha de uma mulher chamada Carminha. Eu só gravei a música da vizinha porque Toinho ouvia muito e eu gostei. E aí pegou. E o pior que serve pra um monte de vizinha que gosta de dar conta da vida do povo, né?”. Lia solta mais uma gargalhada quando explica a confusão.

Ciranda democrática

É por isso que quando canta para os seus, dentro da sua terra e nas areias da praia que caminha todos os dias, a ciranda tem uma representação diferente. Não só porque sabem cantar as músicas sem precisar de papel, mas principalmente porque o que Lia canta se mistura com seu público mais próximo: os ilhéus, essa gente que é retratada em suas canções e por isso a brincadeira se torna mais interessante quando acontece entre eles. Mas a ciranda de Lia tem espaço pra todo mundo, conhecidos e desconhecidos. Para Lia, ciranda se conjuga no plural e se dança no coletivo.

*Essa ciranda não é minha só
Ela é de todos nós, ela é de todos nós
A melodia principal quem tira é a primeira voz
Pra se dançar ciranda, juntamos mão com mão
Formamos uma roda, cantamos uma canção*

A letra da música Minha Ciranda é de Capiba, gravada por Lia pela primeira vez em 1984 para o LP Especial Capiba 80 anos. O músico escreveu a letra e deu a canção à Lia como um presente. Desde então, é outra música comum em seu repertório. É a maneira de Lia convidar as pessoas para uma roda da dança, explicando que apesar de ser a embaixadora da manifestação popular, não é dona da brincadeira. É ela quem tira a melodia principal, mas que para dançar ciranda é preciso que todos juntem as mãos, formem a roda e cantem uma canção. O sentimento também está traduzido na canção “Ciranda, dança do povo”, de Lia:

*A ciranda é uma dança do povo
Em Pernambuco é original
O conjunto toca a melodia
O povo vem participar
De mãos dadas formam logo uma ciranda
E começam a cirandar
Que coisa linda, que coisa bela, é ver o povo participar*

E é exatamente assim. Numa roda, cantando para o povo, que Lia se sente feliz, ilustre e ao mesmo tempo popular, pela simplicidade que carrega, pelas histórias que retrata em suas composições e interpretações e mais ainda pelo convívio com todos, entre os mais simples e também os mais ilustres ou ricos. Ou “granfinos”, como ela gosta de falar sobre os que têm mais dinheiro. Como uma artista, ela precisa conviver de sorriso aberto nos palanques de políticos em solenidades, em eventos nos quais é convidada especial, em velórios e na vida pública. Apesar de ser do povo e preferir chinelo de dedo, Lia também sabe das responsabilidades que carrega enquanto for um dos nomes mais conhecidos da cultura popular pernambucana. E para isso, precisa circular nos espaços que nem sempre são de sua preferência. Sobre essas situações, ela lembrou de uma história que viveu enquanto andava com o governador Joaquim Francisco, que construiu sua atual residência depois que a primeira foi incendiada. Depois que o político assumiu o governo de Pernambuco, a cirandeira, ainda sem teto fixo, foi convidada para um jantar no Palácio do Campo das Princesas, sede do governo estadual pernambucano.

Lia foi, levou Toinho e também uma vergonha enorme, como um peso que estava carregando nas costas e doída para se livrar daquele fardo. “Menino, era um negócio muito chique. O povo tudo lá sentado, um monte de granfino e eu e Toinho no meio daquele povo. *Vixe Maria*, minha nossa senhora, que vergonha”, relembra, e enquanto puxa o episódio da memória coloca as mãos na cabeça e na frente da boca pra segurar a gargalhada que vem em seguida. O dia foi cômico para Lia. “Olhe, meu filho, as mulheres tudo em cima do salto, não sei como não caíam. Tudo arrumada com vestido, brinco, cada batom vermelho que só você vendo. Tudinho maquiada. Eu não, eu tava lá simples... do meu jeito, né? A conversa rendeu... rendeu... rendeu... e quando a comida chegou, eu não sabia nem por onde começar com aquele tanto de garfo e faca. Toinho olhava pra mim com os olhos arregalados e eu olhava pra ele do mesmo jeito. Pra completar era um peixe bonito. Eu pensei: ‘agora eu tô na minha área, né? Peixe é comigo mesmo’. Eu tava doída pra agarrar aquilo com a mão feito eu faço em casa, mas não tinha como não. Tive que comer de garfo e faca”. Apesar da estranheza do ambiente refinado, onde pouca gente tem a oportunidade de sentar à mesa ao lado de um governador de estado, Lia era a mais famosa, conhecida e ilustre que estava naquele jantar na década de 90. Participou das conversas, falou sobre a vida, respondeu questões curiosas e conviveu pelo menos naquela noite com políticos, suas esposas e os demais convidados do então governador Joaquim Francisco. Lia e o marido foram vestidos com as melhores roupas que tinham em casa, o que não era algo tão sofisticado, mas com certeza fazia parte do figurino usado para ocasiões especiais como aquela. Nada caro comparado ao que os outros convidados vestiam, mas suficientemente bem para eles dois. Ela de sandália de dedo e ele de alpercata de couro, claro. E depois daquele jantar, ela saiu dali com a certeza e a palavra dada pelo governador de que a casa seria construída, já que ele prometeu que assim faria. E foi. Meses depois, o político cumpriu a promessa e Lia permaneceu grata, mas sem precisar voltar lá para ficar na vontade de comer peixe com a mão e não precisar forçar a barra com garfo e faca. Apesar de ter a oportunidade e o passe livre de frequentar espaços de privilégios, a cirandeira pouco se vislumbra com essas coisas, tanto que deixa claro sua preferência pela simplicidade, pela casa onde vive e pelo lugar que

mora. “Eu gosto de sair daqui, fazer minha ciranda e voltar. Eu gosto mesmo é do povo daqui, do jeito simples das coisas. Gosto de muita frescura não, oxe”.

Patrimônio Vivo

Como um ícone ilustre e solicitado que é, Maria Madalena Correia do Nascimento carrega títulos importantes ao longo de sua trajetória artística e de preservação à cultura popular. E

Através da Lei nº 12.196, de maio de 2002, a Lei do Registro do Patrimônio Vivo, o Estado de Pernambuco criou os Patrimônios Vivos de Pernambuco, que são mestres da cultura pernambucana, pessoas ou grupos, reconhecidos como Patrimônio Imaterial do Estado através de um concurso público. Todos os anos, vários patrimônios são escolhidos e nomeados pelo governo. A Lei diz que a escolha deve ser de três nomes por ano, mas como a prática da ideia só começou em 2005, 12 nomes foram contemplados. Eles são apoiados com o objetivo de preservar seus múltiplos saberes, fazeres, memórias e histórias. É uma retribuição pela referência que esses artistas e manifestação são para o povo pernambucano onde quer que estejam. A lei, além de permitir a preservação e valorização das manifestações tradicionais e populares, garante condições para que essas culturas sejam passadas para futuras gerações. Com a iniciativa, Pernambuco é o primeiro estado a instituir, no âmbito da administração pública, o registro do Patrimônio Vivo. Com o reconhecimento, os homenageados se tornam “imortais” e recebem uma pensão vitalícia mensal. No caso de artistas individuais, o valor é de um pouco mais de mil reais. No caso de grupos e associações, o valor é maior, ultrapassando os 2 mil reais. Até agora, já são 51 titulados.

A cirandeira Lia estreou o projeto e esteve ao lado de nomes consagrados da cultura popular no primeiro ano do reconhecimento cultural. Em contrapartida, a cantora e os outros brincantes consagrados com a iniciativa, precisam desenvolver atividades culturais e educacionais através da Fundação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Pernambuco, a Fundarpe, entidade governamental que tem a responsabilidade de levar a ideia a sério. O órgão realiza audiências públicas, cria processos de audições e levantamento histórico e de representatividade antes de ofertar a comenda aos

Patrimônios Vivos. No mesmo ano em que Lia se tornou Patrimônio Vivo da Cultura Pernambucana, o Mestre Salustiano também recebeu o título. Manoel Salustiano Soares, ou Salu, como era conhecido, se tornou um dos mais afamados brincantes da cultura nordestina. É natural da zona da mata do estado e esteve envolvido com as manifestações culturais populares ao longo de toda a sua trajetória, quando faleceu em 2008. Começou cedo a tocar Rabeca, e era só primazia quando estava com o instrumento em mãos. Foi envolvido com coco, maracatu rural, ciranda e, principalmente, com o cavalo-marinho, onde perpetuou sua história. Assim como Lia, é representante maior da arte que carregou com amor até o fim, por isso também foi tão merecedor do título.

No mesmo ano de Lia e Salu como mestres da cultura pernambucana, o Maracatu Leão Coroado fez uma apresentação histórica em frente ao Palácio do Campo das Princesas para receber o título de Patrimônio. Ou seja, foi festa com ciranda, coco e batuques de maracatu. A agremiação é considerada a mais antiga em atividade ininterrupta no estado. O estandarte diz que o grupo é de 1963, mas os historiadores apontam que as alfaias do Leão Coroado já faziam som desde 1852. O vermelho e o branco que desfilam no carnaval do Recife tornam o maracatu inconfundível.

Outro nome que se transformou em Patrimônio Vivo da Cultura Pernambucana no ano de 2006 foi Ana Leopoldina Santos. Ao chegar ao sertão pernambucano e tentar descobrir de quem se trata, dificilmente alguém lhe dirá se buscar pelo nome de batismo. É que Ana Leopoldina é Ana das Carrancas, de Santa Filomena, distrito do município de Ouricuri. Ainda criança, ela tinha o barro como atrativo para as brincadeiras. Pobre, filha de agricultores, não tinha brinquedos em casa, então sua distração era dar forma ao barro, transformando a matéria-prima em painéis, bonecos e outros objetos. Já grande, enquanto estava na beira do Rio São Francisco, pediu ao santo que lhe mostrasse uma luz para ganhar algum dinheiro e ajudar no sustento da família – marido e duas filhas. Foi quando Ana enxergou uma barcaça com uma carranca colorida na frente. Ali mesmo, confeccionou sua primeira carranca. As peças ficaram internacionalmente conhecidas e aquela Ana nunca mais foi lembrada pelo nome de batismo. As carrancas dela carregam uma marca: tem os olhos furados, uma homenagem ao marido José

Vicente, que era cego. Ana das Carrancas faleceu em 2008, em Petrolina, no sertão de Pernambuco.

É indiscutível que os pernambucanos devem muito do que são a esses mestres da cultura, dos saberes e dos fazeres. Não à toa, o estado tem uma efervescente e rica tradição artística, seja na dança, na música, nas artes plásticas ou na poesia. Sobre o título de Patrimônio Vivo, Lia entende que merece, mas diz que nunca fez nada de propósito esperando esse tipo de retorno. “Eu fui fazendo como sempre. Tenho muito amor por isso tudo. Não me canso, não desisto. Gosto da ciranda, amo a cultura. Se eu mereço esse tipo de homenagem quem sabe é o povo”, diz.

Patrimônio do Brasil

Lia pouco se envolve com política e prefere que seja dessa forma. “Não gosto. Vou, cumpro com minha obrigação, voto e vou pra minha casa. Não subo em palanque de seu ninguém. Entra prefeito, sai prefeito; entra governador, sai governador; entra presidente, sai presidente. Eu não posso ficar mal com essas pessoas. Sou artista. Faço show pra todos”. Esperta, essa Lia. No entanto, em um dos nossos últimos encontros, ela vestia mais uma camiseta de malha leve, branca, com alusão ao ex-presidente Lula.



Figura 31

Perguntei o que ela achava dele. Lia, rapidamente, afirmou: “ah, esse é meu presidente, é o presidente do povo. Estive com ele umas vezes também”. Esse encontro foi para receber mais uma homenagem. Foi quando Lia esteve no Palácio do Planalto, como convidada de honra da Presidência da República, no ano de 2004, quando Luís Inácio Lula da Silva era presidente e estava no segundo ano do mandato. Na conversa comigo, ela não escondeu o voto: “votei nele sim. Votaria de novo. E tu?”, me questionou. Quando estive ao lado do político pernambucano, ela se identificou com ele, com a história dele. Simples, pobre, nordestino e do povo, e que se tornou uma figura ilustre. Essa também era a história dela. Lula chegou ao alto poder do Estado Brasileiro e recebeu uma faixa em verde e amarelo no dia de sua posse. Lia, a mulher simples, pobre, nordestina e do povo estava no Palácio para receber a Medalha da Ordem do Mérito Cultural (OMC), instituída no país pelo artigo 34 da lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991 e pelo decreto nº 1.711 de novembro de 1995, assinado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso. A entrega da honraria geralmente ocorre todo dia 5 de novembro, quando se comemora o Dia Nacional da Cultura. Mas como nada no Brasil é levado com a pontualidade que poderíamos adotar dos britânicos, nem sempre a solenidade acontece na data combinada. Quando a cirandeira recebeu a medalha, Gilberto Gil era Ministro da Cultura e também estava na solenidade. Pelé, o rei do futebol e Renato Russo, representado pela família, e outros 37 personalidades, se tornaram portadores da Ordem do Mérito Cultural. Quis saber, por curiosidade, o que Lia falou com o presidente Lula. Ela respondeu tranquilamente: “Eu lembro que disse pra ele que não esquecesse que eu também era merendeira”.



Figura 32

Nessa vantagem de ser famosa, a lenda que diz que a cirandeira não existe só se amplia. É que muita gente ouve suas músicas, ouve falar na tal Lia, mas não sabe se ela vive em algum lugar de verdade. Quando não é isso, acham que Lia já morreu e que somente outros cantores interpretam suas canções de ciranda. O agitador cultural Roger de Renor montava uma festa na Rua da Moeda, no Recife Antigo. O lugar já foi polo de festas populares, de encontros de grupos de maracatu e era lugar certo para as cantadas de Chico Science ainda no começo da fama. Tanto que há um monumento em homenagem ao criador do Mangubeat. Lá estão Chico, seus óculos escuros, o chapéu de palha e sua alfaia de maracatu. A rua hoje é mais um cenário de boemia tomada por bares e cadeiras. Pouco se tem do que Roger presenciou no passado. Mas foi ali que uma situação inusitada envolveu o nome de Lia de Itamaracá sobre essa conversa dela ser lenda ou já ter partido para o andar de cima. “Havia um palco em frente ao bar. Nesse dia o Recife Antigo estava bem movimentado porque estavam rodando um filme na época. E aí, um diretor de cinema sentou para comer alguma coisa e tomar uma cerveja, viu o palco armado e perguntou: ‘vai ter o que hoje aí? Vai ter alguma apresentação?’ . Eu falei que iria ter ciranda. Curioso e já pensando em fazer alguma tomada para o filme, o diretor quis saber de quem seria a roda de ciranda. Expliquei que a apresentação era de Lia de Itamaracá. O cara parecia não entender muito o que eu estava explicando”, lembra Roger, que até hoje demarca essa cena como algo inusitado. “Isso porque depois que contei que Lia estaria ali, ele continuou perguntando: ‘sim, legal... ciranda. Gosto muito, mas quem vai cantar as músicas de Lia?’ . Respondi: a própria Lia. Nessa hora, o cara terminou rapidamente o gole que estava dando na cerveja, arregalou os olhos e perguntou, incrédulo: ‘rapaz, mas Lia é viva?’. Claro que é viva, respondi”. E Roger lembra que essa não foi a única vez que isso aconteceu. O agitador cultural compreende essa percepção das pessoas que já ouviram falar de Lia de Itamaracá ou conheceram seu trabalho, mesmo que nunca tenham presenciado algum show dela. Para Roger, Lia é uma diva: “Lia poderia ser muito bem uma cantora pop, poderia ser cantora de Brega, cantora do que ela quisesse ser. Ela tem voz, tem postura, tem atitude pra isso. Ela é uma diva, uma mulher que chega e se impõe. É magnífica. Quando alguém enxerga

aquela mulher negra e grande de perto, é algo espetacular. Sou afim dela”, brinca.



Figura 33

E esse não é o único admirador do cenário cultural que Lia arranhou em Pernambuco ou pelo resto do Brasil. Há uma fila deles. Gente tão ilustre e conhecida quanto ela, mas que a admira para além do trabalho que faz, mas pela mulher que é, mãe-tia-avó, merendeira, dona de casa, esposa que se dedica ao marido, que prepara uma boa peixada e que alimentou tantas crianças. Beto Hees lembra de um show que a cantora Marisa Monte fez no Teatro Guararapes, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda. Marisa já subiu ao palco e interpretou canções da cirandeira. Entoou cirandas em seus shows. Segundo Beto, há uma relação muito grande de admiração entre uma e outra, de um encontro que aconteceu no Rio de Janeiro. Depois disso, Marisa se encantou pela estrada que percorreu, pela voz que carrega, e pela mulher que é Lia. “Nesse show do Recife, recebemos um convite especial. Lia foi convidada de honra e eu a acompanhei. Marisa fez questão de enviar um motorista à Itamaracá para buscá-la em casa e recebeu Lia em seu camarim. Na sala de espera, além de Lia, estavam convidados de honra da artista, incluindo o então governador Eduardo Campos (1965-2014). Nunca esperávamos que Lia fosse a primeira a ser chamada para um bate-papo, fotografia e abraços com Marisa, mas foi isso. Ela foi a primeira a entrar no camarim. Conversaram bastante. Marisa estava visivelmente feliz e

emocionada com o encontro. Na hora de despedir-se de Lia, a levou até a porta do camarim, exatamente quando o governador estava chegando. Marisa aproveitou a oportunidade, segurou as mãos de Lia, bateu nas costas do governador e disse: ‘cuide bem dessa mulher. É um ouro.’ Eduardo fez uma expressão de sorriso e olhos bem abertos, com aquelas bolas azuis e disse que estava valorizando Lia, sim”, conta Beto Hees.



Figura 34

Esse não foi a única boa surpresa para Lia. Na noite de 16 de janeiro de 2013, no show da Turnê “Verdade, Uma Ilusão”, Marisa Monte, antes de encerrar o show, pediu desculpas ao público pelos poucos ensaios que fez para duas músicas que queria cantar, duas formas de homenagear os artistas pernambucanos Chico Science e Lia de Itamaracá. As homenagens meio improvisadas começaram com os versos da canção *Eu sou Lia: Eu sou Lia da beira do mar, morena queimada do sal e do sol da Ilha de Itamaracá*. O público foi ao delírio, como mostram os vídeos que estão na internet. Em seguida, Monte interpretou *Maracatu Atômico*, música de Chico e Nação Zumbi. A cantora foi ovacionada.

O olhar de admiradores

Os depoimentos de admiradores, anônimos e artistas, reafirmam a importância e o simbolismo de Lia para a música e para o meio cultural. O

músico, cantor e compositor Carlos Zens, do Rio Grande do Norte, carrega na fala o orgulho que sente de ter encontrado a cirandeira em sua trajetória de mais de 30 anos de trabalho. O flautista fez parte do Projeto Conexão Felipe Camarão num trabalho de uma ONG na comunidade da periferia da grande Natal. De lá ele saiu em busca de Lia em Itamaracá na companhia de outros músicos. Lia havia recém-chegado da turnê pela Europa e fez uma ciranda especial para celebrar o sucesso de sua passagem pelo exterior. Zens teve a oportunidade de discutir a ciranda e o trabalho da artista na beira da praia antes do show e dali nasceu uma amizade que também se transformou em parceria de trabalho. “Eu tenho a honra de ter cruzado com Lia na minha estrada. Ela me jogou para o mundo”, agradece o músico, que diz isso porque naquele instante do encontro, diante do mar da Ilha de Itamaracá e de uma caminhada pelas areias brancas da praia de Jaguaribe, escreveu a música Cirandando pela Praia, gravada em 2005 em parceria com a artista para o CD Fuxico de Feira (Selo independente). A música, faixa número 13 no disco, virou clipe e Lia incorporou ao álbum Ciranda de Ritmos, produzido por Zens a convite de Lia em 2008.

Vamos dançar ciranda / Cirandando a beira-mar

Vamos dançar ciranda / Cirandando pela praia

Lá vai ter cirandeiro / No passo, na dança, nas pancadas do mar

Lá vai ter cirandeiro / No passo, na dança, pela praia

Lia, ô Lia / Venha ver lemanjá

Traga o seu cirandeiro / No passo, na dança, nas pancas do mar

Traga o seu cirandeiro / No passo, na dança, pela praia

Lia, sou Lia, eu sou Lia de Itamaracá

Trago os meus cirandeiros / No passo, na dança, nas pancadas do mar

Trago os meus cirandeiros / No passo, na dança, pela praia



Figura 35

Como muitos, o músico já carregava no imaginário o simbolismo de Lia como uma grande mulher negra e famosa pela forte voz que carrega, mas não imaginava o tamanho da energia que sentiria no encontro. Carlos Zens destaca a personificação de Lia como mito, mulher e símbolo da cultura negra.

Ela é uma entidade muito forte na representação negra, na história brasileira. É um personagem forte. Quando você encontra com ela, você sente a energia que ela carrega e quando ela chega pra cantar tem algo diferente ao redor daquela mulher. Ela traz a ancestralidade da sua raça, das suas raízes.

Para Zens, Lia supera barreiras e quebra paradigmas:

Ela desmistifica, quebra preconceitos, impõe presença e supera olhares atravessados. É que Lia é capaz de abrir portas e isso é muito marcante nela. Dentro de um mercado tão difícil para as tradições mais simples, ela é uma deusa, consegue se manter intacta.

O cantor não é o único que dialogou com a cirandeira em projetos e na vida. O que tem a ver a aparelhagem de um DJ com a voz de uma cantora de coco e ciranda? Para DJ Dolores, tudo. Não à toa incorporou os sons de Lia ao seu trabalho de releitura e roupagem transformadora às costumeiras canções das culturas de raiz, como os ritmos que ela trabalha. Para ele, Lia tem uma

capacidade sem tamanho de inovação e reinvenção apesar do tempo de carreira que já possui:

“Lia é ícone. E para você se tornar um ícone leva-se muito tempo, quase uma vida inteira. Ela tem carisma e tem presença. É mulher forte, dona de uma postura forte e características muito marcantes, tanto que a voz dela denota claramente as marcas de alguém que já viveu muito. Essa capacidade de inovação dela é muito admirável. Embora ela tenha seu jeito original de fazer tudo que já fez ao longo desses anos todos, ela sabe construir o novo também dentro de sua veracidade, da sua identidade. Lia não é só uma personagem da cultura local, do povo daqui, ela é do Brasil e do mundo e é do pop também. Ela caminha em todos os novos espaços sem medo de decepcionar. É eclética, é vasta”.

Essa identidade surpreende até quem não começou no meio musical no mesmo tempo que ela, embora tenha semelhanças marcantes. Isaar França começou a carreira como brincante no Maracatu Piaba de Ouro, em Olinda. Era envolvida em rodas de coco, tocava alfaia nos encontros de Maracatu e sabe as letras de frevo como pernambucana orgulhosa que é. Poderia facilmente ser parente de Lia, não por causa da cor negra, do brilho na pele, mas pela postura que também carrega no corpo e na firmeza do olhar de quem lutou para conquistar espaço no disputado cenário da música. Isaar formou a banda predominantemente feminina Cumade Fulôzinha e fez sucesso com a empreitada. Percorreu festivais em países da Europa e era presença constante nas festas em Pernambuco. Partiu para uma carreira solo, com características mais próprias e com a leveza de uma voz belíssima, o que não impede de demonstrar força quando abre a boca com sua melodia. A artista, admiradora de Lia desde a infância, gravou a música Preta Cirandeira no álbum Copo de Espuma (Selo independente), em 2010. Considera até hoje um dos momentos mais bacanas dos seus shows. A homenagem quebra um receio do passado:

“Encontrava Lia em vários lugares. Como eu a via desde menina, sempre foi uma figura distante que eu tinha medo e receio de me aproximar. Depois, ela já me conhecendo, os encontros passaram a ser divertidos. É sempre uma

alegria revê-la. Eu vejo Lia cantando com as Filhas de Baracho e me encho de emoção. Elas trazem uma lembrança de um outro mundo, onde se davam as mãos. Carregam uma ancestralidade que norteia para onde devemos ir enquanto mulheres negras e fortes. Lia carrega um nome nacional. Não sabemos como será um dia o mundo sem ela. Muita singularidade. Uma rainha nossa. Uma Estrela”.

O educador e mestre em Educação Popular pela Universidade Federal da Paraíba, Zeny Moura, é pesquisador da ciranda e do coco e observou o trabalho de Lia durante décadas. Esteve na Ilha de Itamaracá para fazer uma observação do que a moradora ilustre desenvolve. Na visão do pesquisador, ela inspira as novas gerações:

Lembro bem dos eventos em Itamaracá quando Lia movimentou toda uma população com suas canções e versos populares, um exemplo de manifestação cultural. Ela representa a força da cultura popular e a simbologia comunitária que é própria de sua raiz musical. Preconiza a abertura de caminhos às novas gerações populares. Lia transita pelas estradas da música e representa um ícone de nossa cultura. É esplendorosa.

O jornalista José Teles é crítico de música desde 1986. Atualmente, é colunista do Jornal do Comércio, em Pernambuco, e colabora com publicações dentro e fora do estado, sempre escrevendo sobre o cenário musical, o que há de inédito e nem tão novo assim no meio. É autor de mais de 15 livros, um deles é a obra *Do Frevo ao Manguebeat* (2000, Editora 34). Cobriu festivais internacionais e viu muitos nomes nascerem no meio artístico, inclusive Chico Science, referência do Movimento Mangue em Pernambuco. Ou seja, conhece de música como ninguém, e acompanha a carreira de Lia ainda quando morava em Campina Grande, na Paraíba, antes mesmo de se formar em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Foi ele quem levantou uma discussão sobre a confusão em torno dos versos *Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá*, da música *Ciranda de Lia*, burburinho contado no começo deste trabalho. Teles reconhece a preciosidade de Lia para a música pernambucana:

Sem precisar de um show ou uma roda de ciranda, ela por si só já é extraordinária. Uma figura imponente, uma rainha africana. Lia foi resgatada do Mangubeat, que trouxe para linha de frente os artistas que já não eram mais usados, mesmo os que tinham composições gravadas por outros cantores, como no caso dela. É uma grande intérprete, uma espécie de Clementina de Jesus. Se destaca de qualquer outro nome desse gênero, como Dona Duda ou o Mestre Baracho. Lia é de suma importância para a ciranda, para a cultura pernambucana e brasileira.

O jornalista paraibano André Cananéa passou pelos principais veículos de comunicação da imprensa paraibana, entre eles o Jornal da Paraíba, onde foi repórter, editor e colunista na área de cultura. Por causa desse trabalho, teve a oportunidade de encontrar Lia em shows e também teve a chance de entrevista-la. Cananéa acredita que o rock salvou Lia de Itamaracá:

Isso é uma coisa que precisa ser dita. Eu disse isso uma vez. Lia, Selma do coco, essas pessoas tiveram muita chance com o movimento Mangubeat. E onde entra o rock nisso? O Festival Abril Pro Rock, o grande lance do movimento, foi em busca de muita gente que não era do rock, mas o Abril teve o cuidado de achar essas pessoas e apresentá-las para as novas gerações. Eu vi o show de Lia no Abril Pro Rock, mas depois disso é que a vi novamente em outras inúmeras vezes em João Pessoa e outras cidades. Ela teve a oportunidade de ser valorizada por novos artistas, por DJ's e por quem faz rock. Ela caiu no gosto de quem nem a conhecia ainda”.

Ganga Barreto caminha sem pressa pelas ruas de pedras escuras do centro histórico de Olinda. Aliás, antes de continuar esse trecho aqui, preciso fazer abrir parênteses. Entendam como apelo. Algum estudioso da área da antropologia precisa fazer um estudo para provar que quem vive em Olinda é completamente diferente de quem mora em Recife. O jeito das vestimentas, da maneira de andar, da pressão que não existe na cidade do carnaval e bonecos gigantes e até na maneira de falar. As gírias dos olindenses são bem diferentes dos trejeitos falados da turma da cidade vizinha. Eu abri esse espaço também

para dizer que Ganga está exatamente nessa categoria de pessoas. Tem todas as características de quem vive na terra que é Patrimônio Cultural da Humanidade, reconhecida pela Unesco. Anda sem pressa, conhece os vizinhos, troca prosa e joga conversa fora com as senhoras nas calçadas dos casarios antigos. A musicista está metida com artes, cultura e com a cena alternativa – outra evidência do povo de Olinda – há bastante tempo. Começou ainda adolescente. O irmão, inclusive, compõe a Banda Eddie, conhecida em Pernambuco por um trabalho autoral que tem tudo a ver com as novas gerações de grupos musicais do estado. A percussionista tem um trabalho solo que carrega o nome na assinatura. Também integra a Banda Cassino Tropical e promove festas com o tema Sambas de Erasto, homenagem ao músico Erasto Vasconcelos, irmão de Naná Vasconcelos, ambos falecidos em 2016.

O encontro com Lia, em 2001, também foi inusitado. O local foi o Pátio de São Pedro, onde a percussionista já batia cartão para curtir o que rolava no lugar ou para tocar com alguns grupos, entre eles As Filhas de Baracho, hoje *back vocals* de Lia. As irmãs já faziam parte do selo Ciranda Produções, de Beto Hees, que aproveitou a experiência de Ganga para incluí-la nos shows de Lia. “Essa aqui é minha menininha? Foi assim que ela perguntou quando me encontrou no camarim. Fui lá pra conhecê-la e trocar umas ideias, não tinha nada certo. Rolou o convite para fazer um teste dias depois e eu topei”, lembra Ganga. O show-teste foi no Teatro do Parque, no bairro da Boa Vista, em Recife. A parceira deu certo. Já são 17 anos uma ao lado da outra, em turnês no exterior, no Brasil e rodas de ciranda na Ilha de Itamaracá. Ganga é só orgulho quando enche a boca para elogiar a cirandeira:

Lia é um ser humano gigante. Eu encho até a boca para dizer isso. Ela é realmente uma figura para ficar para a eternidade. Deveria ter uma estátua bem grande dela na praia de Itamaracá. Coração enorme, abraça todo mundo, não se estressa com nada. Nunca vi Lia reclamar de nada nesses anos todos. É humilde, trata todo mundo com igualdade, ao contrário de muitos artistas com quem já trabalhei. É um amor. Pra mim, é uma honra trabalhar ao lado dessa mulher, desse espetáculo de mulher.



Figura 36

Ganga cita um fato curioso a respeito de Lia:

Apesar dessa experiência toda que ela carrega, de tantos palcos que já passou, ela ainda fica nervosa em algumas apresentações. A gente nota isso quando estamos no camarim e ela está toda caladinha.

Tony Boy é um cara despojado. Fala com gírias da galera de Recife e Olinda, mas é de São Caetano, no agreste pernambucano, pertinho de Caruaru, a terra do forró e da feira. Tony tem um cabelão black bem cheio, aquele tipo que as pessoas julgam ser sujo, quando na verdade o dele é cheiroso. Tem um dread comprido no cabelo, preso na ponta com uma presilha de cor, sempre diferente. É um percussionista veterano, já viajou para Europa em turnês com músicos brasileiros e também passa o ensinamento dos batuques para outros jovens, em projetos de música para crianças e adolescentes de áreas de vulnerabilidade social porque tem “certeza que a música é capaz de transformar histórias”, explica. Esse pensamento é semelhante ao de Lia, com quem está trabalhando desde 2004. Na verdade, esse ano marca o retorno do músico aos palcos com a cirandeira. Em 1998, ele passou quase dois anos em um projeto temporário, mas o músico oficial da

banda retornou e Tony seguiu outros rumos. “Sempre via Lia nos shows e acompanhava as cirandas dela nas festas que eu ia como brincante. Algumas vezes, dividimos o mesmo palco, quando eu ainda acompanhava outros artistas”, lembra. Mas para o percussionista, a Lia mulher é tão encantadora quanto a artista, a Lia que sobe ao palco para encantar quem ouve seu som:

Ela é uma fortaleza pelo alimento cultural, pela crença dela na música. É um trabalho que encanta todo mundo, encanta criança, adulto ou idoso. Negro, branco, pobre, rico, gay, hétero, transexual. É que quando ela faz a ciranda, ela reúne todo mundo que está ali, numa manifestação democrática, sem preocupação com nada e faz uma festa de união, até porque cirandar nada mais é que a oportunidade do encontro, sem preconceito ou discriminação. O sujeito entra na roda, pega nas mãos de quem está do lado e não percebe quem é o vizinho ou como essa pessoa do lado está vestida. É uma troca de energias tranquilas. E quem promove isso, como Lia, passa sua energia para essa roda inteira, transmitindo felicidade e encantamento. Inclusive, eu sugiro a muitos outros artistas com quem trabalho para que também façam isso. Que no final dos seus shows, abram uma roda de ciranda. É uma troca de energia muito massa, uma espécie de confraternização.

Esses olhares e elogios reafirmam o ser ilustre que Lia é, apesar de preferir sempre estar com os pés no chão.

Parte V

O apogeu e o declínio de um sonho

O Centro Cultural Estrela de Lia

Lia canta na beira da praia, na calçada, num quintal, nos palcos ou em qualquer outro lugar que peçam uma palhinha. Pra quem começou a ser ouvida em um bar, entre as mesas e a bebedeira, o melhor lugar para uma artista como ela, é onde uma roda de ciranda se forma. Ao longo da carreira sempre guardou um sonho, preocupada com o momento que não estiver mais aqui. Acumulou no coração e na cabeça a oportunidade de ter um espaço só dela. Não exatamente um museu onde estivessem fotografias, figurinos de shows ou recortes de jornal, discos e documentários. A Rainha da Ciranda sonhou durante sessenta anos com um local que, no presente, pudesse preservar a cultura da ciranda e que oferecesse educação, arte e conhecimento para os conterrâneos. É magnífico ouvir isso de Lia, alguém que não teve acesso aos estudos, que somente aprendeu a ler e a escrever poucas palavras. Quando fala em cultura popular, ela não enxerga esse termo de maneira complexa como a universidade aborda, mas com um olhar do senso comum, a exemplo das manifestações populares, como a ciranda, que ela aprendeu sem precisar de discussões teóricas. “Eu sempre quis que esses meninos e meninas aprendessem a tocar, cantar, fazer arte, tirar foto. Eu sempre quis que eles tivessem uma ocupação, fizessem algo de bom”, explica Lia quando conta o porquê do sonho.

O que Lia desejou à medida que foi construindo a carreira foi a criação do Centro Cultural Estrela de Lia, mas faltava dinheiro, até porque os cachês nunca foram tão altos para que pagasse músicos, produção, logística e que ainda sobrasse para ela e para a oportunidade de erguer um lugar bonito como desenhava na cabeça. Mas a materialização desse sonho bateu à porta de Lia e chegou como uma aposta de quem admira a arte da cirandeira.

Em 2004, como consequência do enfraquecimento do turismo da Ilha de Itamaracá, mais um bar que foi ponto de encontro do balneário nos anos 80 também encerrou as atividades. O conhecido Bar do Hermínio, na Praia de Jaguaribe, também fechava as portas depois da resistência e de iniciativas de promover apresentações voz e violão, shows de reggae e rodas de ciranda com a presença de Lia. Eram amigos, parceiros nas investidas de ser um ponto

de arte e cultura. Era o lugar cativo de Lia, nos encontros com turistas, veranistas e locais. Muitos admiradores dela iam ao bar na tentativa de encontrá-la, fazer uma foto, ouvir uma ciranda em noites que não eram de show. Algumas vezes davam a sorte, esbarravam com Lia, em carne, osso e vozeirão. Sem saber, achavam que o bar também era dela.

Quando o negócio não deu mais certo e os turistas começaram a desaparecer de Itamaracá, o Bar do Hermínio não resistiu, já não fechava no azul. Foi a chance que Lia teve para erguer o Centro Cultural. Tinha que ser ali, onde ela cantou tantas vezes. O produtor Beto Hees lembra que não havia dinheiro reservado para isso. “Entramos em desespero, alguém poderia comprar antes de nós, precisávamos achar uma solução”, conta. A solução foi encontrada e chegou em forma de solidariedade. Amigos estrangeiros da cirandeira e do produtor apostaram na ideia de Lia e Beto e emprestaram cerca de quinze mil reais para a realização do sonho de Lia. “Nós pegamos o dinheiro e iríamos pagando quando o local fosse dando retorno”, lembrou Lia.

O dinheiro foi suficiente para comprar o local que compreendia o bar, duas estruturas em formato de quiosques ou boxes, como chamavam e um terreno extenso na beira da praia, em frente ao mar, separados por uma grande faixa de areia, onde Lia sempre formou as rodas de ciranda, gravou clipes, reportagens, programas de TV. Onde também fez shows. Eu não me lembro de ter visto rodas maiores que aquelas que aconteciam ali.



No começo, em novembro de 2004, a estrutura ficou do jeito que o proprietário deixou. Logo depois, um palco de alvenaria foi construído e uma palhoça erguida. O local deixou de ser Bar do Hermínio para se tornar o CCEL, o Centro Cultural Estrela de Lia. A partir de então, as noites de sábado com Lia e sua ciranda estavam garantidas. “Fiquei tão feliz que você nem imagina. Foi a segunda maior felicidade da minha vida. A primeira foi quando lancei meu primeiro disco. E agora essa felicidade é igual”, lembra, estampando um sorriso de um canto a outro do rosto. Sem financiamento público, o Centro Cultural Estrela de Lia começou no formato de um bar. Seria a maneira para pagar o empréstimo para a compra do lugar e para arcar com a manutenção do espaço e pagar os funcionários. Nas noites de ciranda, praticamente todos os sábados, quando Lia não tinha agenda fora da cidade, as festas eram sempre lotadas. Talvez até os fregueses de Seu Hermínio voltaram a frequentar o local. Os shows começavam com o coco de roda de Biu e Dulce Baracho. Lia emendava em seguida, sempre após a missa, já que o Espaço é vizinho à Igreja Católica do Bom Jesus dos Passos, de quem Lia também é devota. Em sinal de respeito pra não ser reclamada em forma de castigo, ela só fazia a festa depois que a igreja fechava pra que o barulho não atrapalhasse a missa. Depois da celebração, até as beatas seguiam pra ciranda, como Biu de Lula, Fátima e Conceição, três amigas de Lia desde a infância, dançarinas natas. Os nativos, como elas, sempre foram maioria nas noites de sábado. Alguns mais acanhados ficavam sentados no calçadão da orla, por trás do palco, olhando Lia de costas. Não sobrava espaço. Os outros, que gostam mais de dançar, desciam pra areia, participavam da ciranda e só saíam após o coco, quando Lia dizia: *“Lia, vai dormir, dormir, dormir. Lia vai mimi, mimi, mimi, mimi”*. Esses versos sempre encerram os shows na Ilha. É uma maneira engraçada e carinhosa de dizer tchau. Ela ainda faz gestos, colocando a mão no rosto e inclinando o corpo para o lado, imitando alguém que dorme.

O Centro Cultural Estrela de Lia sempre estava lotado, mesmo que as pessoas fossem só pra dançar ciranda e quase não consumirem nada no bar. Sem outra opção de lazer, os visitantes de Itamaracá e os moradores encontraram no espaço uma programação fixa para os sábados à noite, bem comum nos velhos tempos, quando tinha roda de ciranda na beira da praia sempre. Lia estava de casa nova, de sorriso no rosto, cumprimentando quem

chegava, dando boas vindas ao Centro, à Ilha e à ciranda. Uma anfitriã orgulhosa e simpática, que cumprimentava os que conhece pelo nome, perguntando pela família e dando risadas gostosas quando ouvia uma fofoca antes do show começar.

Mas não foi somente para essa difusão da ciranda que o Centro Cultural foi criado. Desde o princípio a proposta era dar oportunidade às crianças e aos adolescentes de aprender algo novo. Lia foi atrás de patrocínio, e conseguindo recursos com o Funcultura, o Fundo de Apoio à Cultura do Governo de Pernambuco. Depois do projeto aprovado, conseguiu dinheiro para oferecer para a população, e não só para a criançada, atividades como oficinas de cerâmica, percussão, cabelo, culinária e fotografia. O projeto também alcançou verba para garantir uma estrutura melhor aos shows dos sábados, garantindo um cachê para a cirandeira e os músicos, que só recebiam se o bar desse lucro. As oficinas aconteciam durante o dia nos dias de semana, geralmente à tarde, após o horário da escola dos estudantes. Lia estava criando uma geração de aprendizes, meninos com menos oportunidades, ali mesmo da comunidade de Jaguaribe e de outros bairros vizinhos, que nunca haviam iniciado um curso ou participado de uma oficina, seja lá do que fosse. Era a contribuição dela para a manutenção da própria cultura e para a educação local. “Deus foi muito bom comigo. Eu tinha que retribuir o que conquistei com o povo, com o meu povo”, diz.



Figura 37

Tony Boy, músico que acompanha Lia há quase duas décadas, é referência em percussão no estado de Pernambuco. Foi dele a tarefa de ensinar o manuseio de instrumentos de percussão, sobretudo os que são utilizados na ciranda, como a alfaia, tão comum no cenário musical de Pernambuco. É desse instrumento o som forte do maracatu. Um grande equipamento de madeira, de formato arredondado, que faz vibrar corações. “Em poucas aulas eu percebi que há falta de oportunidade para esses jovens. Basta deixar essas crianças criarem e imaginarem. Logo, pouco a pouco, elas já estarão no mundo da ciranda, tão próximo delas, tão delas”, me disse Tony Boy em entrevista ao Jornal Grande Recife, quando visitei o espaço recém-inaugurado.

Além de percussão, também tinham aulas de artesanato, mamulengo, confecção de bonecos de barro e até instrumentos de barro que emitiam sons que as crianças gostavam de testar. À medida que as aulas e os shows iam acontecendo, o Centro Cultural Estrela de Lia ganhava forma, organização, uma pintura na base do palco, umas estrelas azuis no muro, um portal de madeira na entrada ou parte de um telhado com um topo de vidro, como a ponta de uma estrela. Era o sonho de Lia ganhando forma.



Figura 38

O Centro foi motivo de reportagens em jornais, TV e portais de notícias. Também se tornou oportunidade para visitas de jornalistas de outros estados, gravações de documentários. Lia, a estrela da vez, não parava de contar a

novidade. Ganhou divulgação espontânea. Era a segunda casa de Lia. Se antes já vivia por lá quando o lugar ainda era o Bar do Hermínio, depois que passou a ser seu, quase não arredava o pé da areia da praia. “Aqui é minha praia”, brinca. A ideia deu certo. Mais turistas apareciam, o bar começava a ter lucro e nos sábados o espaço da beira da praia ficava ainda mais lotado porque caravanas também chegavam à Itamaracá para dançar ciranda com Lia.

O CCEL se tornaria palco de momentos efervescentes, um espaço de arte, música e cultura. Se tornou conhecido no estado inteiro. Em um dos momentos marcantes, pontuados por Lia nas nossas conversas, está o Projeto Ciranda de Ritmos, um encontro da ciranda com outros ritmos, representados por artistas convidados pela cirandeira durante vários sábados. O circuito ganhou o mesmo nome do segundo álbum da artista e de outro projeto que fez para a empresa de telefonia Telemar. Os shows dos que chegavam antecederiam o da anfitriã, que depois dividia o palco, numa parceria de canções de um e de outro, como um dueto à beira mar. Lia recebeu em sua casa artística nomes como Erasto Vasconcelos, o irmão menos conhecido de um dos maiores percussionistas do Brasil e do Mundo: Naná, que também era amigo de Lia, mas não esteve por lá. Erasto, que morreu aos 70 anos em 2016 era um artista consagrado da cultura popular própria de Pernambuco e já esteve entre os artistas mais frequentes em festas no estado, sobretudo nas casas de Olinda. Cantor, compositor e arranjador, era amigo de estrada e da vida pessoal de Lia, não à toa abriu o Projeto Ciranda de Ritmos.

Os encontros musicais receberam financiamento do Funcultura, que se tornou aliado às ideias de Lia desde a inauguração do Centro Cultural. Com o incentivo, foi possível trazer Cátia de França, cantora paraibana, outro nome revelado no nordeste e que percorreu o mundo. Cátia, que também é compositora, teve letras gravadas pelos conterrâneos Elba e Zé Ramalho, Sivuca e pela cantora Amelinha. Com três LP's dividiu palco com Jackson do Pandeiro, cantou em festas de música popular do Brasil e também foi ouvida na Europa. A admiradora da ciranda de Lia desembarcou no Centro Cultural numa apresentação encantadora. Na época, em entrevista, Cátia disse em entrevista que aquele “era um encontro de mulheres fortes, mulheres artistas e amigas. Era o encontro de um a fã com alguém que ela admirava de longe e há

anos. Era a realização de um sonho antigo”, narrou a paraibana. Cátia realizava um sonho e Lia outro, que era o de dar continuidade ao que desejava há tempos: construir seu espaço cultural e oferecer cultura, das mais variadas, à população. Ela estava fazendo isso.



Figura 39

Além de Cátia e Erasto, a população de Itamaracá e os visitantes do CCEL, conheceram a arte musical de Antúlio Madureira, o sax de Seu Bezerra, os batuques do Afoxé Daruê Malungo e a calma incomparável dos instrumentos de Carlos Zens, um flautista, cantor e compositor potiguar que Lia passou a admirar. Zens se tornou produtor artístico da sua turnê Ciranda de Ritmos, quando gravou o álbum homônimo também dirigido por ele. E assim, a artista recebia os amigos como se estivesse em casa à espera da turma para um almoço de domingo, feito por ela, claro, já que é cozinheira de mãos cheias.

Como o lugar foi se tornando conhecido e contribuindo para o fortalecimento da cultura e uma oportunidade de educação e conhecimento para os ilhéus, as ideias apresentadas pela Ciranda Produções sempre eram aprovadas. Com menos de um ano de atuação, CCELL conseguiu o título de Ponto de Cultura do Ministério da Cultura (MinC), do Governo Federal. A chancela chegou praticamente na primeira leva de recursos destinados aos Pontos de Cultura, com o Programa Cultura Viva, criado em 2004, no mesmo ano de fundação do Centro, durante a gestão de Gilberto Gil na pasta. Os

Pontos de Cultura são entidades, grupos ou coletivos de finalidade cultural, que ao apresentar propostas, recebem investimentos sem prazo de validade para manter funcionando a difusão da cultura ao qual se propõem a executar atividades na área. O montante destinado pelo MinC aos Pontos chegam a R\$ 180 mil, pagos em parcelas, à medida que os contemplados apresentam prestação de contas e relatórios periódicos das ações desenvolvidas.

Lia foi agraciada no tempo das vacas gordas do Governo Lula, quando a cultura era prioridade, assim como a educação. Receberia, portanto, três pagamentos, divididos em R\$ 60, R\$ 80 e R\$40, além de um Kit Multimídia, composto por computadores, câmeras filmadoras e fotográficas, além de aparelhagem de som para a sonorização nas noites de ciranda. “Fiquei tão alegre, tão alegre porque as coisas estavam dando certo. Eu tava realizada demais”, lembra Lia.

Com o dinheiro, o CCELL realizaria atividades culturais e educacionais durante 30 meses, até que fosse contemplado com uma nova etapa do Programa. A ideia era ampliar as oficinas já existentes e criar outras novas, como a de serigrafia e a de doces, um pedido da comunidade que Lia conhece tão bem, amiga de tantas doceiras antigas, que deixaram para outras gerações o dom de fazer as passas caramelizadas de caju, doce de banana, manga, jaca e goiaba.

O dinheiro chegou na amizade, porque o Centro Cultural Estrela de Lia não tinha CNPJ, exigência do MinC para o depósito dos valores. Então, a produção da artista foi atrás dos amigos, como quem pede uma conta emprestada pra receber um dinheiro quando não tem conta naquele banco. É o jeitinho brasileiro, coisa que vez ou outra qualquer um de nós faz pra desburocratizar o que é tão complicado nesse país de caminhos estreitos. A direção do DJUMBAY – Direitos Humanos e Desenvolvimento Local Sustentável é um instituto voltado para ações sociais e culturais, sobretudo com projetos de cultura negra. Como parceiros de Lia em outros contratos, a coordenação da entidade emprestou o CNPJ para que o Centro recebesse a grana e tocasse as atividades. O dinheiro chegou e foi repassado, pelo menos na primeira vez. “Fizemos na camaradagem, na confiança pelo exemplo de outras experiências e no profissionalismo e responsabilidade social”, explica Beto Hees.

No caminho de qualquer pessoa em crescimento rápido aparecerão algumas pedras, nem sempre em formato de concreto soltos pelo chão desse caminho. As pedras no caminho que o poeta Drummond falou também surgem em forma de gente. Pela segunda vez, Lia foi passada pra trás, como em 1977, na tristeza de ter ficado com apenas 25 cópias do seu LP “Eu sou Lia”, o que ela acreditava ser o ápice da sua carreira simples, porém brilhante. Dessa vez, tão desanimador quanto da primeira vez, a pedra no percurso foi a DJUMBAY, que recebeu a segunda parcela do dinheiro, mas só repassou 40% do montante recebido. O produtor lembra da quantidade de desculpas sem sentido, ou “sem pé nem cabeça”, como diz a gente por aqui. “Era uma desculpa esfarrapada atrás da outra. Ou o dinheiro não tinha entrado todo ou o dinheiro tinha ficado preso no banco ou a conta teve um problema e eles iriam à agência resolver. *Homi*, era cada coisa cabeluda que você não tem noção, mas a gente sabia da verdade”, relembra ele, aborrecido. Quando me conta os detalhes da situação constrangedora, o produtor de Lia se aborrece, se irrita, já que sempre esteve à frente dos projetos, lutando junto com ela pra que as coisas dessem certo. “Fomos chamados de ladrões e tudo mais pelo povo daqui. *Vixe Maria*”, brinca Lia, com os olhos arregalados me falando da história.

Isso aconteceu porque nesta etapa do projeto, o curso de doces daria a oportunidade das mulheres comercializarem o que produzissem durante a ciranda, nas feiras das festas da cidade ou onde quisessem, em barraquinhas montadas pela orla. E em uma das situações, até que o dinheiro chegasse, Beto e Lia recorriam ao famoso fiado nas mercearias da comunidade. Era um pacote de açúcar ali, um quilo de manteiga em outro lugar e onde o fiado pudesse ser feito. Como acreditavam na promessa do dinheiro, as mulheres também tiravam do próprio bolso pra ver a coisa acontecer, o negócio andar, até porque poderiam criar cooperativas futuramente. Que nada! O dinheiro ficou no meio do caminho e todo mundo ficou devendo. “Até hoje quando tocam nesse assunto, acham que comemos o dinheiro”, lamenta Beto.

Se da segunda parcela só sobrou uma parte, ninguém viu a cor do dinheiro da terceira e última. O tal instituto amigo do peito não prestou contas das parcelas anteriores, mesmo a Ciranda Produções tendo entregue notas e relatórios, tudo para comprovar o que estava sendo feito com o que chegava. Até os papéis dos fiados feitos nas mercearias e vendinhas do bairro de

Jaguaribe estavam no bolo da papelada que precisava chegar ao MinC. Nada era enviado. Dessa forma, o derradeiro dinheiro não tinha como ser liberado e os cursos, oficinas e cirandas precisaram ser encerrados. Era a primeira queda desde a tão sonhada realização de Lia, que sentiu novamente a sensação de ser passada pra trás por quem pegou carona e agiu de má fé no seu sucesso e suas ideias. “Olhe, meu filho, sou muito honesta, sempre fui, desde cedo. Mesmo pobre, minha mãe dizia pra gente não mexer em nada de ninguém. Mas essa gente safada meteu a mão no meu negócio que eu fazia com tanto gosto e deu nisso. Fiquei entristecida demais”, relembra angustiada.

O caso foi parar na Polícia Federal, que obrigou a DJUMBAY a devolver parte do dinheiro que não teve comprovações do uso.

A caminhada das atividades do Centro Cultural da artista foi marcada por apogeu e declínios. Com os problemas financeiros, o local de arte, cultura, educação e ciranda foi perdendo força. Os sábados de festa, que antes eram ininterruptos começavam a acontecer quando havia dinheiro para pagar o funcionamento, os músicos, os funcionários e a estrutura da montagem da estrutura para o show. Algumas vezes, Lia e o esposo Toinho abriam mão do pequeno cachê para ver a coisa acontecer, e mesmo assim era difícil dar certo sem patrocínio, incentivo e recursos. Uma amostra clara de que a cultura popular pena pra acontecer, ser vista, mostrar sua identidade.



Figura 40

Com o abandono, o CCEL foi passando mais tempo sem atividades do que em funcionamento. Vizinho a um canal de esgoto, o mato ia crescendo e tomando conta da paisagem; a pintura nas paredes com representações de Caboclo de Lança, Rodas de Ciranda e outras representações das manifestações culturais comuns de Pernambuco estavam cada vez mais apagadas e o Centro deixava de ter a cara que tinha quando abriu as portas pro povo. Nas caminhadas que geralmente faz até hoje de casa até o espaço cultural, Lia se deparava com uma cena que nunca sonhou ver. “Ficou enterrado, ficou ali sem vida. Chega dava desgosto olhar pra aquele lugar tão desejado. Nadei, nadei e morri na praia”, lamenta. Em 2010, a cirandeira anunciou o fechamento oficial do local.

A estrutura gasta não resistiu às fortes chuvas e ventos do inverno do inverno de 2014 e desabou. A palhoça foi a primeira a cair, depois o palco de madeira. A área estava suja, repleta de lixo e aos olhos da administração pública. O estado não se interessava em recuperar o CCELL e a prefeitura prometia encontrar soluções, mas sempre alegava problemas financeiros, já que a reparação demandava altos custos. Sem conseguir bancar pela requalificação, Lia lançou uma vaquinha para reformar o que pudesse. Sem sucesso. Conseguiu um pouco mais de R\$ 300 reais, doação de um morador anônimo.

A Fundação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Pernambucano, a Fundarpe, abriu a possibilidade de contribuir com parte da obra, mas precisava de um projeto. A cirandeira fez das tripas o coração e retirou das economias da Ciranda Produções o montante de R\$ 28 mil reais para a elaboração de um projeto arquitetônico e de engenharia, que concluiu a necessidade de R\$ 540 mil reais para reerguer o Centro Cultural Estrela de Lia. A proposta foi submetida e a artista esperou sentada por uma resposta demorada. Vendo a luta contínua da cirandeira Patrimônio Vivo da Cultura Pernambucana, a Assembleia Legislativa de Pernambuco aprovou, em 2014, no mesmo ano das fortes chuvas que derrubaram a estrutura do CCELL, uma emenda parlamentar para a liberação de R\$ 100 mil reais, assinada pelo Deputado Guilherme Uchoa, então Presidente da Assembleia Legislativa. “Comemoramos, mas não sabíamos que estávamos começando outra peregrinação”, lembra Beto Hess.

É que o dinheiro da emenda tardou e muito. “A gente andou, viu? E não foi pouco, não. Assinei tanta papelada, fui pra tantos lugares contando que isso saísse logo e nada”, conta Lia.

As redes sociais foram aliadas importantes na batalha que Lia enfrentou pra conseguir a liberação do recurso. Todo dia havia uma postagem nova reclamando da peleja e do dinheiro que tinha ficado no meio do caminho. O povo também comentava e cobrada, revoltado, sem compreender o absurdo de resolver algo que era tão urgente. Somente dois anos depois, já em agosto de 2016, no auge de uma campanha eleitoral cujo prefeito da cidade de Itamaracá é genro do Deputado Estadual que propôs a emenda, a verba saiu.

Teve festa para comemorar. Lia não estava nem um pouco simpática na área vazia que um dia já foi o CCEL. Sorria pra fotos com filas de políticos e representante do governo do estado, mas não era a Lia extrovertida e natural que costumávamos ver. Afinal, a espera havia sido cansativa e quase interminável.

E se a dúvida é: acabou? Não, ainda não. O Centro Cultural Estrela de Lia permanece fechado. O dinheiro liberado não deu para muita coisa. A prioridade foi construir o palhoção e o palco, porque assim a ciranda acontece de vez em quando, como no verão de 2017 e em janeiro de 2018. O resto é tudo no improviso, como o camarim que não tem e Lia precisa sair vestida de casa pronta para se apresentar.

As cirandas, de fato, são raridade e as oficinas que existiam não voltaram mais a acontecer.

Neste ano de 2018, a Prefeitura de Itamaracá resolveu tocar toda a obra restante com recursos próprios. A revitalização chegou a ser iniciada, mas Lia e equipe resolveram paralisar os trabalhos porque notaram que o projeto original não estava sendo seguido. Beto Hess notou disparidade entre o plano previsto e o que estava sendo executado. “O projeto original segue regras, inclusive de respeito ao meio ambiente, já que o espaço cultural está instalado numa área de praia, que pertence à união. Essa também é uma preocupação que refletimos desde que elaboramos e gastamos com a proposta inicial”, explica. Ele acrescenta: “A coisa estava sendo feita de todo jeito, sem uma organização, sem nos consultar, mais uma vez às pressas. Procuramos a

prefeitura, que nos mostrou outro projeto, sem pedir nossa opinião. Não aceitamos e apresentamos soluções. Estamos esperando”.

Talvez a espera de Lia seja ainda maior, ou não, já que coincidentemente o interesse surgiu repentinamente num ano eleitoral, às vésperas de mais uma eleição. Talvez isso seja bom e útil para Lia, merecedora de um respeito e gratidão urgentes, numa cidade tão carente de ofertas culturais para os cidadãos, sobretudo para os jovens.

Por enquanto, a área que compreende o Centro Cultural Estrela de Lia está cercada por tapumes de uma obra paralisada. E Lia, também paralisada com os passos de tartaruga dos poderes públicos, vê, inerte, um sonho morrer. Mas apesar disso, também enxerga frutos daquilo que ela pretendia: difundir a cultura popular, a ciranda e oferecer oportunidades de conhecimento aos moradores. Hoje, um desses resultados da luta de Lia acompanha a cirandeira onde quer que ela vá. É o olho registrador da sua música, dos bons momentos, viagens e shows pelo Brasil. Ytallo Barreto é o fotógrafo oficial de Lia. Muitas das fotografias divulgadas pela imprensa ou das exposições itinerantes que percorreram estados brasileiros contando a trajetória da cantora, também são registros de Ytallo. O menino começou a carreira em Itamaracá, no Centro Cultural. Foi no lugar que ele e outros adolescentes tiveram o primeiro contato com uma câmera fotográfica e com noções de luz, ângulo e paisagens. “Eu nem tinha câmera nem nada. Foi meu primeiro contato mesmo. Cheguei zerado, mas logo percebi que aquilo era o que eu queria fazer. Eu já tinha até uma vontade e ali eu pude experimentar e descobrir que era o que eu queria fazer pelo resto dos tempos”, lembra Ytallo. E faz. Barreto foi um que agarrou a oportunidade, talvez o único. Não que os outros não carregassem essa vontade, até porque as aulas eram repletas, uma das oficinas de maior procura. É que assim como Ytallo, os meninos também são de bairros populares da Ilha de Itamaracá e não tinham tanto tempo para se dedicar à fotografia. Os que não estudavam, trabalhavam. E ainda haviam os que estudavam e trabalhavam para ajudar em casa. Aquele era um momento diferente do que viviam nos seus lares. Com curiosidade, dedicação, sonho e com o empurrão dado pelo espaço, Ytallo concluiu a oficina, se dedicou a outros cursos, fez estágio em jornais, como o Diário de Pernambuco, participou de mostras fotográficas, rodou a América do Sul registrando cenários e sempre

que volta ao Brasil caminha com Lia nos passos da ciranda, em suas apresentações, festas, eventos e ensaios fotográficos. “Quem não quer fotografar uma das pessoas que você mais admira no lugar de onde você é?”. Eu tive muita sorte mesmo. Lia é um ícone, faz parte da cultura de todos nós daqui. Desde *pirrainha* que eu já sabia quem era Lia, estudava sobre ela na escola, ouvia falar dela, via as cirandas e tal e agora eu fotografo essa mulher”. E essa é a maior vontade de Lia: que outros meninos como esse tenham a chance de aprender algo novo, num lugar dela e do povo.

Parte VI

Por onde anda Lia?

*Bom Jesus tua cruz é paz
Bom Jesus tua cruz é amor
Nesta cruz fosse crucificado
Nesta cruz desse a vida por amor*

Como de costume ou na última semana do mês de março ou em abril, Lia se preparou para mais uma roda de ciranda na festa do Bom Jesus dos Passos, o padroeiro da comunidade de Jaguaribe. O palco já estava montado em um antigo campinho de futebol entre um calçadão deteriorado e a areia da praia. O antigo campinho de várzea fica na lateral da capela. É onde acontecem as festas em homenagem ao santo todos os anos. As beatas e voluntários preparam tudo: andor, altar, feirinha de lanches e bazar de roupas. Cuidam da programação religiosa, dos cânticos, das novenas e das missas dentro e fora da capela. Tem parque de diversão, barraca de tiro, de pipoca e daquelas maçãs do amor, com um caramelo vermelho ao redor e que grudam no dente da criançada. Aliás, dos adultos também. É a típica festa de cidade pequena, onde todo mundo se conhece, passeia com as famílias e gente que só se encontra nessa época, porque foi na cidade pagar alguma promessa ou agradecer ao santo porque é devoto do Bom Jesus dos Passos. Iracema Galvão, uma professora aposentada, é uma das organizadoras do evento tradicional. A casa dela fica bem na frente da Igreja, de onde ela olha a festa acontecer durante uma semana. Quando perguntei sobre a presença assídua de Lia nos festejos, ela foi certa: “*ahhhh*, se não tem Lia o povo reclama. A gente quase não pede nada à prefeitura. Eles fazem mesmo o que precisam fazer. Ajeitam as luzes, pintam as calçadas, cortam a grama pra ficar tudo bonitinho. O resto é a gente quem organiza, consegue doações, busca padrinhos para as flores do barco da buscada, do andor da procissão e do altar das missas solenes. Mas quando a prefeitura pergunta o que a gente quer para a festa, sem dúvida é Lia”, comenta.

Lia está viva, sim!

A cirandeira está sempre lá como artista, mas como moradora do bairro e devota do santo. Nas procissões, aparece descalça, ritual de quem paga promessa. Na camisa, ela carrega uma imagem do Bom Jesus dos Passos. Nas mãos, ela leva para casa uma flor que tirou do altar ou do andor que leva a imagem do padroeiro pelas ruas do bairro. Na noite de sua apresentação, geralmente o domingo de encerramento das comemorações, ela caminha até o palco a pé. Carrega o vestido nas mãos, pendurado por um cabide e enrolado em um plástico preto, para protegê-lo e para evitar que vejam o figurino da noite especial. Em 2016, a última vez que acompanhei essa apresentação, ela preferiu trocar de roupa na casa da beata Dona Rosa, que também vive bem na frente da Igreja, minha avó materna. Gastou uns dedinhos de prosa com as senhoras religiosas na calçada da casa, deu as inconfundíveis risadas altas e entrou para se trocar. Preparou tudo sozinha: vestido, maquiagem, anéis, sapatos e adereços. Pronta, caminhou até o palco, mas demorou para percorrer os quase 300 metros da casa da senhora Rosa até o campinho sem ser interrompida, ou sem ter parado por vontade própria. Isso porque parou muitas vezes para fofocar com algum conhecido, sorriu pra umas fotos e cumprimentou os ex-alunos da Escola de Jaguaribe. A Rainha da Ciranda também era a rainha da festa. O local estava cheio de turistas e de moradores, a maioria de quem estava lá para dançar ciranda. Ciloé Guedes, o irreverente locutor oficial da prefeitura, anunciou que Lia já estava pronta para a apresentação. Caixa, ganzá e trompete anunciaram as primeiras notas e o povo já estava formando a grande roda. A cirandeira subiu ao palco, começou a cantar, mas algo estava estranho. Lia parecia desafinada, pausando a letra, transformando o momento em um show instrumental. Ajudada por Dulce e Bui, as Irmãs Baracho, a ciranda seguia sem a presença constante da voz principal. Lia cantava, respirava profundo e deixava as parceiras de palco continuarem a canção. Não era a Lia que o povo estava acostumado a ouvir. Alguns minutos depois, o show parou. O microfone caiu das mãos da cirandeira e ela era amparada pelo marido Toinho e pelos músicos da banda. Lia passou mal e precisou ser socorrida de ambulância para o Hospital Alzira Figueiredo, em

Itamaracá. Ela era acostumada a encerrar os shows com o hino do Bom Jesus, composto pela religiosa Dona Ivone, que já morreu. Mas dessa vez, o tão esperado momento de encerramento da festa não aconteceu como de costume.

Todo mundo ficou preocupado. Para tranquilizar os admiradores, mas também amigos, a produção explicou que a conterrânea havia sofrido uma queda de pressão e precisou ser hospitalizada.

Apesar do incidente a setentona está bem, obrigado! Na verdade, é dona de uma saúde invejável e eu falo isso pra suspender, ou tentar acabar com os questionamentos que me fazem e fizeram ao longo deste trabalho: “Lia ainda é viva?”, me perguntou um colega da turma do mestrado. E quando a resposta é sim, há uma expressão de surpresa no rosto das pessoas, um pouco incrédulas. “Mas ela anda? Reconhece as pessoas? Vive de cama?”, me perguntaram muitas vezes. Anda sim, senhores. Acorda cedo, cumpre os afazeres de casa e só deixa de colocar feijão no fogo quando está “*da pá virada*”, como diz ela. “É que tem dia que a gente acorda indisposto, né verdade? E eu também sou filha de Deus e tem dia que não quero fazer muita coisa pra ninguém”, conta sem reclamar do que faz. Lia caminha diariamente, gosta de sair de casa a pé para ir ao mercado, à farmácia, conversar na calçada da fama ou visitar a escola onde trabalhou.

O corpo é forte, mas precisa de cuidados, afinal não tem mais 18 anos, como canta em uma de suas músicas. A situação que impediu o show na Praia de Jaguaribe foi um alerta para ela redobrar a atenção com a hipertensão que a acompanha há muitos anos. Diariamente, toma um coquetel de remédios para conter os picos da pressão, evita o sal na comida e passa longe dos exageros. Pra não passar da hora nem esquecer dos medicamentos, um depósito perto da geladeira guarda os remédios para manter as taxas de glicose e para a equilibrar pressão arterial. Xigduo, Glifage, Januvia e Diamicron são para os cuidados com a glicose. Já o Vasopril é para hipertensos. Enquanto fala de cada um, exhibe as caixas para que eu veja também. Também diz que são caros. “Eu sou dura na queda, mas tenho me cuidado. O joelho também anda doendo e preciso colocar esse tensor para ele ficar direitinho. Tô *véia*, meu nego. Sou moça mais não, mas tô firme, tenho muita coisa pra ver e ciranda pra fazer”, brinca. Os sinais dos problemas

também conscientizaram a mulher resistente a hospitais, de que é necessário ir mais vezes ao médico, coisa que ela relutou para fazer muitas vezes. A filha Chica passou uma vida reclamando dessa vontade de querer distância dos consultórios. “Eu tinha que reclamar muito para ela ir fazer um exame, procurar um médico, saber o que estava acontecendo, para se cuidar. Ô *mulé* difícil”, reclama com razão, já que no ano passado, a mãe precisou passar uns dias internada em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), para tratar da saúde porque havia passado por outra crise de hipertensão. “Agora eu estou com três médicos, todos particulares. Tô indo direitinho, tomando as medicações na hora certa e está tudo sob controle. *Ai, mamãe*”, sorri aliviada. A artista tem convênio estadual, já que é aposentada como servidora pública do estado, mas como a fila para consultas é grande e seu quadro necessita de pressa, ela arca com os custos médicos, incluindo medicamentos caros. O que ganha oferece esse bem-estar, na velhice pelo menos.

Mas nada disso impede de segurá-la de pé, cantando com o forte timbre de voz e ativa como nunca, tipo alguém que está no gás do começo de uma trajetória recheada de fama e holofotes. Lia não para de produzir.

Produzir é preciso

*Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar pro mar
Um peixe bom eu vou trazer*

A canção Suíte do Pescador, composta por Dorival Caymmi está na voz de diversos artistas, seja numa versão parecida com a original ou em ritmos mais frenéticos, como o axé, comum na terra natal do compositor, a Bahia. Porém, a letra narra um pouco da rotina de um pescador, personagem presente nos cenários das histórias cantadas por Lia. A semelhança da narrativa e a admiração por Caymmi levou a música ao *set list* de uma roda de ciranda que a pernambucana fez no Pelourinho, em Salvador, na terceira semana do mês de agosto de 2008. A Bahia vivia o desgosto e o luto de ter perdido o ilustre filho Caymmi, que tanto falou sobre os costumes, o cotidiano e

as características peculiares do povo baiano. Lia reuniu turistas, moradores do Pelô e toda gente da região para dançar ciranda e resolveu homenagear o compositor Dorival cantando Suíte do Pescador. Óbvio, foi ovacionada e arrancou emoções quando entoou os versos *Minha jangada vai sair pro mar / vou trabalhar / meu bem querer*. Caiu no gosto dos baianos. Era a voz da ciranda se misturando à energia da melodia de Caymmi. “Foi uma coisa linda. O povo cantou tanto, fez a segunda voz. Eu pensei: temos que colocar essa música no nosso repertório. Pedi a Beto e agora tem Caymmi no meu show também”, conta.

Lia gosta de ouvir de tudo: de Roberto Carlos a Ney Matogrosso; de merengue ao forró de Luiz Gonzaga. Tem incontáveis LP’s guardados em caixas dentro de casa, dos mais variados nomes e estilos. “Eu sou desse tipo que gosto de ouvir tudo, mas tem que ser música boa, que fale de amor, da natureza, da vida. Não quero essas *fuleiragens* não”, crítica se referindo a estilos mais atuais com letras de duplo sentido, o que ela chama de “música de gente sem-vergonha”. Essa característica eclética está presente no repertório atual que percorre suas viagens pelo país.

Eu vi mamãe oxum na cachoeira

Sentada na Beira do Rio

Colhendo lírio lirulê

Colhendo lírio lirulá

Colhendo lírio pra enfeitar o seu conga

O ponto de Umbanda “Mamãe Oxum” ganhou sonoridade na voz e melodia do cantor e compositor Zeca Baleiro. Lia incorporou a música ao repertório atual dos seus shows, O *set* também tem frevo, maracatu e bolero. É uma tendência do que ela tem feito desde o lançamento do álbum Ciranda de Ritmos, em 2008, CD com patrocínio da Petrobrás. A música Mamãe Oxum está no trabalho, inclusive, na faixa número 6. O disco é resultado de uma inquietação de Lia, que já estava sem lançar algo desde o CD Eu Sou Lia, no ano 2000.

*Moreno dengoso me dá um beijinho?
Que eu te dou uma rosa e todo meu carinho
Moreno em teus braços eu quero descansar
Todo meu cansaço até o sol raiar
Que lua tão linda me faz recordar
Nós dois bem juntinhos numa noite a cirandar*

Os críticos definiram o disco *Eu Sou Lia* como um novo rumo na carreira da artista e repetiram essa afirmação oito anos depois. É que o *Ciranda de Ritmos* também apresenta um caminho diferente na produção fonográfica da cantora. Lia reúne trabalhos autorais, inéditos e antigos. Também reúne possibilidades que caminham distante do seu ritmo principal, como a canção *Moreno Dengoso*, de José Bartolomeu, que exhibe uma melodia leve e romântica. “A gente sempre abre com ciranda, uma forma da gente apresentar meu trabalho de origem. Depois a gente recheia com coco, maracatu, o frevo, outras canções do disco, outras que colocamos especialmente em alguma apresentação e terminamos com ciranda”, explica Beto Hees. “Depois do disco percebemos que conseguíamos fugir da história de ficar somente na ciranda, até porque Lia é cantora, e como uma cantora ela pode cantar de tudo um pouco. A gente conversa, ela sugere, eu concordo e a gente toca”.

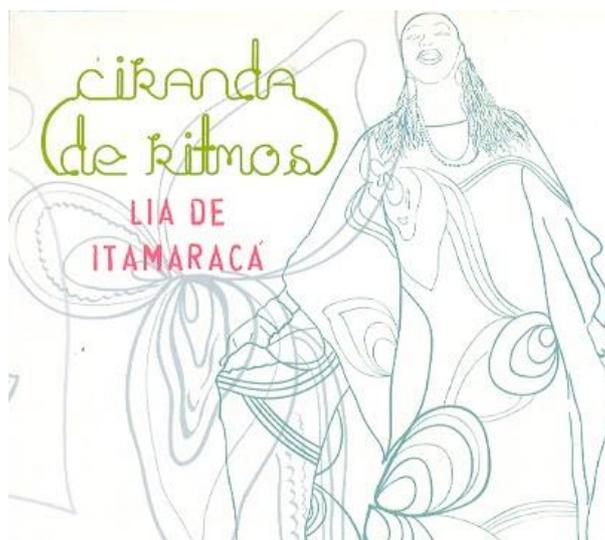


Figura 41

O CD Ciranda de Ritmos já está envelhecendo, completou uma década, mas ainda é um guia para o que ela tem feito desde então. Está unindo a ciranda a outras possibilidades. O produto é diferente do anterior, já que o trabalho do ano 2000 é menos sofisticado, nasceu de uma gravação despretensiosa em um teatro, remasterizado depois e pensado adiante. O Ciranda de Ritmos já foi mais cuidadoso, com direção artística do Potiguar Carlos Zens, que já tinha participado do Projeto Ciranda de Ritmos, o conjunto de shows que a anfitriã recebia outros músicos no seu Espaço Cultural. Já havia rolado outra parceria, essa foi durante a caravana do Projeto Pinxinguinha, da Funarte. Lia levou Zens para acompanhá-la nas apresentações do circuito. Com o novo CD, ela convidou o músico cuidar dos encaminhamentos do novo álbum, que recebeu R\$ 80 mil reais da Petrobrás, que abriu um edital com o seguinte mote “artistas que muito contribuíram para a cultura do país e não tiveram retorno de mercado”. O prêmio direcionou os recursos para artistas que se inscreveram para lançar seus trabalhos em frentes variadas, como na música, nas artes cênicas, plásticas, entre outras propostas. Por incrível que pareça, a cirandeira não apresentou qualquer ideia, mas a equipe que elaborou a premiação convidou Lia para que ela integrasse a iniciativa. Para participar, precisou elaborar um documento a ser aprovado pela Lei Rouanet. Depois do projeto aceito, a verba foi destinada para arcar da gravação do novo disco ao lançamento, com uma festa que aconteceu na Ilha de Itamaracá. Foi a maior quantidade de dinheiro que ela teve em toda a carreira para a produção de um disco. Dessa forma, o resultado é um produto com qualidade diferenciada, encarte especial e, claramente, nota-se a presença de direção artística e a preocupação no percurso do CD.

Além das músicas que já estavam no desejo dela de gravar, o disco também tem uma homenagem a Capiba, compositor e representante pernambucano do frevo, que também compôs letras para o Maracatu, como a canção “Verde Mar de Navegar”.

Batuqueiro que baque é esse?

É o baque de vossa alteza

E não há mais que outro baque?

Ó senhor mas é só tristeza

Cadê Leão Coroado?
Cadê Cambinda Brilhante
Cadê Cruzeiro do Forte
Maracatu Elefante
Olho o céu, olho para o mar
Verde mar de navegar

O Ciranda de Ritmos alcançou os palcos do Brasil e rodou todas as regiões do país em turnês e projetos de fomento. As modificações do repertório a partir da montagem original por causa do CD apontam para um novo trabalho, que já deveria ter nascido se não fossem as burocracias que estão impedindo o embrião de ganhar forma, vida e som. O que virá ainda não tem nome, mas já se mexe no campo das ideias esbarrando nos trâmites dos editais. “Já inscrevemos três vezes num edital do Funcultura aqui em Pernambuco, mas as três edições dão um ponto a mais na nota para entidades, grupos ou nomes que são do interior do estado, como no sertão, mas Lia é do Litoral. É um critério sem noção. Não estou desmerecendo ninguém, mas Lia atende a todos os critérios exigidos no edital, como por exemplo o valor cultural do artista, mas aí no interior também tem um fulano que atende a todos os critérios, mas no final ele ganha porque é de lá”, reclama Beto Hees. No entanto, esse tropeço, no olhar de Beto Hees vai além: “é pessoal também. A gente nota que existe uma panelinha que puxa a verba para outro lado. Pelo governo do estado a gente não tem tido muita sorte para gravar CD. Vamos atrás de outros parceiros para realizar isso urgentemente. Está na hora já e ela tá vibrando para lançar algo novo, surpreender”.

Os parceiros para a ideia já apareceram. São referências no cenário musical que querem dar corpo, sonorização e qualidade ao futuro disco da itamaracaense. Um desses nomes que desembarca na trajetória da cantora para somar e trazer um novo formato e roupagem é o DJ Dolores. O cara é conhecido na cena musical, sobretudo em Pernambuco. Revolucionou as aparelhagens no final dos anos 90 e ainda mais marcante a partir do ano 2000, misturando a sonoridade pernambucano ao remix, às batidas elétricas, ao moderno. Com o nome de batismo de Helder Aragão, o sergipano que chegou ao Recife em 1984 conheceu Lia na efervescência do *Manguebeat*, movimento

que também integrou quando se juntou a Chico Science e outra galera pensante do cena de Recife e Olinda. “O que eu quero fazer com Lia também é revolução. Precisamos explorar essa voz forte, rica em autenticidade, o timbre próprio, as características dela. Quero fazer surpreender, sair do lugar-comum que o que ela faz ainda denota. Dá para fazer ciranda com coisas diferentes, podemos remixar, modernizar e aparelhar. Vamos explorar a Lia cantora, que pode ser cantora do que quiser, não só do que já é até hoje”, propõe DJ Dolores. Ele deve assinar a produção musical do álbum que está a caminho, apesar dela não saber se está num ponto bem próximo ou muito longe, já que as burocracias estão atrasando o parto. Sobre as burocracias, Lia enfrenta todas e continua colocando a boca no trombone quando é preciso. Recentemente, teve que convocar a imprensa para denunciar que não estava recebendo os cachês dos shows realizados para o governo de Pernambuco. A decisão partiu depois de ser cobrada pelos músicos de sua banda. Cansada do descaso e da ineficiência na liberação dos pagamentos, a artista precisou recusar apresentações para o estado até que os recursos devidos não fossem pagos. “Meu filho, era uma coisa vergonhosa. Eu tava sem jeito já pra conversar com os músicos. Um ligava e dizia que estava sem gás em casa pra fazer comida. Outro me ligava pra falar das contas atrasadas. Eu entendia, mas não podia fazer muita coisa. Eu entendo porque é o povo que vive da música mesmo, dessas apresentações que fazem comigo e precisam colocar comia em casa com esse dinheiro que ganham”, desabafa. O anúncio da indignação foi feito no mês de janeiro, antecipando o carnaval de 2018, já que é presença constante nos palcos do poder público. Ela já estava recebendo programações e convites para os shows, mas os valores embargados eram referentes a junho do ano de 2017. Mais de sete meses depois, Lia permanecia sem respostas e sem previsão para liberação do dinheiro. “Quem não quer pegar mais shows? Todo artista quer e eu também queria, não vou mentir. Mas eu ia sair de casa com os músicos, me apresentar e esperar até quando? Não sabia quando ia receber mais uma vez, precisei me recusar”. Quando fala sobre esse assunto, é claro em seu rosto um tom de descontentamento e decepção, mas também é notável que Lia conhece bem o território que está pisando, uma vez que esse episódio não foi o único envolvendo atrasos de dinheiro. O que também é evidente é a coragem que ela tem para enfrentar essas situações, peito e raça

para contar a história e fazer esse tipo de protesto sempre que for necessário. Só assim, fazendo esse tipo de alerta, a Fundarpe, órgão responsável pela cultura do Governo do Estado, liberou os R\$ 37 mil reais referentes aos cinco shows realizados nos dias 7 de junho, 25 de julho, 28 de outubro, 12 e 25 de dezembro. Os responsáveis emitiram nota e culpam a Secretaria da Fazenda pela burocracia. Dessa forma, a cirandeira não esteve nos palcos patrocinados por este governo no carnaval de 2018. Com a recusa, a cantora se apresentou na cidade do Conde, na Paraíba; em Camaragibe, na região metropolitana do Recife; em Campo Grande, na zona norte da capital e no Pátio de São Pedro, também em Recife. As apresentações foram custeadas e pagas em tempo hábil pelas prefeituras dos municípios onde os shows aconteceram. “A Prefeitura de Itamaracá me convidou para abrir a folia de momo na cidade com Elba Ramalho. Veja que maravilhoso. Porém, eu teria que receber pela Fundarpe, já que o palco da cidade era polo do Governo do Estado. Recusei e não cantei na minha própria cidade durante o carnaval. Fazer o que, né? É a vida”, lamentou.

Molotov

Mas as angústias, consideradas janelas por Lia, são pequenas diante das oportunidades que ela chama de portas. “Deus fecha uma janela e abre uma porta pra gente”. É verdade, Lia. Essa afirmação é tão certa na trajetória dela que a cirandeira continua estando onde poucos outros artistas das tradições de raízes conseguem ficar.

“No ar no Coquetel Molotov”. Esse é o slogan que acompanha as 14 edições do Festival Coquetel Molotov. Não é uma festa que reúne nomes conhecidos da cena pop, rock, reggae, rap. É algo que mistura nomes alternativos de várias partes do país e cria uma massa homogênea de um público que curte a cena alternativa, tanto que muitos artistas e grupos que subiram aos palcos do evento ao longo de 14 anos estão mais ligados ao público que já conhece os respectivos trabalhos ou que aparece na mídia com menos frequência que outros nomes que estão em cena. Mas Lia também conseguiu ultrapassar essa barreira na edição de 2017. A ciranda rolou em dois momentos. Um foi uma espécie de encontro de celebração entre o Rapper

Rincon Sapiência, músico paulista apaixonado pela cultura afro e que faz a inclusões de sons da música negra ao seu projeto desafiador e que deu certo. Rincon já havia gravado a canção de Ciranda Moça Namoradeira no seu álbum Galanga Livre (Boia Fria Produções, 2017). “Sou um cara apaixonado por música afro, música afro-brasileira, afroindígena, fissurado em conhecer, em pesquisar sobre música. Então, pesquisando sobre música... encontrei o disco de Lia de Itamaracá e me interessei em saber sobre esse disco dos anos 70. Daí, os resultados foram conhecendo naturalmente. Consegui a autorização de Lia e de seu staff e gravei Moça Namoradeira”, conta Rincon numa entrevista que fiz por telefone com o rapper, que quando soube que era um trabalho a respeito de Lia, demonstrou felicidade e interesse em saber que alguém estava contando sua história.



Figura 42

“Nem todo mundo conhece a obra de Lia e sua grandiosidade, mas deveria. É uma cantora extraordinária, completa. Eu já recebi feedback sobre Lia e a ciranda dela até mesmo no exterior. É uma cantora preta das maiores fortes do Brasil, é rainha de um ritmo tão rico, e por mais que não exista a valorização numa vitrine que poderia ter até mesmo nos meios de comunicação, eu sei do poder e do valor que ela tem. Me sinto honrado demais em tê-la encontrado, de gravar uma obra dela e de ter cantado com ela no palco do Molotov. Uma honra”, elogia.

DIVERSÃO

Rincon Sapiência se encontra pela primeira vez com Lia de Itamaracá em show no Festival No Ar no Coquetel Molotov

Músico paulista sampleou a música "Moça Namoradeira", de Lia, em seu último álbum. O show dos dois está marcado para para este sábado

Por: Juliana Almeida, Folha de Pernambuco em 20/10/17 às 07H30, atualizado em 20/10/17 às 12H02



Sapiência é um substantivo derivado do latim que significa, entre outras opções, um grande acervo de conhecimentos. Basta escolher uma das músicas do rapper Rincon para ver que o sobrenome escolhido pelo artista faz sentido.

O número de referências é gritante e se mistura entre as rimas que retratam a vida na Zona Leste de São Paulo. Passeando pelas letras, ouvimos sobre racismo, violência, medo, pobreza, amores não correspondidos, fortalecimento que não se restringe a apenas um lugar do País.

Leia também:

[\[Video\] Filhas de Madonna cantam música de MC Kevinho](#)
[Festival estreia com peça impactante sobre racismo](#)

Figura 43

A jornalista Lenne Ferreira, da Revista Continente Multicultural, escreveu uma reportagem especial sobre a presença de Lia no Festival Coquetel Molotov de 2017. A repórter narrou momentos de preocupação e falta de estrutura para receber a convidada: *“Lia chegou ao Golf Clube ainda pela manhã, às 10h30, para a passagem de som, que não aconteceu porque o som nem havia sido montado ainda. Como também era convidada especial do rapper Rincon Sapiência, que regravou Moça namoradeira, teria uma segunda passagem, às 14h30. Lia esperou até o início da tarde. Após concluir o ensaio, como não tinha hospedagem, preferiu voltar para Itamaracá a ter de esperar para a hora da sua primeira apresentação, marcada para as 23h. Foram duas viagens de ida e volta a Itamaracá. Uma senhora de 73 anos enfrentar 192 km no mesmo dia. Algumas horas em um hotel recifense não devem custar tanto assim. Lia está acostumada a ouvir que é forte, como se costuma intitular as mulheres negras. Elas não aguentam o tranco? Não suportam mais dor antes do parto, como sugerem alguns médicos? Lia, que carrega a ciranda no lombo, não aguenta mais. É esse o tratamento que vamos continuar dando a uma majestade da cultura popular? Pouco importa que o evento tenha até 100% da programação preta se, nos bastidores, a gente ainda continuar reproduzindo velhos tratamentos. Não é novidade para ninguém a maneira como os artistas das manifestações populares são tratados em nosso estado. Os cachês são os mais baixos, não se disponibiliza hospedagem, o palco é sempre o menor.*

Foram seis interrupções de som durante a apresentação de Lia (um único gerador dava conta do Som da Rural e do Palco Aeso). Não tinha sequer um banco disponível para ela ou as Baracho sentarem. Ainda bem que tinha a Rural, onde Lia subiu, assumiu o volante e posou para os flashes com aquele sorriso de espuma do mar”, escreveu a jornalista num claro tom crítico à organização do evento no tratamento com a artista e numa evidente análise do olhar das produções aos artistas populares. Entretanto, o olhar da repórter também encontrou uma personagem para descrever a rica presença de Lia na sua terra Pernambuco: “De todas as atrações da noite de sábado do festival, a única que a segurança Ana conhecia era Lia de Itamaracá. Bem distante dos estereótipos físicos característicos de sua função, Ana era gordinha e estava com o cabelo trançado. Preta, moradora de Olinda, ganha a vida com diárias em eventos. Ela nem é frequentadora de rodas de ciranda. Ana curte mesmo é um pagode. Mas Lia é Lia. ‘Não tem como não conhecer’. Seu nome deveria integrar algum trecho do Hino de Pernambuco. Salve! Ó terra dos altos coqueiros. Salve! Ó Lia’. E não basta só ser chamada de “maravilhosa”, não. Ela quer um camarim para sentar e repousar antes de “divar”. Escalada pelo projeto Som na Rural, presente no evento, a cirandeira chegou vestida nas cores de lemanjá, acompanhada pelas filhas de Baracho, Severina e Maria Dulce. Foi a primeira vez em que as três integraram a programação do Coquetel Molotov, que está em sua 14^o edição”, narrou Lenne Ferreira na edição de 23 de outubro de 2017 da Revista Continente Multicultural. Apesar dos percalços e falha na organização do evento, Lia é uma figura que não reclama muito desse tipo de situação. Ela queria era fazer a ciranda rodar, o povo gostar e ir embora. O resultado também está na matéria da publicação: “Lia é mesmo de emocionar. Que os gritos e aplausos que a cirandeira escutou durante sua apresentação se revertam em apoio para a conclusão da reforma do Centro Cultural Estrela de Lia, em Jaguaribe, Itamaracá”, escreveu a jornalista. Os gritos e aplausos anunciaram que Lia estará na edição de 2018 do Molotov. “Eu canto em qualquer festival, não tenho isso. A ciranda é de todos e para todos. Vou pra festival de coco e ciranda, mas também faço Molotov. Eu num fiz o Abril Pro Rock? Então vou pra onde me chamarem, mas só vou se for pra fazer todo mundo dançar ciranda”, brinca Lia.

O legado pelo Brasil

Mais de seis décadas de carreira foram transportadas para dentro de uma sala. Fotografias, figurinos usados em shows, objetos pessoais de muito apreço e o universo de Lia foram utilizados na Exposição Lia – A Ilha e a Ciranda, que passou pelo Recife, Rio de Janeiro e Brasília a partir de 2013. As cidades foram convidadas a revisitarem a vida de Lia, em ambientes que aproximaram o público da artista, a mulher simples que muitos ainda acham se tratar de uma lenda. “Eu mesma vim para a exposição desde o começo, olhar tudo de pertinho para saber se as coisas estavam parecidas com minha vida, minha casa e comigo também. Quando o povo me via por aqui, queria me beliscar, me tocar, pra ter certeza que era eu mesma”, conta. A homenageada pela mostra observou os detalhes desde o começo do planejamento e montagem. Quis participar, opinar, sugerir onde colocar os objetos e sua estátua de lemanjá, que foi retirada do quintal de sua casa e levada ao Centro Cultural dos Correios, no Recife Antigo, no mês de outubro de 2013. A capital pernambucana abriu o circuito. A Ilha de Itamaracá não tem um museu ou salas de exposição para abrigar um trabalho como o que foi desenvolvido por Lia Letícia, uma pena, porque seria a chance dos conterrâneos de Lia conhecerem ainda mais sobre a filha famosa que a cidade gerou.

O que a curadora xará da artista levou o público a se sentir na Ilha de Itamaracá, antes mesmo de entender que estava conhecendo a vida da ilustre moradora do lugar. Redes de pesca coloridas confeccionadas com linha de crochê por um pescador, o azul do mar e o som da ciranda estavam na sala da mostra, afinal a Ilha e a Ciranda, nome da exposição, são elementos que não se separam. Um está para o outro. Mas ao mesmo tempo em que construiu esse ambiente intimista, a curadoria pensou em trazer o assunto para a contemporaneidade e levou a tecnologia para a exposição. Ao Diário de Pernambuco, Lia Letícia disse que a nobreza de Lia e a permanência dela no mundo da música no cenário contemporâneo mereciam algo mais moderno e por isso foi feito um projeto mais ousado com projeções e interações multimídia para completar isso. O trabalho foi feito em parceria com a empresa 3 Ecologias.

Seis ambientes foram criados para compor o cenário geral da exposição. As boas-vindas eram feitas pela boneca gigante de Lia, produzida em Olinda pelas mãos de um dos artistas mais conhecidos nesse ofício, Sílvio Botelho, criador de outros bonecos gigantes, personagens que caracterizam a folia de rua que é o carnaval da cidade histórica. A calunga de Lia substituiu a homenageada nas exposições, já que nem sempre poderia aparecer em carne, osso e disposição para o público que foi conferir a mostra em Recife por mais de dois meses. Em algumas ocasiões, além de parar para fotografias ao lado dos fãs, a cirandeira também fez shows no Centro Cultural dos Correios.



Figura 44

Outro ambiente muito visitado na exposição foi a casa de Lia, pintada toda na cor laranja no espaço reservado para a mostra. As paredes foram cobertas com fotografias da família da artista e da própria cantora em momentos importantes da carreira. As molduras penduradas também continham recortes de jornal. Os simples objetos pessoais de uma vida humilde ainda foram dispostos na sala da casa remontada. Ali, naquele ponto da exposição, Lia passou a maior parte do tempo, sobretudo para explicar aos visitantes a importância da mãe Dona Matilde, lembrada em um antigo retrato pendurado numa moldura barata.



Figura 45

Para aproximar o público ainda mais da Ilha de Itamaracá, a exposição tinha sons subaquáticos, causando uma forte sensação de estar na beira da praia ou num barco no mar. E para se sentirem numa festa, quanto mais pessoas entrassem em uma das salas, o som de uma ciranda ia crescendo, com barulho de vozes e diálogos, de instrumentos e ruídos do ambiente, como se a roda de ciranda em um show na beira da praia fosse aumentando à medida que mais pessoas iam chegando para a brincadeira.

As homenagens, a admiração pela artista e os depoimentos de quem a conhece há muito tempo foram registrados em vídeos expostos em dez monitores, ligados a fones de ouvido, onde as pessoas puderam descobrir detalhes da vida da artista contados por amigos de infância, músicos, produtores musicais, moradores da Ilha de Itamaracá e com narrações em segundo plano pela própria Lia.



Figura 46

A ideia da exposição partiu da própria Lia, em parceria com Beto Hees. Eles foram em busca de incentivo dos Correios para levar ao povo um pouco mais da notória trajetória da cirandeira patrimônio vivo. A instituição destinou mais de 400 mil reais para a mostra que percorreu Brasília, Rio e Recife com as casas cheias, precisando prorrogar o término das exposições em todas as cidades. “Eu me arrepiei toda quando vi tudo aquilo. Era igualzinho, menino. Tudo igual. Fizeram um trabalho muito maravilhoso. Parecia que eu tava vendo minha vida todinha, desde o comecinho. Sem contar que aqueles sons, aqueles barulhos, a rede de pesca, os meus objetos, me levaram pra minha casa e pra Itamaracá, mesmo eu não estando lá”, diz Lia.

Lia atriz

A boneca gigante confeccionada por Sílvio Botelho é levada por um pescador numa baiteira, uma pequena embarcação de madeira, chamada dessa forma pelos moradores da Ilha de Itamaracá. O pescador usa uma longa vara para atravessar o manguezal. Depois, a boneca caminha na extensa faixa de areia da Praia do Sossego. Arrumada com um vestido branco com a parte superior amarelo-cintilante, a calunga aparece com lábios vermelhos, cabelos cacheados e postura ereta, como a personagem real. Ao fundo, o som dos batuques da ciranda e das pancadas das ondas do mar soam lentamente. Depois, Lia, não a boneca, também aparece caminhando na beira da Praia, ao encontro de sua sócia. Músicos, mulheres vestidas com roupas comuns no candomblé e pessoas de mãos dadas numa roda de ciranda estão à espera de ambas, que se juntam a todos e iniciam a festa na beira da praia, numa tarde de sol, com a maré seca e curiosos admirando a brincadeira. Esse cenário é o início do curta-metragem “O Mar de Lia”, de Hanna Godoy e Márcia Mansur, rodado em 2010 pela produtora Olaria Cultural. O enredo começa no ambiente preferido por Lia, a beira da praia. É a partir desse lugar que a cirandeira vai narrando sua trajetória. Os depoimentos acontecem dentro de casa, enquanto prepara uma comida e depois no balanço de uma cadeira no terraço de casa. O marido Toinho também aparece no documentário para contar como a relação dos dois começou.

Assim como no curta “O Mar de Lia”, a Rainha da Ciranda demonstrou sua afinidade com as câmeras e com o cinema em produções amadoras, acadêmicas, curtas, longas e para minisséries na televisão. Lia também brilha nas telas. Mas é preciso dizer algo que pouca gente acredita. A cirandeira, ora atriz, ora cantora, é tímida. “Eu faço essas coisas, participo de programa de TV, de filme, do que me chamar, mas eu me sinto à vontade mesmo é no palco cantando”. “Mas por qual motivo? É um pouco tímida”, pergunto, achando que a resposta seria qualquer uma, menos a que ouvi. “Sou sim. Eu falo com quem eu conheço, sento pra conversar com quem conheço, mas para falar assim pra TV eu fico um pouco acanhada porque não sei se estou falando o que deveria. Também tem muita luz, muita arrumação, muito babado. Eu tiro foto com quem pedir, dou minhas risadas, mas sou tímida pra algumas coisas”, assume, com um tom de simplicidade em sua fala, embora a essa altura das nossas conversas já estivesse acostumada comigo invadindo sua intimidade.



Figura 47

O bacana é que em quase todas as atuações a cirandeira interpretou a si mesma. A única vez que precisou incorporar um personagem de ficção foi no Memorial de Maria Moura, longa-metragem da cineasta Leilany Fernandes, baseado na obra de Raquel de Queiroz, rodado no ano 2000, que nunca foi finalizado. Lia também fez uma ponta na minissérie Riacho Doce, da Rede Globo, em 1990. A oportunidade surgiu porque as gravações do trabalho aconteceram na praia de Carne de Vaca, na cidade de Goiana, próxima à

Itamaracá. Outra parte da minissérie foi gravada em Fernando de Noronha, também em Pernambuco. “Encantada” foi outro material que relaciona Lia à Ilha de Itamaracá. Em um passeio de barco, a cantora percorre o Canal de Santa Cruz, entre os municípios de Itapissuma e Itamaracá e narra sua vida em fragmentos que vão sendo divididos com imagens de Lia pelas praias da Ilha. Ao final de Encantada, ela canta sem a companhia de instrumentos os versos de Reginaldo Rossi: *Itamaracá é uma ilha encantada, lugar mais bonito que eu vi*, o que inspirou a produtora Lia Letícia a construir o título do curta-metragem. O filme foi premiado no festival FestCine.

A rainha também participou da obra Parahyba Mulher Macho (1983), de Tizuka Yamazaki. A cantora já foi transformada em desenho animado pelo animador Lula Gonzaga, no clipe que produziu para a música Eu sou Lia. Esse é o mesmo nome de um documentário de Karen Akerman, lançado em 2003. Sangue azul (2014), de Lírio Ferreira, também tem a participação dela, no qual também aparece em sua vida real, como cirandeira, no roteiro de uma história de dois irmãos que são separados na Ilha de Fernando de Noronha. A maioria desses trabalhos está disponível no Youtube.

As esculturas naturais formadas nas rochas do Lajedo de Pai Mateus, em Cabaceiras, no interior da Paraíba estão sendo captados pelas lentes dirigidas pelo cineasta pernambucano Kléber Mendonça Filho, que agora encaminha o filme Bacurau. Kléber dirigiu e escreveu o premiado longa Aquarius (2016), um drama misturado com suspense que narrou a vida de uma viúva recifense, última moradora de um prédio da orla da Praia de Boa Viagem que está sob a mira do mercado imobiliário. O próximo filme do cineasta pernambucano repetirá uma parceria com Lia de Itamaracá, que esteve no esquisito, intrigante e curioso Recife Frio (2009), o documentário-ficção que se tornou no curta-metragem mais premiado desde 1989, quando Jorge Furtado lançou Ilha das Flores.

Em Recife Frio, uma mudança climática invadiu o Recife, transformando a terra quente numa cidade gelada, a ponto de construir personagens com agasalhos, luvas, cachecóis, figurino inimaginável para a cidade pernambucana. Lia apareceu bem vestida, com casacos pesados e gola alta, bem protegida da frente fria que transformou a ilhota da Coroa do Avião, em Itamaracá, num cenário cinza, tomado pela geada elaborada na fotografia do

curta. No entanto, nada alterou a rotina da cirandeira, que mais uma vez apareceu em um material cinematográfico dançando e cantando ciranda, rodeada de outros dançarinos na beira da praia. É com essa ciranda que o filme termina. “Eu gostei demais, mas achei estranho esse negócio de nevar aqui em Itamaracá e pelas bandas do Recife. Quem já viu isso? Um calor da moléstia e de repente chegar um frio daqueles que o filme mostra? *Eu, hein!*”, se espanta. E sobre esse lado atriz, ela brinca: “eu sou pau para toda obra. Topo tudo, faço do meu jeito, todo mundo gosta e me chamam para participar de novo. E eu vou”.



Figura 48

O cineasta Kléber Mendonça Filho falou do desejo antigo de trabalhar com Lia de Itamaracá e isso cresceu ainda mais quando estava escrevendo Recife Frio. “Lia é uma das artistas brasileiras que eu mais admiro. Ela é pernambucana e por sorte minha eu também. Eu não sou só apaixonado pela maneira como ela canta, como sou apaixonado pela maneira que ela canta. Eu nunca tive a oportunidade de ver Lia na tela, tão grandona. Quando eu estava em Itamaracá gravando a cena da beira da praia num dia cinzento e chuvoso, e quando eu vi a imagem dela pela câmera, fiquei emocionado. Fiquei muito feliz em poder trabalhar com ela poder colocá-la bem grande, num close. A gente trabalhou muito no filme pra ela ficar muito bonita. Foi dessa forma, cantando e sorrindo, que ela encerrou o filme”, relembra. O cineasta não quis dar detalhes da participação da artista em Bacurau, o longa que está sendo gravado na Paraíba, mas garantiu que ela está se saindo tão bem quanto em Recife Frio.

Lia do Frevo, dos palcos e do futuro

Acorda, Recife, Acorda

Que já é hora de estar de pé

Vem que o galo chegou no bairro de São José

Vem, vem menina, vem conhecer o Galo da Madrugada

A música Hino do Galo, composta por Amelinha em 1995 é um anúncio do Sábado de Zé Pereira. É um convite na aurora dos recifenses para um encontro tradicional: o desfile do maior bloco carnavalesco do mundo, o Galo da Madrugada, erguido sobre as pontes da Veneza Brasileira em 1978. A ave gigante nas cores vermelho, amarelo, verde, azul e branco atrai olhares de curiosos e carnavalescos apaixonados. O Galo da Madrugada bateu recordes. Segundo a organização da troça, em 2017 e 2018, a agremiação arrastou 2,5 milhões de pessoas. Uma curiosidade: o galo mesmo não sai do canto. Os trios elétricos, as orquestras de frevo e os estandartes, inclusive o original do bloco, é que passeiam pelas ruas apertadas do comércio do Recife Velho. E uma multidão, claro, no escaldante calor da capital pernambucana.

Em 2018, o Galo da Madrugada prestou uma homenagem ao jornalista e repórter da TV Globo, Francisco José, que tanto cobriu os desfiles do Galo. Em 2019, Lia de Itamaracá desfilará pela primeira vez na troça tradicional. Está na lista das figuras femininas que serão homenageadas pelo bloco. No 41º ano, a organização vai se inspirar na música Frevo Mulher, de Zé Ramalho, para celebrar nomes de cantoras pernambucanas que contribuem para o carnaval pernambucano, a exemplo de Nena Queiroga, Nádia Maia, Gerlane Lopes, Irah Caldeira e Michelle Melo. O tributo também se estende a cantoras de fora do estado que têm tradição nos desfiles, como Fafá de Belém, Luiza Possi e Lia Sofia. “Já fui ao Galo várias vezes, para acompanhar o desfile, para me divertir, ouvir frevo e também como convidada do governo nos camarotes oficiais, mas homenageada mesmo é a primeira vez. Alegria grande, viu? O Galo é conhecido por muita gente, até no exterior. Tô honrada e animada com essa homenagem linda”, agradece Lia. E essa não é a primeira vez que a cantora desfilará para uma multidão. Em 2008, ela esteve em um

dos carros alegóricos no Sambódromo, no Rio de Janeiro. Naquele ano, a Escola de Samba Mangueira prestou uma homenagem ao Frevo pernambucano.

O Frevo, Patrimônio Imaterial de Pernambuco, faz parte do repertório de Lia. Ela resolveu incorporar músicas de Frevo ao seu *set list* para fazer o público ferver em seus shows. “Tem a hora do coco, tem a hora do maracatu, tem outras músicas novas, então tem que ter o frevo, né? Até porque o povo de fora quando lembra de Pernambuco lembra do frevo. E todo mundo quer saber dançar, mesmo sem nem saber pra onde vai. Eu mesmo não sei dançar frevo. Não é pra qualquer um”, brinca. Se não tem os passos de vassouras, difíceis pra iniciantes e até para alguns pés de valsa, tem sombrinha. Lia leva o adereço colorido para os palcos”.



Figura 49

Lia também leva para os palcos Biu e Dulce, que fazem a segunda voz em suas canções. As Filhas de Baracho, como são chamadas, respondem aos cocos e também antecipam o show da estrela maior. “Ela deu continuidade ao que meu pai tanto lutou para manter viva. Na ciranda de Lia, é como se eu e minha irmã, a gente estivesse também ao lado do nosso pai, até porque Lia canta as músicas que ele costumava cantar. É a brincadeira que ele mais gostava de brincar”, relembra Dulce. Nos palcos de Lia também há o som do trombe de Biu Negão, que já acompanha a cirandeira há longos anos, temporada que ele já perdeu as contas. “É muito bacana trabalhar com essa mulher. É a melhor cantora com quem já tive o prazer de trabalhar. Nunca levei uma reclamação de Lia. Nunca fui pra casa chateado com ela. É só alegria mesmo”, elogia o músico. Ao palco da rainha também sobe a melodia do

trompete de Bibiu, outro parceiro veterano de trabalho. “É minha segunda mãe, minha grande amiga. Já vivemos muita coisa boa nessa parceria. A ciranda de Lia também é a minha ciranda. A música dela é a minha música. E sem ela, não tem nada disso”, orgulha-se. Até pouco tempo, outro integrante fazia parte da banda que acompanha a artista ao longo de muitos anos, grupo que pouco teve modificações nas últimas duas décadas. Tom Jaime se despediu neste dia 30 de agosto de 2018, transformando um pouco em silêncio a festa que ele, Lia e os companheiros faziam juntos. Ele, no sax. Um personagem carimbado nos shows da artista, um senhor de poucos cabelos brancos na cabeça, uma figura que lembrava muito o Papa Francisco, semelhança que Lia lembrou nas redes sociais numa homenagem que prestou na despedida do amigo, texto postado por Beto Hees a pedido dela: “Tom Jaime me acompanhou nos últimos 18 anos, operário da música, tocava no Bloco da Saudade e na Ciranda de Lia, além de fazer outras mil coisas, projetos ou ações. Sua presença era sinônimo de paz, o Papa, como nós da ciranda o chamávamos. Deixa muita saudade e tristeza”.



Figura 50

Toinho, o esposo, além de Ganga e Beto, já descritos nesta livro-reportagem, completam o time que acompanham os passos da cirandeira. É com esses amigos, músicos e parceiros de trabalho que a Preta Cirandeira sobe ao palco. Neste mesmo palco, cenário de suas maiores alegrias, também sobe a desconstrução de que Lia é lenda, mas a afirmação de que é um **Mito**. Sobe ainda a Lia **Mulher**, portadora de uma incrível trajetória artística, de insistência, resiliência e coragem. Dona de uma

caminhada de vida que causa inveja, que conquista admiradores e reafirma um coração gigante que bate no peito de um corpo tão grande quanto sua energia. E neste palco, sobretudo, sobe a **Ciranda**, seu bem maior.

*Mas eu vivo na beira da praia
Ouvindo as pancadas do mar
Minha vida não é mais aquela
E agora eu vou é cirandar
Minha vida não é mais aquela
E agora eu vou é cirandar*

Considerações

É provável que este trabalho, a parte jornalística dele, não terminaria aqui pelo comprimento da estrada percorrida por esta personagem. É certo que se não tivéssemos feito um filtro e um recorte de fragmentos para abordar e narrar, este trabalho não se encerraria neste ponto específico.

Foi um longo caminho para a elaboração de um livro-reportagem perfil tão denso. Um livro que, inclusive, caberia como uma biografia sobre a história de vida de uma das mais respeitadas artistas da cultura popular de raiz do nordeste brasileiro, talvez do próprio país. Lia de Itamaracá foi incansável, como uma fonte a colaborar com um repórter para a construção de uma longa matéria investigativa. Maria Madalena Correia do Nascimento se mostrou uma perfeita narradora da própria história, sem receios e censura ao que foi questionada, construindo essa narrativa em palavras, gestos e cenários. Abriu as portas de sua calçada, me recebeu em calçadas, interrompeu suas caminhadas na rua e praia e aceitou falar também fora de sua própria casa, como na residência do seu produtor. Mexemos em alegrias, memórias, angústias, frustrações e intimidade. Lia não recuou.

No percurso para a elaboração deste trabalho, me espelhei em outros brilhantes relatos de produtos jornalísticos construídos no mesmo curso de mestrado profissional em jornalismo, a exemplo de *Maestro Chiquito*, de Adeildo Vieira e *Mães na Dor*, de Bruna Vieira. Ambos parecidos, ambos com análises e conteúdos diferentes. Em *Maestro Chiquito*, há um perfil de um artista. Em *Mães na Dor*, há vários perfis transcritos. Em um, há conteúdo de mais felicidade, cor e música. No outro, há conteúdos de dor, luto e sofrimento. Dos dois, recolhi técnicas e formatos de narrar.

Na caminhada para a conclusão deste livro-reportagem, cruzei os estados da Paraíba e Pernambuco incontáveis vezes, para adentrar no universo de Lia, sua cidade Ilha de Itamaracá, no litoral de Pernambuco. Por sorte, essa é a minha cidade, o que de alguma maneira propiciou o encontro de depoimentos de amigos, familiares e moradores da cidade. É claro, também, que essa relação com o lugar também facilitou para uma narrativa mais cheia de propriedade e mais íntima, o que é perceptível na descrição da Ilha no capítulo *O Reino de Lia*. Mas ainda dessa forma, lidei com as dificuldades

relacionadas ao fator tempo. Por ser artista, Lia está empenhada em seus shows e viagens ao lado do produtor Beto Hees, outro interlocutor e narrador dos episódios vividos por ela. Sem eles, a coleta dos principais depoimentos precisaram esperar várias vezes. Além disso, precisei conviver com o meu fator tempo, entre as disciplinas da pós-graduação o trabalho como repórter na Rádio CBN João Pessoa, as inúmeras viagens a trabalho e a vida social, que perdi um pedaço nesses últimos meses. Há também o fato que esse trabalho nasceu com atraso, uma vez que o radiojornalismo seria a temática estudada por mim, tema que me levou a aprovação no Mestrado em Jornalismo. Este trabalho nasceu da inquietação de narrar algo mais próximo da minha realidade, não necessariamente da vida profissional, mas da história de vida. A ciranda de Lia está, sem dúvida, presente nesta história.

No percurso de percalços dessa construção, também compreendi o quanto a cultura popular de raiz é cartão-postal para o país, estados e municípios. Na mesma dimensão que é apresentada como tradição, calendário e característica de um lugar, é também esquecida e abandonada pelo poder público na maioria das vezes. Os artistas populares, por mais interessantes e brilhantes que sejam, penam para conseguir sobreviver dos seus trabalhos. Mais ainda: penam para conseguir preservar o que fazem de maneira natural e com simplicidade. Brincando, apresentando essas manifestações, essas pessoas retratam as próprias vidas, suas e de seu povo; suas e das comunidades onde vivem. No entanto, a maior parte desses brincantes sofrem com as poucas políticas de incentivo e com a exploração dos seus produtos, ganhando muito menos do que merecem, inclusive menos reconhecimento do que poderiam ter.

Nestes quase 30 meses de pesquisas, avaliações, análises de material e dados, seleção de fotografias e exploração bibliográfica, pude compreender os diversos formatos do livro-reportagem e como o jornalismo profundo caminha com as características do jornalismo literário. Os bons textos levam os leitores ao universo do que está sendo contado. Fazem esse passeio de tal maneira, que quem lê essas reportagens, sai de uma prazerosa leitura entendendo que o jornalismo pode ser mais que um lide e alguns parágrafos. No entanto, a realidade do cenário atual das redações tem impedido a construção de narrativas transformadoras e diferenciadas. Isso é lamentável para o jornalismo

e para as novas gerações de jornalistas que estão chegando neste momento ao mercado de trabalho. Triste ainda para os que permanecem nas redações e não podem desenvolver trabalhos de qualidade, como perfis dignos de um livro-reportagem e que merecem espaços maiores, que talvez não consigam ser traçados em uma página de jornal, nem em uma reportagem de TV, Rádio e Internet.

Portanto, a construção deste livro-reportagem, produto final de um trabalho de mestrado, me deu a oportunidade de narrar a história de uma personagem e ao mesmo tempo a minha própria maneira de enxergá-la, olhar que recebeu colaboração de outros olhares, a exemplo das inúmeras fontes investigadas na elaboração de um relato profundo a respeito de alguém. Ao contar a história de Lia, eu também contei parte da minha história, já que estou tão ligado ao cenário que ela escolheu cantar em seus versos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simão Farias. **Livro-reportagem: história, teoria e prática**. João Pessoa: Ideia, 2011.

ANDRADE, Marcelo Henrique. **Lia é da Ciranda e do Samba**. Revista Nordeste. Ano 2, número 20. p.63 a 64. João Pessoa, 2008.

ARANTES, Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. São Paulo: Globo, 1992.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folgedos e danças de Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário: Teoria e Análise**. Florianópolis: Insular, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura, 1962.

CAVALCANTI, Josete. **Ilha de Itamaracá histórias e lendas**. Recife; Ed. Do Autor, 2006.

CORREIA, Cibelly. **Closes: Narrativas literárias sobre vida e obra de artistas paraibanos**. 2016. 125f. Livro-reportagem (Mestrado em Jornalismo –

Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa).

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DORNELAS, Edgar. Lia de Itamaracá: **radiodocumentário sobre o patrimônio vivo e histórico de Pernambuco**. Recife: Uninassau, 2016.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, cap. 4.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 4. p. 62-83.

ECO. Humberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira**. São Paulo: Ulbra, AGE, 1999.

_____. Novo jornalismo. **Onde está o problema? História, Cultura, Comunicação**. 24.mai.2009. Disponível em <www.jsfaro.net> . Acesso em 02 mai.2017.

FERNANDES, Millôr. **A Entrevista**. Porto Alegre: LP&M, 2011.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1989.

KUNSCH, Dimas. **Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística**. *Communicare: revista do Centro interdisciplinar de Pesquisa*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, v.5, n.1, p.43-54, sem 1. 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 21^o edição. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

_____. **CONCEITOS**. Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Disponível em: <www.abjl.org.br> . Acesso 25 de jun.2017

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1978.

OLIVEIRA, Leônidas. **Ciranda pernambucana: uma dança e cultura popular**. Recife: Faculdade Fafire, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. 2. Ed., 3^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações**. São Paulo: Universidade Metodista, 2008.

RABELLO, Evandro. **Ciranda: dança de roda, dança da moda**. Recife: Ed. Universitária, 1979.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hackers Editores, 2001.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 4. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

SQUARISI, DAD. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia. Uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz. Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

VIEIRA, Adeildo. **Livro-reportagem Maestro Chiquito: o metalúrgico dos sons**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016. Disponível em: <https://simposiojornalismomultiplataforma.files.wordpress.com/2015/10/livro_reportagem_adeildo_completo_16_01_2017.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2017.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **A Arte do perfil. In: Perfis: o Mundo dos Outros. / 22 Personagens e 1 Ensaio**. 03. ed. São Paulo: Manole, 2014. p. 271-287.
Disponível em: <www.sergiovilasboas.com.br/a-arte-do-perfil> Acesso em 05 ago.2017.